

OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA
MENSAL

Fundada em 1938

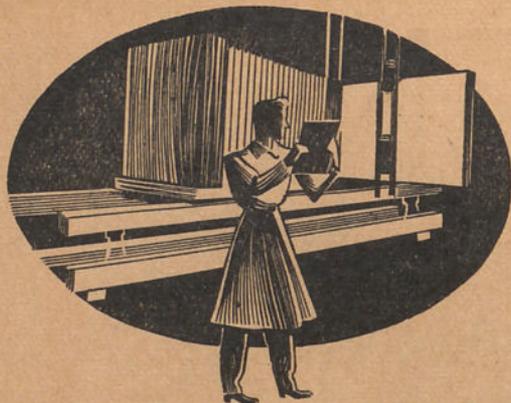
N.º 143

VOLUME XXXVIII

MARÇO, 1950



DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR — ÁLVARO PINTO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIP. DA EDITORIAL IMPÉRIO, L.^{DA} — LISBOA



A fotografia é a base...

de toda a gravura. Material moderno, fotógrafos especializados neste género de trabalho são condições primárias para a obtenção de bons clichés. A melhor aparelhagem fotográfica e uma equipa de fotógrafos com longa prática, mantém há muitos anos a categoria de primeiros fotografores do país a

BERTRAND (IRMÃOS), L.^{DA}

T. DA CONDESSA DO RIO, 7 - TELEF. P. B. X. 21227-21368-32574 - LISBOA

A COVINA

PRODUZ QUASE O DOBRO

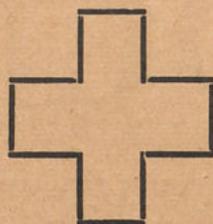
DA CHAPA MECÂNICA

DE VIDRO

QUE É CONSUMIDA

NA METRÓPOLE

E NAS COLÓNIAS



SELOS

da

Cruz Vermelha Portuguesa

Aplique sempre na sua correspondência um selo da Cruz Vermelha Portuguesa, Instituição das mais nobres e beneméritas.

Os selos vendem-se na sede da Cruz Vermelha — Palácio do Conde de Óbidos Jardim 9 de Abril — Lisboa

Carolina Michaëlis de Vasconcelos

NOTAS VICENTINAS

Preliminares duma Edição
Crítica das Obras de Gil Vicente

NOTAS I A V

incluindo a Introdução à
edição facsimilada do
Centro de Estudos Históricos
de Madrid

1 volume de 664 páginas, 22
facsímls e extensos índices 150\$00
Edição especial numerada de
1 a 100 180\$00

Edição da Revista 'Ocidente'

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR: ALVARO PINTO
GERENTE: MARIA AMÉLIA M. DE AZEVEDO PINTO

OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA MENSAL
FUNDADA EM 1938
SAI NO DIA 1 DE CADA MÊS

SUMÁRIO DO N.º 143 / VOLUME XXXVIII /

EM PROL DA CULTURA (Com artigos de D. João de Castro, 'Diário de Lisboa' e Julião Quintinha e a adesão da Liga Portuguesa de Profilaxia Social) — Pág. 121/128.

MARIA DE SANTA ISABEL — «Eu» — Versos — Pág. 129.

ALFREDO DE CARVALHO — «A Escola Aquitânica — Os estatutos e a disciplina — XI — O prólogo do regulamento» — Pág. 130/136.

J. REIS GOMES — «O Comunismo e a Arte» — Pág. 137/139.

AMÉRICO DURÃO — «Canção de embalar» — Versos — Pág. 140.

RODRIGUES CAVALHEIRO — «Sob a Invocação de Clio — Uma grande figura de mulher» — Pág. 141/143.

DIOGO DE MACEDO — «Notas de Arte — Endereço à prima Clotilde — Um panorama de revisão — Mudanças e saudades» — Pág. 144/148.

LUIS CHAVES — «Nos Domínios da Etnografia e do Folclore — No folclore da louça caseira — No adagiário: anexins e anexins — Nas adivinhas: — Que é? que é? — Qual é a coisa? Qual é ela? — Da louça de barro à louça de ferro — A louça dos guisos e dos

chocalhos — Peças — Pág. 149/153.

AUGUSTO MORENO — «Tico» — Pág. 154/156.

MÁRIO BEIRÃO — «neto» — Pág. 156.

BIBLIOGRAFIA — TRO OSÓRIO, R.

outras — Pág. 157.

Livros recebidos — «Teatro Nacional de

ALVARO PINTO — Pág. 169/176.

ILUSTRAÇÕES

Fac-símiles do frontispício

Regulamento de estatutos — «Schola Aquitânica» — J. Reis Gomes — Re

AMÉRICO MARINHO

SUPLEMENTO

JOÃO DE CASTRO — «A Justiça» — Co

Gracián e Tomás de Aquino — Prol da continuação — Pág. 3

ASSINATURA

Portugal — 6 meses 95\$00; Ano 180\$00
Colónias portug. e Espanha ... » 190\$00
Brasil » 180 cr.
Estrangeiro, dollars U. S. » \$ 10.00

Com direito aos números especiais

NÚMEROS

Portugal
Colónias portug. e Espanha
Brasil
Estrangeiro, dollars U. S.

Números atrasados

REVISTA DE PORTUGAL — SÉRIE A — LÍNGUA PORTUGUESA
FUNDADA EM 1942

Publicados os n.ºs 1 a 82 — cada fascículo 17\$50 — Assinatura de

DIRECTOR — ALVARO PINTO

ADQUIRA A 2.ª EDIÇÃO DO N.º 1 (MAIO DE 1938) — 1\$

CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL
(ANTIGO COLOCCI-BRANCUTI)

Leitura, Comentários e Glossário por

Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado

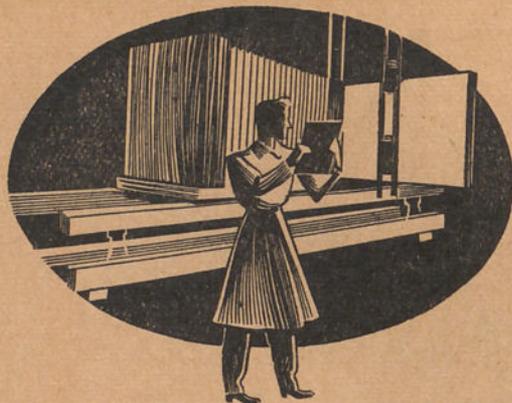
1.ª edição integral do mais extenso e completo dos Cancioneiros Medievais Portugueses

Volume I, com 408 páginas e 80 de fac-símile — 150\$00; edição especial — 250\$00. Enc. 280\$00 e 400\$00.

Assinatura de 5 tomos, a partir do 6.º — 125\$00. Edição especial — 225\$00.

A obra completa deve constar de 40 tomos em 8 volumes

Edição da 'Revista de Portugal' — LISBOA — PORTUGAL



A fotografia é a base...

de toda a gravura. Material moderno, fotógrafos especializados neste género de trabalho são condições primárias para a obtenção de bons clichés. A melhor aparelhagem fotográfica e uma equipa de fotógrafos com longa prática, mantêm há muitos anos a categoria de primeiros fotografores do país a

BERTRAND (IRMÃOS), L.^{DA}

T. DA CONDESSA DO RIO, 7 - TELEF. P. B. X. 21227-21368-32574 - LISBOA

A
COVINA

PRODUZ QUASE O DOBRO

DA CHAPA MECÂNICA

DE VIDRO

QUE É CONSUMIDA

NA METRÓPOLE

E NAS COLÓNIAS

Cruz V

Aplique s
dência um
Portuguesa
br

Os selos v
Vermelha
Jardi

Carolina 1

VIC

Prelim
Crítica da

incluind
edição
Centro

1 volume d
facsímes
Edição espe
1 a 100

Edição

S
CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL
(ANTIGO COLOCCI-BRANCUTI)

Leitura, Comentários e Glossário por

Elza Pareco Machado e José Pedro Machado

1.ª edição integral do mais extenso e completo dos Cancioneiros Medievais Portugueses

Volume I, com 408 páginas e 80 de fac-símile — 150\$000; edição especial — 250\$000, Enc. 280\$000 e 400\$000.

Assinatura de 5 tomos, a partir do 6.º — 125\$000. Edição especial — 225\$000.

A obra completa deve constar de 40 tomos em 8 volumes

Edição da 'Revista de Portugal' — LISBOA — PORTUGAL

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR:
ÁLVARO PINTO
GERENTE: MARIA
AMÉLIA M. DE AZEVEDO PINTO

OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA MENSAL
FUNDADA EM 1938
SAI NO DIA 1 DE CADA MÊS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DE S. FELIX, 41-1.º DT.º — OFFICINAS: EDITORIAL IMPÉRIO, LDA, R. DO SALTRE, 155, 1.º — LISBOA

SUMÁRIO DO N.º 143 / VOLUME XXXVIII / MARÇO DE 1950

- EM PROL DA CULTURA** (Com artigos de D. João de Castro, 'Diário de Lisboa' e Julião Quintinha e a adesão da Liga Portuguesa de Profilaxia Social) — Pág. 121/128.
- MARIA DE SANTA ISABEL** — «Eu» — Versos — Pág. 129.
- ALFREDO DE CARVALHO** — «A Escola Aquitânica — Os estatutos e a disciplina — XI — O prólogo do regulamento» — Pág. 130/136.
- J. REIS GOMES** — «O Comunismo e a Arte» — Pág. 137/139.
- AMÉRICO DURÃO** — «Canção de embalar» — Versos — Pág. 140.
- RODRIGUES CAVALHEIRO** — «Sob a Invocação de Clio — Uma grande figura de mulher» — Pág. 141/143.
- DIOGO DE MACEDO** — «Notas de Arte — Endereço à prima Clotilde — Um panorama de revisão — Mudanças e saudades» — Pág. 144/148.
- LUÍS CHAVES** — «Nos Domínios da Etnografia e do Folclore — No folclore da louça caseira — No adagiário: anexins e anexins — Nas adivinhas: — Que é? que é? — Qual é a coisa? Qual é ela? — Da louça de barro à louça de ferro — A louça dos guisos e dos
- chocolhos — Peças aos pares: ...eles e elas...» — Pág. 149/153.
- AUGUSTO MORENO** — «Consultório linguístico» — Pág. 154/156.
- MÁRIO BEIRÃO** — «António Nobre» — Soneto — Pág. 156.
- BIBLIOGRAFIA** — Notas de JOÃO DE CASTRO OSÓRIO, RAUL DE AZEVEDO e outras — Pág. 157/167.
- Livros recebidos — Pág. 167/168.
- «Teatro Nacional de S. Carlos» — Pág. 168.
- ÁLVARO PINTO** — «Notas e Comentários» — Pág. 169/176.
- ILUSTRAÇÕES**
- Fac-símiles do frontispício e da 1.ª página do Regulamento de estudos de André de Gouveia — «Schola Aquitanica» — Pág. 136/A.
- J. Reis Gomes — Retrato a óleo pelo PROF. AMÉRICO MARINHO — Pág. 136/B.
- SUPLEMENTO**
- JOÃO DE CASTRO OSÓRIO** — «Gonzaga e a Justiça» — Confrontação de Baltasar Gracián e Tomás António Gonzaga — Continuação — Pág. 33/64.

ASSINATURA

Portugal — 6 meses	95\$00;	Ano	180\$00
Colónias portug. e Espanha ...	>		190\$00
Brasil	>		180 cr.
Estrangeiro, dollars U. S.	>		\$ 10.00

Com direito aos números especiais

NÚMERO AVULSO

Portugal	17\$50
Colónias portug. e Espanha	18\$00
Brasil	17,5 cr.
Estrangeiro, dollars U. S. A.	\$ 0.90

Números atrasados (1/104) — 15\$00

REVISTA DE PORTUGAL — SÉRIE A — LÍNGUA PORTUGUESA
FUNDADA EM 1942

Publicados os n.ºs 1 a 82 — cada fascículo 17\$50 — Assinatura de 10 números — 150\$00

DIRECTOR — ÁLVARO PINTO

ADQUIRA A 2.ª EDIÇÃO DO N.º 1 (MAIO DE 1938) — 152 PÁGINAS — 30\$00



I. XAVIER FERNANDES

Questões de Língua Pátria

1.º volume (2.ª edição) com 232
páginas 25\$00
2.º volume com 256 páginas 25\$00

JÚLIO DE LEMOS

Pequeno Dicionário luso-brasileiro de Vozes de Animais

1 volume de 160 páginas — 20\$00

*O Elogio do Contista
Trindade Coelho*

1 vol. de 56 páginas — 15\$00

HARRI MEIER

*Ensaio de Filologia
Românica*

1 volume de 260 pág. — 30\$00
Edição especial — 50\$00

JOAQUIM DE CARVALHO

*Os Sermões de Gil Vicente
e a Arte de Pregar*

1 volume de 88 pág. — 15\$00

AFONSO ÁLVARES

Auto de Santo António

Prefácio, Notas e Glossário do
Prof. Almeida Lucas

1 volume de 80 pág. — 12\$50

EDIÇÕES DE 'OCIDENTE' E DA
'REVISTA DE PORTUGAL'

Novidades literárias

HERBERT PALHANO

A Expressão léxico-gramatical do 'Leal Conselheiro'

2.ª edição

Com prefácio de João Leda
1 volume de 184 páginas e o retrato
de D. Duarte — 20\$00

RUI GALVÃO DE CARVALHO

Antero de Quental e a Mulher

1 vol. de 60 págs. e 4 ilustrações — 15\$00

FERNANDA DE CASTRO

SORTE

Romance premiado no concurso
das Casas do Povo

Capa de Inês Guerreiro

1 vol. de 232 pág. — 20\$00

Edições da Revista 'Ocidente'

Adquirir a 2.ª edição de

O ACORDO
ORTOGRÁFICO
LUSO-BRASILEIRO

de 10 de Agosto de 1945

Com um ÍNDICE organizado por

Sebastião Pestana e

CERCA DE 20.000 PALAVRAS

extraídas do novo

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO

RESUMIDO

DA LÍNGUA PORTUGUESA

1 volume de 150 páginas

Preço 17\$500 — À cobrança 19\$00

EDIÇÃO DA

«REVISTA DE PORTUGAL»

A próxima Temporada DE ÓPERA EM SÃO CARLOS

Por despacho ministerial de 26 de Janeiro de 1950 foram aprovados o relatório e elenco da temporada lírica a realizar em S. Carlos, de 11 de Março a 20 de Abril próximos. Serão cantadas as óperas: — *Werther*, *Orfeo* (Gluck), *Lúcia de Lammermoor*, *Gioconda*, *Tosca*, *Pescadores de Pérolas*, *Carmen*, *Aida*, *Elixir de Amor*, *Adriana Lecouvreur*, *Cavalleria Rusticana*, *Palhaços*, *André Chenier*, *Falstaff*, *Barbeiro de Sevilha*, *Traviata*, *Rigoleto*, *Fausto e Stabat-Mater* (Rossini). Além dos grandes Artistas italianos já conhecidos do público, Maria Caniglia, Ebe Stignani, Gino Bechi, Giulio Nery, Mario Del Monaco, vêm pela primeira vez a S. Carlos: Ana Maria Canali, Fiorella Carmen Forti, Vitoria Neviani, Graciela Rivera, Pia Tassinari, Ferruccio Tagliavini, Gianni Poggi, Ferruccio Ferrari, Enzo Mascherini, Luciano Neroni, Salvatori di Tomaso. Voltam pela segunda vez os Artistas: Renata Tebaldi, Afro Poli, Carlo Platania, Gaetano Fannelli e Aristide Barachi.

Foram também contratados os Artistas portugueses para o desempenho de principais papéis: Ana Blanch, Maria Teresa de Almeida, Maria Justina Pereira, La Sallette de Carvalho, Armando Guerreiro, Guilherme Kjolner, Edgar Duarte de Almeida, Luís Franca e Hugo Casais. Noutros papéis: Célia Tavares, Salvador Costa, Marcelino Silva, Rui de Barros, Manuel Leitão, Maria Pires Marinho e Mário de Oliveira.

Colabora a Orquestra Sinfónica Nacional sob a direcção dos maestros portugueses Pedro de Freitas Branco, Fernando Cabral, Jaime Silva (Filho) e do maestro italiano Antonino Votto. Bailados pelo Círculo de Iniciação Coreográfica, sob a direcção de Margarida de Abreu. Corpo Coral do Teatro, sob a direcção dos maestros Mario Pellegrini e Teófilo Russel. Direcção de cena de Abílio Matos e Silva e cenários de Alfredo Furiga.

Introdução ao Estudo da FILOLOGIA PORTUGUESA

por

Manuel de Paiva Boléo

PROFESSOR DE FILOLOGIA PORTUGUESA NA
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

A venda o 2.º Milhar



1 volume de 160 págs. — 20\$00

EDIÇÃO DA
'REVISTA DE PORTUGAL'

Carolina Michaëlis de Vasconcelos

LIÇÕES DE FILOLOGIA

Seguidas das

Lições Práticas de Por- tuguês Arcaico

A venda o 2.º Milhar



1 volume de 430 páginas — 70\$00
Tiragem especial — 80\$00

EDIÇÃO DA
'REVISTA DE PORTUGAL'

RELAÇÃO DAS PRINCIPAIS EDIÇÕES de «OCIDENTE» e da «REVISTA DE PORTUGAL»

R. de S. Félix, à Lapa, 41, 1.º, Dt.º — Lisboa

- «OCIDENTE» — Revista mensal ilustrada fundada em 1938 — Director: *Alvaro Pinto* — Número avulso: 17\$50; 37 volumes encadernados em pano (Vol. I a XXXVII — N.º 1 a 140) 3.100\$00
- Capas de pano:
- Vols. I/XXXIII, cada uma 20\$00
 - Vols. XXXIV/VII, cada uma 25\$00
 - Capas com lombada de pele, cada uma 30\$00 e 35\$00
 - Qualquer n.º atrasado até o 108 (inclusive) 15\$00
- «REVISTA DE PORTUGAL» — Série A «Língua Portuguesa» — Director: *Alvaro Pinto* — N.º: 17\$50; Volumes I a XI (N.º 1/55), cada um, encadernado 100\$00
- Volume XII (N.º 56/60), encadernado 120\$00
 - Volumes XIII e XIV (N.º 61/70 e 71/80), preço de cada um, encadernado 185\$00
- Capas de pano:
- Volumes I/XII, cada uma ... 20\$00
 - Volumes XIII/IV, cada uma 25\$00
 - Qualquer n.º atrasado até o 54 (inclusive) 15\$00
- «RAÍZES DE PORTUGAL» — pelo *Prof. A. Mendes Correia* — 2.ª edição 15\$00
- «VIAGEM» — Poemas de *Cecília Meireles* — Único livro premiado pela Academia Brasileira em 1938 15\$00
- «A TETRALOGIA DO PRÍNCIPE IMAGINÁRIO» — por *João de Castro Osório*. Ilustrações de *Hugo Manuel* — 4 vol. — Cada um 6\$00
- «FÉDON» — de *Platão* — Prefácio de *Leonardo Coimbra* — Trad. de *Ángelo Ribeiro* — 3.ª edição 12\$50
- «FLORILÉGIO DAS POESIAS PORTUGUESAS ESCRITAS EM CASTELHANO E RESTITUIDAS À LÍNGUA NACIONAL» — por *João de Castro Osório* 12\$50
- «A EXPRESSÃO DA LIBERDADE EM ANTERO E OS VENCIDOS DA VIDA» — por *Feliciano Ramos*, com 7 ilustrações ... 6\$00
- «TEATRO CAMONIANO — 1) - ENFATRIÕES
- 2) «EL REI SELEUCO» — Prefácio e Notas do *Professor Vieira de Almeida* — Cada um 10\$00
- «UM HUMANISTA PORTUGUÊS — DAMIÃO DE GÓIS» — por *Aubrey F. G. Bell*, tradução de *A. A. Dória* ... 10\$00
- «A PEDRA NO LAGO» — Peça em 4 actos, por *Fernanda de Castro* ... 10\$00
- «O BLOCO PENINSULAR» — pelo *Prof. A. Mendes Correia* 5\$00
- «LUÍS DE CAMÕES — A VIDA E A OBRA LÍRICA» — pelo *Prof. Hernâni Cidade* 10\$00
- «OBRAS COMPLETAS DE GIL VICENTE — 1) — O VELHO DA HORTA» — Prefácio, Notas e Glossário por *João de Almeida Lucas* 10\$00
- 2) «A EXORTAÇÃO DA GUERRA» — Prefácio, Notas e Glossário por *João de Almeida Lucas* 10\$00
- «SOARES DOS REIS» — com 25 ilustrações — por *Diogo de Macedo* ... 15\$00
- «LUIZA DE AGUIAR TODI» — com 8 ilustrações — por *Mário de Sampaio Ribeiro* 10\$00
- «FERNÃO LOPES» — por *Aubrey F. G. Bell*, tradução de *A. A. Dória* 10\$00
- «O ENQUADRAMENTO GEO-ECONÓMICO DA POPULAÇÃO PORTUGUESA ATRAVÉS DOS SÉCULOS» — pelo *Prof. Ezequiel de Campos* — 2.ª edição, com numerosos mapas e gráficos 50\$00
- «OS LUSÍADAS» — de *Luís de Camões* — *Fac-simile* da 1.ª edição, com Prefácio e Notas de *Cláudio Basto* — Brochado 40\$00, encadernado em pano 55\$00
- «VIDA E OBRAS DE GIL VICENTE» — por *Anselmo Braamcamp Freire* (2.ª edição definitiva), com 19 estampas (últimos exemplares) 80\$00
- «NOTAS VICENTINAS» — por *Carolina Michaëlis de Vasconcelos* — 1 vol. com 664 páginas e extensos índices 150\$00
- Edição especial (N.º 1 a 100) 180\$00
 - Tomo IX (Frontispício, Índices e Capa) 15\$00
 - Qualquer tomo atrasado ... 17\$50
- «LIÇÕES DE FILOLOGIA PORTUGUESA» — por *Carolina Michaëlis de Vasconcelos*
- Volume I — 70\$00; Edição especial 80\$00
- «JOÃO JOSÉ DE AGUIAR» — c/18 ilustrações — por *Diogo de Macedo* ... 15\$00
- «SUBSÍDIOS PARA UMA BIBLIOGRAFIA DAS COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS» — compilados por *Carlos Galvão Simões* — Tomos I e II — Cada um ... 25\$00
- «OS ÚLTIMOS FINS DO HOMEM» — pelo *P.º Manuel Bernardes* — reprodução facsimilada da 1.ª edição de 1728, com Prefácio e Notas pelo *Prof. Vieira de Almeida* e Bio-bibliografia por *Barbosa Machado* — brochado 240\$00

- «PORTUGAL AMOROSO» — Novelas históricas de *D. João de Castro*—2.ª edição — Capa de *Diogo de Macedo* 20\$00
- «A DESCENDÊNCIA DE EL-REI O SENHOR D. JOÃO II» — pelo *Marquês de Lavradio* 16\$00
- «DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DE MÚSICOS PORTUGUESES» — por *José Mazza*, com Prefácio e Notas do *P.º José Augusto Alegria* — 1 vol. de 104 p. 15\$00
- «COLUNATA» — Romance de *Vieira de Almeida* — 328 págs. 20\$00
- «A ESCULTURA EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVII E XVIII» — por *Diogo de Macedo* — Com 50 ilustrações, 40\$00 edição especial 60\$00
- «À JANELA DE TORMES» — (No Centenário de Eça de Queirós) — por *Vieira de Almeida* — Com 8 ilustrações — 20\$00; edição especial 30\$00
- «EÇA DE QUEIRÓS E OS SEUS ÚLTIMOS VALORES» — por *Feliciano Ramos* — Com 20 ilustr. — 25\$00; ed. especial 40\$00
- «O ACORDO ORTOGRÁFICO LUSO-BRASILEIRO», com um Índice organizado por *Sebastião Pestana* e cerca de 20.000 palavras extraídas do 'Vocabulário Ortográfico Resumido' (2.ª edição) 17\$50
- «SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DA QUARESMA, NA CIDADE DE S. LUÍS DO MARANHÃO, NO ANO DE 1653 E UMA CARTA A D. JOÃO IV» — pelo *P.º António Vieira*, com Prefácio e Notas por *Sebastião Morão Correia* — 1 volume de 128 páginas 10\$00
- «A CONQUISTA DO PARAÍSO» — por *J. Caminha Dantas* — Novela — Capa de *Joaquim Lopes* 15\$00
- «INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA FILOLOGIA PORTUGUESA» — por *Manuel de Paiva Boléo* 20\$00
- «PROBLEMAS FUNDAMENTAIS PORTUGUESES», por *Ezequiel de Campos* ... 30\$00
- «DA POESIA MEDIEVAL PORTUGUESA» — por *Aubrey F. G. Bell, C. Bowra e William J. Entwistle* 15\$00
- «A LINGUAGEM RÚSTICA NO CONCELHO DE ELVAS» — por *J. Capela e Silva* — com 28 ilustrações 20\$00
- «QUESTÕES DE LÍNGUA PÁTRIA» — 2.º volume—por *I. Xavier Fernandes* 25\$00 1.º vol. (2.ª edição) 25\$00
- «PEQUENO DICIONÁRIO LUSO-BRASILEIRO DE VOZES DE ANIMAIS (Onomatopéias e definições)» — por *Júlio de Lemos*, com uma Carta e um Estudo por *Augusto Moreno* 20\$00
- «CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL» (Antigo Colocci-Brancuti) — Leitura, Comentário e Glossário por *Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado* — 1.ª edição integral do mais extenso e completo dos Cancioneiros medievais portugueses — Está concluído o 1.º Volume com 408 páginas de texto e 80 de fac-simile 150\$00 Tiragem especial (1 a 200) 250\$00 (Assinatura de 5 tomos (desde o 6.º): edição comum, 125\$00; especial, 225\$).
- «PRECONCEITOS DA ÉPOCA» — por *Myron Malkiel Jirmounsky* — 1 volume de 144 páginas 17\$50
- «OS SERMÕES DE GIL VICENTE E A ARTE DE PREGAR» — por *Joaquim de Carvalho* — 1 volume de 88 págs. 15\$00
- «ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE» — por *Perilo Gomes* — 1 volume de 212 páginas 20\$00
- «AUTO DE SANTO ANTÓNIO» — por *Afonso Alvares* — Prefácio, notas e Glossário do Prof. *Almeida Lucas* — 1 volume de 80 páginas 12\$50
- «ENSAIOS DE FILOLOGIA ROMÂNICA» — por *Harri Meier* — 1 volume de 260 páginas 30\$00
- «SORTE» — Romance de *Fernanda de Castro*, capa de *Inês Guerreiro* — 1 volume de 232 páginas ... 20\$00
- «ANTERO DE QUENTAL E A MULHER» — Ensaio de *Rui Galvão de Carvalho* — 1 vol. de 60 págs. e 4 ilustr. ... 15\$00
- «A EXPRESSÃO LÉXICO-GRAMATICAL DO 'LEAL CONSELHEIRO'» — 2.ª edição — por *Herbert Palhano* — 1 vol. com 184 págs. e o retrato de *D. Duarte* 20\$00
- «ELOGIO DO CONTISTA TRINDADE COELHO» — por *Júlio de Lemos* — 1 volume de 56 páginas 15\$00
- «LIÇÕES DE TERMINOLOGIA MÉDICA» — pelo Prof. *Paulo Mangabeira Albernaz* — 1 vol. de 64 páginas ... 15\$00
- «HISSOPE» — Poema herói-cômico em 8 cantos — Reprodução de um Manuscrito inédito do Século XVIII, com Prefácio e anotações de *José Pereira Tavares* — 1 vol. de 192 páginas 25\$00

No Brasil os preços são os mesmos à razão de 1 cruzeiro por escudo
Depositário no Rio de Janeiro — Livraria Antunes, que
satisfaz também qualquer pedido dos Estados.

Em São Paulo — Livraria Teixeira

Em Porto Alegre — Livraria do Globo :: Em Curitiba — Livraria Ghignone
No Pará — Agência Martins :: Em Manaus — Gavinho & Gonçalves

Companhia Colonial de Navegação

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

Carreiras regulares para: Cabo Verde, Guiné, África Ocidental e Oriental, Brasil e América do Norte

Frota da Companhia em serviço e em construção

<i>Paquetes:</i>	Deslocamento Toneladas	Porte bruto Toneladas	<i>Navios de carga:</i>	Deslocamento Toneladas	Porte bruto Toneladas
«Pátria» (n. t.)	19.173	10.943	«Amboim» (n. m.)	13.114	9.419
«Império» (n. t.)	19.173	10.943	«Benguela» (n. m.)	12.303	9.347
«Mouzinho»	14.150	8.200	«Lugela» (n. t.)	12.250	8.340
«Colonial»	14.120	8.136	«Pungue»	8.750	6.356
«Serpa Pinto»	13.020	5.412	«Lobito»	5.970	4.278
«João Belo»	12.080	7.540	«Pebane»	4.105	2.797
«Guiné»	6.130	3.250	«Quionga»	4.105	2.770
			«Lunda»	4.105	2.778
<i>Navios de carga:</i>			«Chaimite»	3.200	2.000
«Luanda» (n. m.)	13.790	9.820	«Nampula»	3.200	2.000
«Ganda» (n. m.)	13.114	9.419	«Búzi»	3.080	2.062
			«Sena»	2.458	1.700

Rebocadores: «Monsanto», (n. m.), 850; «Oceânia», 350; Mafra, (n. m.), 310; «Mutela», (n. m.), 210; «Náuticus», 200; «Catembe», 120; «Príncipe», 100. Total 2.040 toneladas de deslocamento. Além dos rebocadores, a Companhia possui o seguinte material auxiliar: 12 lanchas-motor, 8 batelões de alto-mar, 247 batelões de tráfego local, com um deslocamento de 15.000 toneladas e com um porte útil total de carga de 10.962 toneladas.

Escritórios: LISBOA — R. de S. Julião, 63 — Tel. 30131 a 30138 — PORTO — R. Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

C. P.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

UMA ASSINATURA

representa sempre

COMODIDADE E ECONOMIA

A C. P. TEM DIVERSAS MODALIDADES
DE ASSINATURA

INFORME-SE NAS ESTAÇÕES

MALA REAL INGLESA

(ROYAL MAIL LINES, LIMITED.)

AGENTES EM LISBOA:

JAMES RAWES & C.º LTD. e E. PINTO BASTO & C.ª, Lda.

m/v HIGHLAND PRINCESS	5 MARÇO	VIGO E LONDRES	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes	E. PINTO BASTO & C.ª, Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1.º Telefone 31581 (7 linhas)
s/s ANDES	13 MARÇO	LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEU E BUENOS AIRES	Passageiros de 1.ª e 2.ª classes carga geral e de frigorífico	JAMES RAWES & C.ª, LTD. Rua Bernardino Costa, 47, 1.º Telefones 23232-3-4
m/v HIGHLAND CHIEFTAIN	15 MARÇO	LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEU E BUENOS AIRES	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes	E. PINTO BASTO & C.ª, Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1.º Telefone 31581 (7 linhas)
s/s ALCANTARA	24 MARÇO	CHERBOURG E SOUTHAMPTON	Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes e carga geral	JAMES RAWES & C.ª, LTD. Rua Bernardino Costa, 47, 1.º Telefones 23232-3-4
m/v HIGHLAND MONARCH	26 MARÇO	VIGO E LONDRES	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes	E. PINTO BASTO & C.ª Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1.º Telefone 31581 (7 linhas)

DICIONÁRIO COROGRÁFICO

De Portugal Continental e Insular

Arqueológico, Biográfico, Etimológico, Heráldico, Hidrográfico, Histórico e Orográfico

Por AMÉRICO COSTA

Esta obra de ilimitada utilidade, coordenada por especialistas e da qual a Livraria Civilização tomou o encargo de prosseguir na sua publicação, abrange todo o

CONTINENTE, MADEIRA E AÇORES

Distritos, cidades, concelhos, vilas, freguesias, povoações, aldeias, lugares, herdades, quintas, casais, granjas, praias, portos, faróis, rios, ribeiros, montes, serras, matas, lagoas, termas, cabos, fontes, minas, castelos, praças, fontes minerais, monumentos nacionais, igrejas, capelas, mosteiros, ruas, travessas, becos e largos das principais cidades; serviços telegrafo-postais, ferroviários, hidráulicos, eléctricos, transportes, automóveis, turismo, fastos, epopeias, varões ilustres, lendas, etc., etc.

Consta de 12 volumes, com cerca de 15.000 páginas, centenas de gravuras, mapas e brasões referentes a cada um dos concelhos do Continente, Madeira e Açores.

Custa, completo e encadernado, capa de percalina Esc. 2.800\$00;

capa de percalina com lombada de carneira Esc. 2.920\$00

O Dicionário Corográfico não será reimpresso

Completamos colecções fornecendo mapas, cadernos, fasciculos ou volumes em falta

Vendas a pronto pagamento ou por pagamentos suaves

Pedidos de esclarecimentos à LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — Rua do Almada, 107 — PORTO — PORTUGAL

Livraria Luso-Espanhola, Lda.

Telefone 24917

RUA NOVA DO ALMADA, 88

L I S B O A

Rua do Carmo, 20-A, 1.º

Telefone 24076 — Porto

Rua da Sofia, 78-1.º

Telef. 2799—Coimbra

REPRESENTANTE EM PORTUGAL DAS
SEGUINTE EDITORIAIS ESPANHOLAS:

EDICIONES ARS

EDICIONES MORATA

EDITORIAL APOLO

EDITORIAL CIENTÍFICO-MÉDICA

EDITORIAL ORBIS

FRANCISCO SEIX — EDITOR

GUSTAVO GILI — EDITOR

JOSÉ MONTESÓ — EDITOR

JUAN BRUGER — EDITOR

LIBRERIA SANTAREM

LIBRERIA SUBIRANA

LUIS MIRACLE — EDITOR

MANUEL MARIN — EDITOR

EDICIONES SPÉS

REVISTA OCIDENTE

SALVAT, EDITORES S. A.

SERRAHIMA Y URPI

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS DAS
SEGUINTE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS:

Revista Clínica Espanhola, Actas Españolas de Neurologia y Psiquiatria, Revista Española de Cirugía, Cirugía del Aparato Locomotor, Archivos Españoles de Urologia, Revista de Pediatría, Archivos de la Sociedad Oftalmologica Hispano-Americana, Revista Española de las Enfermedades del Aparato Digestivo y de la Nutricion, Revista Española de la Tuberculosis, Revista de Odontolatria, Revista Española de Reumatismo.

BRASIL

Livraria Luso-Espanhola e Brasileira, Lda.

Avenida 13 de Maio, 23 — Sala 414

Edifício Darke—RIO DE JANEIRO

R. 15 de Novembro, 200, 15.º

Sala 4 — SÃO PAULO

com os seguintes editores espanhóis:

EDITORIAL BOSCH, EDITORIAL CIENTÍFICO-MÉDICA, EDITORIAL DOSSAT,
EDITORIAL ESPASA CALPE, EDITORIAL GUSTAVO GILI S. A., EDITORIAL
MANUEL MARIN, EDITORIAL REVISTA OCIDENTE

ESPAÑA

Editorial Científico-Médica

Telefone 24206

JUNQUERAS, 8

BARCELONA

Livraria Científico Médica-Espanhola, Lda.

Atocha 115

GRAN-VIA, 60

Moncloa 3

MADRID

EM PROL DA CULTURA

Aumentam as adesões e incitamentos à tarefa que nos impusemos de fazer incidir sobre o problema da Cultura um pouco mais de luz e de vontades fecundas.

E assim acontece, não porque haja novidades no que temos afirmado ou descobertas sensacionais no que sugerimos, mas porque em Portugal, como em todo o Mundo, se está a sentir uma forte urgência de mais vida espiritual, de mais predomínio dos valores intelectuais, enfim de mais devoção pela Cultura.

No momento presente, paira sobre a alma nacional essa escura névem das declarações do Pandita Nehru a respeito da Índia Portuguesa. Pois os argumentos mais altos que se têm invocado nesse impressionante e grandioso movimento de solidariedade humana a favor da conservação duma unidade étnica forjada em séculos de indestrutível culto pela Civilização ocidental baseiam-se precisamente na força coordenadora da Cultura.

Continuaremos a reunir factos e opiniões. Seguem-se alguns documentos:

No '*Primeiro de Janeiro*', de 5 de Fevereiro último, o ilustre Escriitor D. João de Castro, publicou o seguinte notável artigo, sob o título «O LIVRO PORTUGUÊS»:

«Na nossa antiga vida social, o Livro era um cenobita, quase um proscrito. Viera de longínquas eras, já muito mazelado no seu prestígio. Os homens, grandes ou pequenos, não o amavam — e, sem poderem compreendê-lo, temiam os seus malefícios. Confidente do letrado que na sombra e no silêncio (de ordinário uma cela claustral) envelhecia a escrevê-lo, era depois sepultado, para todo o sempre, no *in pace* dos arquivos. Aí, engordando sucessivas gerações de traças, raramente o procurava a mão dos estudiosos ou dos curiosos. A sua missão, que consistia principalmente em aclarar ou comentar os velhos textos sagrados, também às vezes abrangia o intento de glorificar os grandes homens do presente e do passado, santos, reis, prelados, heróis — todos os que de algum modo regiam ou enobreciam a vida nacional. Foi o tempo das dissertações magistrais, das redundantes apologéticas, dos exercícios devotos, das crónicas reais e das crónicas monásticas, dos códices genealógicos e das iluminuras heráldicas.

Liberto afinal pela Imprensa, o Livro não conseguiu todavia emancipar-se. Empreendendo a difusão do Saber, logo se tornou suspeito como um criminoso, inimigo do poder divino e do poder humano: da glória de Deus e da salvação das almas. Os homens de então não ousavam ainda crer que ele, esse anti-cristo de papel, assim descativado, acabaria por destruir o velho mundo das ideias e dos conceitos fundamentais da vida social. Em face dos grandes monumentos do Passado, não diziam, como Cláudio Frollo: *Ceci tuera cela!*; mas perguntavam a si próprios, com inquietação, se isso não viria a suceder. As audácias, as liberdades de tão pertinaz missionário foram temidas como crimes, e como crimes castigadas. Condenado sem remissão, o Livro pagou em terríveis fogueiras judiciárias os delitos de que o julgaram réu. Depois, para se poderem corrigir mais humanamente os seus abusos, cortando o mal



na raiz, criaram-se dois tribunais censórios, um eclesiástico e outro secular — dupla barreira sanitária levantada entre os autores e aqueles que sabiam ler. O Livro vivia, portanto, em liberdade condicional; na realidade continuava prisioneiro. Foi assim, violentado e humilhado, que alcançou os tempos modernos. Por isso, quando se sentiu deveras livre, logo cometeu os maiores desatinos. Seguro da sua força, não deixou de abusar dela, como quase todos os poderosos e todos os descravizados; e ainda hoje há quem pergunte se lhe é favorável ou desfavorável o balanço dos bens e dos males devidos à sua acção.

No século passado, já senhor do terreno que pisava, a sua influência cresceu. Respeitado, estimado, lisonjeado, tornou-se uma necessidade social. Era mentor e guia. Teve então a sua época áurea. Triunfou largamente, decretando verdadeiras e falsas glórias, venerado até quando errava, escutado mesmo até quando mentia. Mas, ajudando o mundo das ideias a girar mais depressa, a antecipar a chegada do Futuro, apressou também o seu próprio declínio. Surgiu o Rádio, surgiu o Cinema, dois concorrentes inesperados — que, mais aptos para acompanharem a humanidade contemporânea nas suas marchas e contramarchas, já hoje se consideram vencedores. Com efeito, a vida actual, sempre invasiva e tumultuária, roubou ao Livro um dos seus aliados mais úteis: o tempo. Por falta deste, as únicas leituras agora possíveis são breves, entrecortadas, ocasionais. No quadrante das existências modernas desapareceram as horas de repouso material e intelectual que outrora tornavam desejável, senão necessária, a companhia dos livros. Dentro de certos limites e acima de certos níveis, só lê quem faz da leitura trabalho, não passatempo. O Livro já não é um confidente ou um amigo; é um mestre ou um servo.

Entretanto, alegar-se-á, cada vez cresce mais a produção literária; nunca na Terra houve tanto papel impresso; jamais, como hoje, procuraram os azares do mercado tantos e tão inchados livros novos. Sim, é certo; mas também se sabe que as livrarias são actualmente, em grande parte, verdadeiros hospícios. — Escassez de talento nos autores ou de perícia profissional nos editores? Não; o mal é externo: mingua de virtudes e curiosidades espirituais, desidealização da vida, sobreposição do instinto à inteligência, transformação do *homo sapiens* em *homo artifex*. Assim, por ironia do Destino, o que hoje se contrapõe, quase como um símbolo, ao Livro desprestigiado, é somente um pequeno globo, elástico e oco, movido a pontapés: a bola dos jogos desportivos.

Por notar quanto estes factos estão dificultando o avanço da nossa Cultura, a revista literária '*Occidente*', de Lisboa, dirigiu há pouco um eloquente apelo aos nossos legisladores, com o fim de conseguir que a chamada «política do espírito», já credora de diversas iniciativas dignas de agradecimento e aplauso, abranja também, como é justo, o destino presente e futuro do Livro português. — Tem aquela publicação autoridade bastante para legitimar tão oportuna iniciativa? Julgo que sim. Com mais de 12 anos de fecunda actividade cultural, dirigida com firmeza e acerto por um escritor, Álvaro Pinto, a quem as Letras portuguesas devem muitos e valiosos serviços, tanto em Portugal como no Brasil, a revista '*Occidente*' não se tem limitado a editar com regularidade os seus volumes mensais. Além disso e de estar publicando também, desde 1942, um segundo mensário, a '*Revista de Portugal*', destinado à defesa e dignificação da Língua, ainda se abalança frequentemente, e com grande elevação de intuítos, a empreendimentos editoriais tendentes a apro-

ximarem do pensamento contemporâneo diversas obras mestras da nossa Literatura clássica.

A rara devoção literária que todos estes factos testemunham acha-se, demais, bem patente na primeira parte do «memento» agora apresentado aos senhores Deputados — texto em que sumária e cientemente se recorda a já longa história da nossa ascensão intelectual. Ali, sem esquecer, com o merecido aplauso, tudo quanto já se fez para corrigir, feição a feição, a fisionomia do País (reformas de ensino, multiplicação e «civilização» de escolas populares, construção de edifícios-modelos para estabelecimentos de instrução superior, etc.), aponta-se o que, complementarmente, conviria ainda fazer. — Quê? Isto, cuja utilidade fãcilmente se compreende: actualização da lei de propriedade literária, que está embaraçando com algumas disposições antigas a expansão e a indústria do Livro português; remodelação das bibliotecas e dos arquivos públicos, sem exclusão da Biblioteca Nacional de Lisboa, onde um incidente lamentável ainda há pouco, por nosso mal, acusou a necessidade urgente de tal medida; diminuição dos direitos pautais que incidem sobre o papel empregado na impressão de livros; e, por último, a criação de um organismo novo, o «Instituto Nacional do Livro», a que competiria, não só o registo da propriedade literária, mas também, e sobretudo, a defesa oficial do Idioma, na Imprensa, no Rádio e no Cinema; o aperfeiçoamento profissional e material das artes gráficas; todo o esforço necessário à difusão dos nossos valores intelectuais, por meio de exposições realizadas intra e extra-fronteiras; o estreitamento de relações culturais com o Brasil e a Espanha, além da reunião de congressos periódicos de Escritores e Artistas.

É muito? É pouco? Afigura-se-me que não. O velho preceito *in medio, virtus* foi prudentemente respeitado, a meu juízo. Apesar das ruínas morais e materiais que a última guerra deixou em toda a parte, apesar dos sobressaltos que na hora presente instabilizam as ideias, as aspirações e o trabalho dos povos, é certo que também em outras zonas europeias abundam exemplos (de que, aliás, não carecemos) regidos pelo mesmo pensamento.

Sim, a crise do Livro existe e, por honra nossa, cumpre combatê-la. Urge conceder à Cultura mental a mesma atenção e o mesmo auxílio com que infatigavelmente se beneficia a chamada «cultura física». Não é de mais que a política do espírito obtenha favores de incentivo idênticos àqueles de que tão mimosa está sendo a «política do corpo». Releve-se-me esta expressão, tão mal-soante; sou forçado a usá-la, para deixar bem visíveis as arestas do confronto. A Literatura, espelho e alma da própria nacionalidade, sendo uma das vítimas mais indefensas desta nossa época tão dispersiva e materializadora, precisa de que todos nós, principiando pelos que legislam, a nobilitemos. Proteja-se, pois, o Livro, seu mensageiro por excelência. Facilitar a sua missão, restaurar o seu domínio, chamá-lo de novo à nossa intimidade, é dever de todos os que não buscam nos gozos da animalização progressiva o segredo da própria felicidade. — Falta-nos tempo bastante para ler? Quem no-lo rouba? Procuremos sabê-lo, e verificaremos que o ladrão raras vezes merece a preferência que é uso conceder-lhe. Livrando-nos de más tentações, resolveremos talvez o problema. Não esperemos, por enquanto, que a Indústria americana, tão fértil em milagres cirúrgicos, consiga implantar entre o nosso cérebro e os nossos globos oculares algum aparelho próprio para dotar a preguiçosa vista humana de virtudes estenográficas capazes de reduzir,em,

em largas proporções, os sacrificios horários que ordinariamente nos exige qualquer leitura. Não; sejamos realistas com inteligência — isto é, elevando a realidade até ao nível dos ideais concebidos, conquistados ou herdados. Saibamos compreender-nos a nós mesmos.»

O '*Diário de Lisboa*', jornal que sempre se distinguiu pelo seu alto nível cultural, escreveu no seu primeiro «Eco», de 21 de Janeiro passado:

«A revista '*Occidente*', criada e orientada por Álvaro Pinto, dirige, sob o título «Em Prol da Cultura», uma mensagem aos senhores deputados da Nação portuguesa em que lhes pede a aprovação de medidas sobre «propriedade literária», fundação ou remodelação das «bibliotecas e arquivos», a criação do «Instituto Nacional do Livro» e ainda «outras Medidas».

Não podemos deixar de interessar-nos por esta iniciativa que, caso seja bem compreendida, tem de transformar-se em movimento nacional. A Cultura é uma condição indispensável e inadiável da vida progressiva, por meio da qual os povos afirmam o seu génio e a sua capacidade de acção. Quando ela é descurada ou insuficientemente fomentada, decai o nível mental e moral em que se formam as correntes de renovação adversas à rotina e ao torpor.

Merecem o nosso aplauso estas palavras:

— «Mais do que o ouro do Brasil e que as especiarias do Oriente, foi a Cultura dos nossos Sábios, dos Vice-Reis e Capitães-mores, dos Missionários e Navegantes, que espalhou por toda a parte o nome e a glória de Portugal».

Agora mais do que nunca, estamos numa aura cultural. Se nos recusássemos a reconhecer o facto, que aliás é indiscutível, daríamos prova de cegueira, em tudo contrária à tradição que engrandece o nosso passado.»

Em 9 de Fevereiro, o mesmo vespertino acrescentou:

«Fizemos, não há muito tempo, uma referência à representação que a revista '*Occidente*' enviou à Assembleia Nacional, pedindo o maior interesse pela expansão e defesa da Cultura, de forma a considerá-la indispensável como expressão do espírito nacional.

A «Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto» associou-se a tal iniciativa que reputa digna da atenção e patriotismo dos nossos legisladores. Outras colectividades fizeram o mesmo. Evidentemente não se trata duma questão de «lana caprina» ou duma murmuração de soalheiro.

Parece-nos, pois, oportuno, e mesmo necessário, que o público se não desinteresse deste assunto que, em todos os países civilizados, está sempre em estudo. A Cultura abrange a Língua, sempre exposta a corrupções, a instrução e a educação, o livro e a sua propaganda, o manutenção duma tradição, mas principalmente a sua acção sobre os costumes.

Avalia-se o desenvolvimento dum povo, não só pelos progressos da linguagem escrita, pela elevação e riqueza do seu pensamento, mas também pelas suas maneiras, pela sua cortesia e sociabilidade. O produto mais apreciado na repressão da barbárie é o homem bem educado. Quando este falta ou escasseia, tirando ao convívio a sua linha senhoril, a sociedade acusa imediatamente uma baixa de nível. O humanismo revela-se mais nos factos que nas ideias.

Os problemas da formação da personalidade não se podem resolver, por inspiração ocasional, visto que são os mais sérios e difíceis, demandando um esforço constante, apoiado em princípios, verificados na experiência. Muito

importa que não sejam descurados, antes evidenciados como elementos essenciais da nossa existência.»

Em 'O Primeiro de Janeiro', o velho e distinto profissional da Imprensa, Julião Quintinha escreveu em 15 de Fevereiro, sob o título de 'Um Instituto Nacional do Livro e os benefícios culturais e económicos da sua criação':

«O último número da Revista 'Ocidente' insere uma exposição dirigida por esta publicação aos srs. Deputados da Nação, onde sugere uma série de medidas que impulsionem a Cultura e diminuam os seus entraves, alvitando a reforma da Lei de Propriedade Literária, defesa e reorganização de Bibliotecas e Arquivos, e a criação do Instituto Nacional do Livro, que, entre outras funções, cuidaria do estudo e aperfeiçoamento de problemas relacionados com artes gráficas, indústria de papel, exposições e propaganda do livro, defesa da Língua, intercâmbio cultural com diversos países, etc.

Tudo que possa interessar à Cultura do povo português, à elevação do nível intelectual do país, e ao aperfeiçoamento das artes gráficas, teve, sempre, a maior utilidade; e têm agora grande oportunidade todas as medidas que possam concorrer para se estudarem, praticamente, tais problemas, porque há muito para resolver nas indústrias e artes gráficas e é bem evidente a crise livresca e editorial.

Embora esta crise se revista de aspectos de ordem mundial — e um destes seja a falta de tempo com que lutam os indivíduos para poderem ler obras de grande tomo e vulto, tão absorvidos andam na vertigem das ocupações, dos negócios e modernas e atraentes distrações — creio que bastante se pode fazer no nosso país em defesa da Cultura e das soluções relacionadas com tal problema.

Será necessário lembrar que Portugal é um dos poucos países civilizados onde não existe uma Associação de Escretores em plena actividade, apesar dos desejos que alguns manifestam em vê-la a funcionar?

Merecem, pois, ser secundados todos os esforços que visem o estudo, um maior interesse e a solução de todos estes problemas culturais, que também dizem respeito ao prestígio do país e à sua economia.

Por assim pensar, entendo que não se deve ficar indiferente ao debate destas questões. E alguns artigos tenho publicado defendendo a criação dum Instituto Nacional do Livro, donde podem derivar benefícios de ordem cultural e económica.

Há anos, no jornal literário 'O Diabo', tive oportunidade de publicar alguns pequenos estudos onde esboçava a organização e acção que poderia ter esse organismo — além dos aperfeiçoamentos que lhe poderiam introduzir outros mais e mais bem informados do que eu. Exceptuando meia dúzia de pessoas que me escreveram cartas ou publicaram escritos concordando com a ideia, esta permaneceu sem qualquer sintoma de realização, embora pouco ou quase nenhum sacrifício representasse para o Estado e fossem bem evidentes as vantagens da criação de tal organismo.

O que há de desagradável, e mesmo desanimador, acerca destas e semelhantes sugestões que, de vez em quando, surgem no nosso país, é que ninguém as escuta ou atende, embora a sua feição construtiva; e as opiniões dos que insistem em estudar estes problemas... são como vozes que bradam no deserto...

No que respeita à criação dum Instituto Nacional do Livro, é pena que prossiga o alheamento, porque — na pior hipótese — seria uma experiência de modestos encargos financeiros, e talvez trouxesse benefícios aos problemas livrescos e editorial, às artes gráficas, à situação económica de escritores, artistas e operários, e, dum modo geral, poderia concorrer para mais alto nível cultural do país.

Para avaliarmos desses possíveis benefícios bastará reflectir em que todos esses assuntos culturais têm uma grande importância espiritual e económica e não se encontram concentrados, para soluções práticas de conjunto, em qualquer organismo oficial ou particular — embora existam diversos departamentos que tratam de questões e problemas literários e artísticos, mas fragmentariamente e com outras finalidades.

Um Instituto Nacional do Livro, onde estivessem representadas as associações dos escritores, de editores e livreiros, da Imprensa, dos operários gráficos, dos artistas ilustradores e, possivelmente, das Faculdades de Letras e doutros organismos e instituições culturais, poderia, realmente, produzir um trabalho interessante — de estudo e orientação — que contribuiria para atenuar os vários aspectos da crise livresca; para estreitar relações entre os diversos sectores culturais, técnicos e comerciais; e para erguer o nível literário e das artes gráficas.

O seu programa de trabalhos seria enorme; e no primeiro plano poderiam figurar estudos para auxiliar a extinção do analfabetismo; ensino profissional das artes gráficas; difusão de pequenas bibliotecas em todo o país e instituição na Metrópole e nas Colónias de «Comissões dos Amigos do Livro»; estudo dos mercados livrescos das Colónias, Brasil e outros países; intercâmbio cultural internacional para mais larga tradução de obras portuguesas no estrangeiro e melhor conhecimento de autores pouco conhecidos em Portugal; estudo das facilidades a obter e encargos a diminuir nas indústrias gráficas e comércio livresco; defesa da Língua pátria; e propaganda do Livro, sem esquecer que grande número de estabelecimentos que vendem livros no país — embora esse comércio lhes garanta um lucro limpo de 20 por cento, livre de empates ou sobras — não sabem ou não se dispõem a saber do comércio livresco.

Quantos aspectos mais haveria a enumerar! Um Instituto Nacional do Livro teria vasto campo de iniciativa e acção, livre de peias burocráticas. O Estado, representado num tal organismo, através do seu delegado, seria informado, imparcialmente, das medidas necessárias ao desenvolvimento e prestígio da Cultura nacional.

A representação da Revista '*Occidente*' surge com oportunidade. Um Instituto que possa funcionar saudavelmente, dando satisfação a todas as aspirações culturais e progressivas, será bom serviço prestado ao País.

Há quase meio século que venho aprendendo o grande papel que os livros desempenham na vida do homem e dos povos.»

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social, benemérita Instituição com sede no Porto e expansão educativa por todo o País, dirigiu em 1 de Fevereiro ao Ex.^{mo} Presidente da Assembleia Nacional o seguinte officio:

Excelência:

Acaba a importante revista 'Occidente' de dirigir aos Senhores Deputados da Nação Portuguesa um oportuno e bem elaborado apelo em prol da Cultura

portuguesa, em que, depois dum criterioso preâmbulo, formula sugestões de grande alcance e interesse para o País; e a Liga Portuguesa de Profilaxia Social, que à obra da Cultura portuguesa tem dado um longo e amplo contributo, pede licença para secundar junto de Vossa Excelência e Excelentíssimos Deputados essa exposição tão lúcida e tão justa, que se nos afigura digna da melhor simpatia.

O assunto interessa a esta Liga, acima de tudo, pelo seu lado geral e nacional, mas interessa-lhe ainda como editora que é de numerosas publicações, umas de índole doutrinária e outras de carácter educativo. Assim, entre as primeiras, avultam as grandes colectâneas em que se reúnem as preciosas conferências que a Liga promove, e em que têm preleccionado muitos dos nossos melhores valores intelectuais e cívicos — altos funcionários de várias serviços do Estado, Professores universitários e de outros graus, Médicos, incluindo especialistas de vários ramos, Jurisconsultos, Engenheiros, Escritores, Artistas e outras personalidades de escol; enquanto na segunda categoria se agrupam variados opúsculos de propaganda higiénica, profiláctica e sanitária, que, editados em largas tiragens e a seguir profusamente distribuídos, têm difundido por todo o País os melhores ensinamentos para a educação e higiene da Grei.

Deste modo a Liga de Profilaxia está plenamente habilitada a secundar as solicitações feitas no apelo da revista 'Ocidente'. Pelo que respeita à propriedade literária, parece justa a pretensão de se procurar harmonizar a lei portuguesa com a lei brasileira; e quanto ao desenvolvimento de bibliotecas de todos os tipos e níveis, apresenta-se à Liga de Profilaxia Social como uma medida do maior alcance para a Cultura portuguesa. Todas as bibliotecas, mas sobretudo as que mais directamente proporcionam a divulgação educativa, interessam particularmente a esta Liga, pois que a todas elas tem oferecido os volumes que publica: às bibliotecas das Universidades, dos Liceus e das Escolas Técnicas; às bibliotecas municipais do Norte a Sul do País; às das Casas do Povo, Sindicatos Nacionais, e variadas outras agremiações; às bibliotecas das Prisões, etc., etc. É que quanto maior for o número das bibliotecas, mais se levanta o nível cultural do povo, com a vantagem adicional, mas não desprezível, de arrancar muitos adolescentes e mesmo muitos adultos a passatempos e ambientes perniciosos como os dos cafés, bailes populares, tabernas, prostíbulo, etc.

Da mesma forma, todas as medidas de protecção à indústria do livro sugeridas no apelo da revista 'Ocidente' nos parecem muito dignas da solícita e esclarecida atenção da Assembleia Nacional, desde as que se referem ao ensino das artes gráficas até às concernentes ao barateamento dos papéis para livro, merecendo também por certo especial menção as sugestões relativas à defesa da Língua e às relações com o Brasil e com a Espanha. A criação duma entidade central, o Instituto Nacional do Livro, encarregada de coordenar, organizar e impulsionar tudo quanto ao livro respeita, afigura-se-nos também do maior interesse, coroando e englobando todas as medidas preconizadas. E finalmente merece-nos particular e concreto apoio o estabelecimento do reembolso postal entre Portugal e o Brasil e com aquelas das nossas colónias que ainda hoje estão privadas dessa tão útil regalia, pois que a esta Liga são também por vezes solicitadas as nossas publicações por parte de pessoas vivendo na nação irmã e em variados pontos do Império Colonial

Português. Todos os óbices, aliás de qualquer natureza que sejam, que se interponham à boa divulgação cultural quer interna quer externa, como taxas de transportes e de cobrança, contingentes limitados de troca de livros com o estrangeiro, devem ser afastados ou pelo menos abrandados.

Tais são os motivos, Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Nacional, que nos levam a acompanhar com a maior simpatia a acção da revista 'Occidente' na oportuna iniciativa que tomou de formular perante os Excelentíssimos Senhores Deputados da Nação uma série de aspirações tão criteriosas quão úteis. E a rematar, só nos permitimos juntar-lhe mais uma: a de que todo o nosso ensino, mas sobretudo o primário, seja objecto do maior carinho, pois só a alfabetização integral do nosso povo lhe permitirá utilizar-se largamente do livro e colher dele os ensinamentos que lhe permitam olhar melhor pela sua higiene, saúde e bem estar, defendendo-se tanto contra rotinas perniciosas como contra inovações e estrangeirismos, que envolvem perigos; o que se torna agora tanto mais exequível quanto, pela lei n.º 49.956 de 16 de Junho de 1949, se deram os primeiros passos para uma equilibrada protecção à infância e à adolescência, proibindo nas publicações que lhe são destinadas tudo quanto possa induzir à violência, ao crime, ao vício e a todas as desmoralizações, e criando para tal fim um organismo apropriado. São duas medidas que se conjugam: o desenvolvimento da instrução e a prudente eliminação das más leituras juvenis; e só mediante o fomento geral da Cultura o mercado interno do livro se poderá alargar a proporções que tornem remunerativo o trabalho dos homens de letras e dos respectivos editores.

Queira Vossa Excelência aceitar o testemunho da nossa consideração elevada.

A Bem da Nação

OS DIRECTORES



A Casa-Oficina de Soares dos Reis, a que nos referimos no fascículo anterior, vai receber os concertos e reparos de que necessitava. Foi já votada a verba de 250 contos para esse fim, o que garante a salvação da preciosa relíquia. O Sr. Ministro das Obras Públicas ouviu os apelos de quantos expuseram a situação de ruína em que se encontrava a casa onde o eminente Estatuário do 'Desterrado' viveu seus sonhos e torturas de Arte, e o restauro não tardará a ser executado.

A Escola de Belas Artes do Porto está também em grande desenvolvimento. Vai ser já ampliada com um novo pavilhão e brevemente será posto a concurso um segundo.

Oxalá viração semelhante venha a correr dentro de curto prazo sobre o Museu de Arte Contemporânea e Escola de Belas Artes de Lisboa, que tanto necessitam daquela mesma nobre simpatia.

Quanto à Biblioteca Nacional, seria decerto impertinente voltar a descrever a situação desoladora em que se encontra. O problema há de ser solucionado e, sem dúvida, com a grandeza que lhe é devida.

EU

Por MARIA DE SANTA ISABEL

Eu vivo para além da fita azul,
Que o Tejo marca a luz, nas solidões
Sagradas, onde a voz do «vento sul»
Soluça, entoando cálidas canções!
E da vasta amplidão, de sonho enorme,
O áureo limite funde-se no Céu,
Conforme
Seu coração no meu!

Oh minha terra, cismas revolvendo,
Absorta e muda, horas sem fim:
Só a falar de ti é que me entendo,
Porque é falar de mim!
Minha alma estranha reconhece
Que é só por ti que sente e sonha e se engrandece!
Meu sobreiral, sangrando de amargura,
Minha alma, errante, te procura!
Comungo em tua mágoa,
Oh terra ardente;
Anseio a gota de água,
Deleitosa, que mata a sede à gente!
Mas sei, também, viver as tardes calmas
Da tua graça, a desfazer-se em luz,
Quando embalas, sorrindo, as nossas almas,
E anuncias milagres de Jesus!
(Sentir a paz, o sol duma alvorada,
É como pressentir o próprio Amor!)
E tudo em derredor
É luz abençoada!

Eu vivo para além da fita azul
Do Tejo, nas paragens de tristeza
Dos estevais... Selvagem flor do Sul,
Encarno em Natureza!

A ESCOLA AQUITÂNICA

OS ESTUDOS E A DISCIPLINA

Por ALFREDO DE CARVALHO

XI — O PRÓLOGO DO REGULAMENTO

As palavras de abertura do Regulamento Aquitânico escreveu-as o sábio professor E. Vinet no propósito evidente de apresentar ao leitor a obra cuja edição a Jurada de Bordéus lhe havia confiado. Todavia, para que não subsistissem dúvidas quanto ao autor do Regulamento, o prefaciador escreveu em primeiro lugar o nome de André de Gouveia e consagrou-lhe quase inteiramente as palavras de abertura ⁽¹⁴⁸⁾. Surpreende na verdade que, não querendo Vinet atribuir-se o Regulamento, (neste ponto ele foi o mais claro possível), alguns viessem mais tarde atribuir-lho e insistissem em considerá-lo editor e autor.

O Prólogo não muito extenso esclarece o leitor quanto à elaboração da obra e sua autoria, julga o seu valor pedagógico no aspecto disciplinar e didáctico, informa da degradação que pouco a pouco a atingiu ⁽¹⁴⁹⁾, justifica a sua publicação e alude às primeiras tentativas que nesse propósito se verificaram e à intervenção que no caso teve o próprio Vinet.

Nas breves palavras de abertura houve, no entanto, a intenção de render justa e calorosa homenagem aos dons intelectuais e à capacidade profissional do Principal Gouveia. A intenção manifesta-se nas primeiras frases e parece dominar todo o trabalho do editor que se desvanece de haver servido alguns anos sob a direcção do Mestre português e de haver colaborado nas suas experiências de acção escolar ⁽¹⁵⁰⁾.

Louva-se o Principal, porque nele a Escola de Bordéus encontrou o homem mais competente para educar a juventude, porque soube escolher os seus colaboradores na fina flor dos Mestres europeus, e se dignou ouvir os conselhos deles, compreender-lhes as ideias e entender-lhes as sugestões. Louva-se o Principal, porque deu à sua Escola uma disciplina perfeita como até aí não conhecera e cuidou de a manter, dentro da Escola, com firmeza e proveito.

⁽¹⁴⁸⁾ *Andreas Gouveanus Lusitanus* — E. Vinet fala no Prólogo como simples editor duma obra que outro escreveu e que por circunstâncias fortuitas veio parar-lhe às mãos.

⁽¹⁴⁹⁾ «*quum paulatim corrumpi cernerem*»... (Elias Vinetus lectori suo-Sch. Aqui.).

⁽¹⁵⁰⁾ Vinet serve-se ainda do facto para autenticar o que escreve a respeito de Gouveia e revestir-se de maior autoridade.

Louva-se ainda o Principal, porque estabeleceu regras de ensino inspiradas na melhor pedagogia da época e experimentadas por quantos atraíra ao seu campo de acção.

Assim Vinet abre o Regulamento com belas palavras de louvor a André de Gouveia e fecha a primeira parte com as mesmas palavras de expressivo e comovente louvor ⁽¹⁵¹⁾. Do que no prólogo se lê, deduz-se que a ordem escolar assenta exclusivamente em uma disciplina firme e num método de ensino apurado. A escola será o que for a sua disciplina e o que for a sua regra pedagógica: — boa se aquelas forem boas, medíocre se porventura a disciplina e a didáctica se mostrarem medíocres. O Ginásio Aquitânico foi sob a direcção do Principal português não só instituição de disciplina modelar mas também um centro de superior orientação pedagógica.

Vinet deixa-nos pensar que essa ordem escolar seria num certo grau criação pessoal ou acção de presença, porquanto o afastamento de Gouveia para a Pátria fez-se sentir na disciplina escolar ⁽¹⁵²⁾. Produziu-se uma degradação que preocupou não só quem exercia funções directivas, mas também os que ministravam o ensino e notavam o relaxamento crescente.

Nem essa degradação se impediu ou se travou no Principalato de Gélida que servira como regente na época em que o Colégio se impunha pela sua ordem e pelo seu esplendor e que conhecera directamente os costumes e normas de firme disciplina ali observadas.

Vinet reconhece em Gouveia, antes de tudo, a vocação pedagógica — e aponta-o sempre como o Mestre por excelência e como o educador de alta capacidade criadora. Numa frase breve mas significativa manifesta os sentimentos de admiração e de respeito que esses dons lhe suscitam. Gouveia é, no dizer de Vinet, o homem talhado para educar a juventude ⁽¹⁵³⁾ no amor da verdade e no culto dos nobres sentimentos. Aparece no seu tempo como uma das mais extraordinárias vocações pedagógicas ao serviço da Cultura humanística: por isso o seu nome resplandece gloriosamente no pórtico do Regulamento.

A mesma vocação que salvou uma escola em crise e que tanto impressionou os mais altos espíritos de Bordéus ⁽¹⁵⁴⁾, vem grandemente enaltecida na correspondência do insigne professor Britannus que regentou no Colégio desde o Principal J. Tartas ⁽¹⁵⁵⁾, da qual se encontram copiosos trechos na obra de Gaullieur, cuja

⁽¹⁵¹⁾ Semelhante insistência em louvar convence-nos por um lado dos merecimentos profissionais de quem assim é louvado e por outro lado dos laços de amizade que prendiam E. Vinet a Gouveia — o discípulo grato ao Mestre inesquecível.

⁽¹⁵²⁾ Quantas vezes um estado de disciplina depende de elementos pessoais e aparece como consequência apenas da presença do chefe, sem carecer do emprego de meios rigorosos ou de pressão austera! Quantos vencem docemente onde muitos falham... por violência e aspereza!

⁽¹⁵³⁾ «*homo ad juventutem recte instituendam factus*». — (Sch. Aquit. Ibidem).

⁽¹⁵⁴⁾ Entre esses altos espíritos figuram professores, letrados, autoridades eclesiásticas e conselheiros.

⁽¹⁵⁵⁾ J. Tartas, o antecessor de Gouveia no governo do Colégio.

leitura comove e reconforta quantos consomem saúde e vida nas lides do ensino. Para Britannus Gouveia foi o Director competente, zeloso e activo que reformou para melhor a escola que o seu antecessor indisciplinara de cima a baixo. Foi ele que renovou o quadro docente e o aumentou com professores eruditos e graves ⁽¹⁵⁶⁾ e fez subir a frequência por forma surpreendente ⁽¹⁵⁷⁾.

Britannus não é escasso em louvores e é na sua correspondência que o conceito de Vinet, atrás indicado, se desenvolve na máxima amplitude e profundidade. Faz depender a existência do Colégio da existência de Gouveia, lembra como desejam ardentemente a presença do Principal quantos amam as belas letras e se exercem nas artes liberais ⁽¹⁵⁸⁾ e comunica-nos a onda de confiança com que por todos ele era olhado nas grandes empresas escolares «*Tous les gens de bien mettent en toi leur attente*»: assim escreve Britannus em carta dirigida a Gouveia ausente em Paris no fim do ano de 1534 ⁽¹⁵⁹⁾.

Em palavras claras e impressionantes elogia o sábio professor bordelense a equidade e a prudência que o notável Principal emprega na administração e a superior inteligência e sólida e respeitada autoridade de que se serviu para erguer o Colégio ao nível duma gloriosa Academia que pôde igualar-se às melhores de Paris ⁽¹⁶⁰⁾. E em carta para Gerotius, Britannus acentua a fama crescente da Escola o que em seu entender deve apenas atribuir-se à hábil acção do seu Director ⁽¹⁶¹⁾.

É, porém, numa carta dirigida a J. Ciret que Britannus dá largas aos seus sentimentos de admiração e de simpatia pelo Mestre «*ad juventutem recte instituendam factus*». Porque a carta levanta numa luz de entusiasmo as glórias da Aquitânia e as associações de Gouveia, apraz-nos transcrevê-la em parte segundo a tradução de Gaullieur:

«*Aujourd'hui la gloire de l'Aquitaine resplendit parmi les autres nations: aujourd'hui, cette ville s'illustre dans l'étude de la langue, de la littérature et des chefs d'œuvre oratoires de tous les peuples; Bordeaux a enfin compris que par la culture des lettres et grâce à leur influence les mœurs seront bientôt ici plus douces et*

⁽¹⁵⁶⁾ Carta a Pierre Lagnier transcrita por Gaullieur, (obr. cit.), cap. V, pág. 91.

⁽¹⁵⁷⁾ A subida da frequência, em breve espaço de tempo, consagrou o valor de Gouveia.

⁽¹⁵⁸⁾ Carta a A. de Gouveia (Gaullieur, cap. V, pág. 93-94).

⁽¹⁵⁹⁾ Gouveia, mesmo ausente de Bordéus, tomava conhecimento da vida interna do Colégio por meio de cartas que lhe escreviam alguns professores a informá-lo. O seu mais assíduo informador era Britannus. A carta a que se alude encontra-se na obra de Gaullieur, cap. V, pág. 93-94.

⁽¹⁶⁰⁾ Carta de Britannus a J. Ciret. Gaullieur. Obra cit., cap. VI, pág. 108.

Da correspondência de Britannus, um dos professores mais afeiçoados a Gouveia nos primeiros anos do seu Principalato se recolhe curiosa notícia dos progressos obtidos no Colégio.

⁽¹⁶¹⁾ «*Déjà le Collège de cette ville commence à devenir célèbre grâce à l'habile direction de Gouvêa dont le nom fait autorité auprès de tous*»... — Gaullieur. Obra cit., cap. VIII, pág. 125.

plus policées. Eh! que dis-je, bientôt? Déjà même, ce résultat apparaîtrait ici d'une manière remarquable.

Les intelligences se développent, les études dont le niveau s'élève, s'accroissent et se multiplient.

«Ces excellents résultats sont dus, je ne me lasserai pas de le répéter, au mérite tout particulier du Principal André de Gouvea, dont le savoir égale la modestie et la gravité»... (162).

Britannus, na correspondência particular, Vinet no Prólogo do Regulamento e Montaigne na sua conhecida obra reconheceram igualmente que A. de Gouveia se revelou a maior vocação pedagógica do seu tempo em França.

Como chefe modesto e grave, sabedor e activo, justo e humano, sensato e afável, experimentado e organizador, foi o modelo dos Principais, pois que soube disciplinar sem rigor nem violência, soube instruir e educar com facilidade e doçura, soube animar e suscitar os mais fecundos e gratos convívios escolares. Conheceu perfeitamente os valores que o cercavam e cuidou de os aproveitar e de os associar na sua obra, consultando-os, ouvindo-os, considerando os seus conselhos e pesando os frutos das suas experiências. Ninguém como Gouveia manteve um tão excelente espírito de cooperação escolar. Ninguém como ele teve o culto da disciplina e comunicou entusiasmo pelas belas-lettras e espalhou confiança e amizade. Vinet o salienta, com menos força que Britannus, nas primeiras linhas do *Prólogo*, e em alguns passos do Regulamento nos explica que meios práticos executou para manter vivo esse espírito de cooperação.

A hábil política escolar, tão ao invés da que seguiu o seu antecessor Jean de Tartas, justifica em grande parte o êxito que consagrou o seu trabalho.

A Gélda, erguido já à situação de Principal, recomendou Vinet que se publicasse o Regulamento da Escola Aquitânica para impedir que se corrompesse e viesse a ser inteiramente esquecido. Ao aludir ao caso, qualifica aquela regra de ensino de *antiga e conhecida* (163), como já atrás a qualificara de perfeita. Tratava-se pois duma regra que outro havia redigido em tempos passados, que muitos conheceram e observaram e que incluía um perfeito método de ensino.

Certo é que Gélda aceitou de bom grado a recomendação e para a cumprir não lhe faltava sabedoria, pois que era profundo conhecedor do Latim e do Grego (164), mas circunstâncias que não se explicam se opuseram a que concluísse a revisão da obra. Seriam por acaso as duras responsabilidades do cargo que exercia? Ou factos de grande importância teriam desviado a atenção do novo Principal do estudo do Regulamento que precederia a edição? Vinet

(162) Da carta a J. Ciret, transcrita por Gaullieur. Obra cit., cap. VIII, pág. 131-132.

(163) «*ut veterem illam et scitam docendi rationem in litteras referret*». Ibidem.

(164) «*Ludimagister utriusque linguae doctissimus*». Ibidem.

no *Prólogo* nada de concreto e de claro escreveu a este respeito e devolveu aos fados a culpa do malogro; e como a Direcção do Ginásio lhe veio parar às mãos um pouco mais tarde, o manuscrito gouveiano foi-lhe confiado pela força do cargo em que as autoridades bordelesas o investiram. Então Vinet decidiu confrontar a regra manuscrita com as antigas normas pedagógicas que ele próprio conhecera e observara no espaço de tempo que serviu sob André de Gouveia ⁽¹⁶⁵⁾, e só depois de longo e reflectido estudo, no qual pôs à prova todos os recursos da sua inteligência e saber ⁽¹⁶⁶⁾, se afoitou à edição do opúsculo. Muitos anos decorreram no trabalho grave de comparação e de apurada revisão.

Em 2 de Abril, Jean Ciret, escandalizado com a indisciplina que lavrava no Colégio de Guiana, provocada, segundo alguns professores, pelo Principal Jean Tartas, propôs em sessão da Jurada que este fosse exonerado do cargo e substituído por quem oferecesse garantias de disciplina e de competência. Lembrou para o cargo o nome de André de Gouveia, que, ao tempo, dirigia o Colégio de Santa Bárbara com autoridade e proveito.

Em reunião de 28 de Maio de 1534, resolveu o Conselho dos Trinta convidar o Mestre português para o cargo de Principal da Escola de Bordéus, mergulhada em crise de disciplina; e Gouveia foi nomeado oficialmente em sessão de 15 de Julho do mesmo ano.

Pelos serviços de direcção atribuí-se-lhe uma gratificação anual de quinhentas libras, que, três anos volvidos, foi aumentada por proposta do advogado Louis Girard para setecentas ⁽¹⁶⁷⁾. Jean Ciret, conselheiro do Parlamento e grande notável de Bordéus, acompanhou com o mais vivo interesse e constante simpatia os progressos do Colégio sob a orientação do novo Principal e foi com justificado contentamento que ouviu as palavras de louvor a que atrás nos referimos, vindas exactamente daqueles que mais vigorosamente se haviam insurgido contra o mau governo de Tartas.

Na verdade, Jean Ciret descobrira o homem necessário para salvar a mais bela fundação cultural da Aquitânica. Por isso mesmo um coro de vozes agradecidas se levantava em homenagem a Gouveia, e não demorou muito que as autoridades da cidade intervissem junto do Rei para que lhe fosse dada carta de naturalização ⁽¹⁶⁸⁾. Entre os que mais interessados se mostraram, figurava o mesmo Ciret que apontara o nome dele à Jurada para governar o Colégio.

As setecentas libras de gratificação anual vieram juntar-se mais tarde prebendas, conezias diversas como a da Colegial de Bazas e as rendas das paróquias de Saint-Gervasy e de Castets-en-

⁽¹⁶⁵⁾ (*annos enim circiter sex sub Gouveano Burdigalae merui*). Ibidem.

⁽¹⁶⁶⁾ «*efficereque pro viribus*»... Ibidem.

⁽¹⁶⁷⁾ Reconhecido por todos que a fama do Colégio crescera em pouco tempo a tal ponto que a sua frequência atingiu o número de dois mil e quinhentos alunos e que rivalizava com os mais celebrados Colégios da França, a proposta de Louis Girard foi bem aceite e aplaudida pela Jurada.

⁽¹⁶⁸⁾ A carta de naturalização foi entregue em a sessão da Jurada de 4 de Abril de 1537.

-Dorthe, num total de quinhentas libras por ano⁽¹⁶⁹⁾. Entre as dignidades que lhe foram conferidas realça a de Teologal da Igreja de Bazas. Junte-se a tudo isto ainda como prebenda considerável o priorado de Sendat no Arciprestado de Sidrac.

Assim copiosamente remunerado e premiado com prebendas e distinguido com altas dignidades e honrarias, sempre bafejado pela mais generosa protecção das autoridades eclesiásticas e civis de Bordéus, André de Gouveia passou como o mais respeitado de todos os Mestres que regentaram naquela cidade da Aquitânia.

A sua gravidade e erudição, o seu espírito de justiça e de prudência, a sua modéstia e afabilidade de trato, a sua capacidade de direcção aliada ao profundo respeito dos que o acompanhavam na sua missão, a sua lealdade nunca violada e os seus sentimentos de camaradagem, impuseram-no como chefe e atraíram-lhe a confiança e a estima de quantos serviam sob o governo dele. Em reconhecimento de quanto valia como educador e como homem, como saber e acção, como inteligência e dignidade moral, em solene reunião da Jurada lhe foi entregue carta de naturalização na presença dos notáveis da cidade, convocados pelo pai de Montaigne, escudeiro e administrador.

E entre os notáveis apareciam Pierre Guilloche, preboste M.^{es} Pierre Sernanton, Guillaume Gaufreteau, Girard, Livran, La Mothe, Forthou e o Procurador da cidade, perante os quais Gouveia ouviu a leitura do honroso documento outorgado por Francisco I em Janeiro de 1536.

Tantos títulos de prestígio a enaltecer o nome do Principal do Colégio, bem os conhecia Vinet quando, muitos anos mais tarde, escreveu o *Prólogo* do Regulamento e nada admira que, na abertura do *Prólogo*, em uma síntese perfeita, atribuisse a Gouveia evidência nunca atingida na história do ensino em França. Mais se explica que Vinet insistisse, em vários passos da obra, em considerá-la regra antiga e conhecida composta pelo Principal português.

Causa, por isso, maior surpresa que Labadie, já depois das publicações de Quicherat e de Massabieau atrás mencionadas, viesse afirmar que Vinet foi o único autor do Regulamento e não simples editor. Eis o que se lê em Labadie:

«*Dans son avis au lecteur, Vinet fait savoir qu'il a rédigé lui-même ces nouveaux règlements à la demande des jurats, pour remplacer ceux que Gouvêa avait établis au début de sa direction et qui n'étaient plus suivis depuis longtemps*»⁽¹⁷⁰⁾.

Note-se que, precisamente na advertência ao leitor, Vinet informa de maneira clara que a *Schola Aquitanica* é um antigo e conhecido método de ensino instituído por Gouveia, Principal da Escola (*schola Burdigalensi præfectus*). Não tratou Vinet de redigir um Regulamento novo, mas de publicar um antigo e em observância desde há muito, nem Vinet se propôs substituir a Regra

(169) Obra cit. de Gaullieur, cap. VIII.

(170) '*Bibliographie Historique d'Elie Vinet*' por Ernest Labadie, pág. 84 e 85.

Gouveiana como Labadie o afirma, mas antes salvar essa Regra em toda a sua pureza e evitar que fosse esquecida e se corrompesse com o tempo. Neste ponto, a advertência ao leitor diz exactamente o contrário do que se lê em Labadie ⁽¹⁷¹⁾.

Não sabemos, porém, o que Vinet escreveu a respeito de André de Gouveia e da sua obra em Bordéus no livro '*Tres Goveani Lusitani*', que se imprimiu em Francfort em 1608. Trata-se de uma carta dirigida a André Schott, cuja data se ignora e em que se juntam elementos biográficos relativos aos três Gouveias ⁽¹⁷²⁾ — carta que foi mencionada pela primeira vez por P. Nicéron na bio-bibliografia de Vinet ⁽¹⁷³⁾.

Convencidos estamos que, sendo a *Schola Aquitanica* uma das últimas edições de Vinet, o que aqui se lê constitui a verdade definitiva a que ele chegara, se por acaso — o que não é de crer — existissem divergências nas duas obras em relação à autoria do Regulamento.

Em conclusão, a advertência de Vinet ao leitor, que nem sempre foi lida com inteligência, (souberam-na ler Massabieau e Gaulleu), destrói todas as dúvidas quanto à autoria e esclarece a intervenção de Vinet. Essa advertência foi salientada por Massabieau, bem apreciada por Gaulleu e transcrita textualmente por Teófilo Braga. Todos a consideram um documento interessante e basilar no estudo da acção pedagógica de André de Gouveia.

Aproveitemo-la por sentimento de justiça e para reivindicação do que nos pertence ou foi obra dos nossos dentro ou fora da Casa Lusitana — e arranquemos dela toda a pura verdade que lá dentro resplandece. Montaigne, Vinet e Britannus, entre os antigos, iluminaram fortemente a verdadeira Obra Gouveiana e a essa luz é que nós outros a devemos contemplar por cima de alguns erros ou deformações que porventura se cometeram algures.

⁽¹⁷¹⁾ «*id mihi visum est cum priscis illis institutis, quae mihi cognita fuerant... comparare tandem ac in publicam utilitatem edere*»... (Sch. Aquit. Ibidem).

⁽¹⁷²⁾ Os irmãos André, António e Marçal.

⁽¹⁷³⁾ '*Mémoires*', t. XXX, 1734.



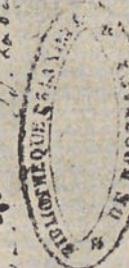
NOTA — As fotocópias do frontispício e 1.ª página da '*Schola Aquitanica*' foram obtidas na Biblioteca Municipal de Bordéus por intermédio do Prof. dr. Francisco da Costa Marques, Leitor de Português na Faculdade de Letras, a quem agradecemos a amabilidade de ter satisfeito o nosso pedido.

A REVISTA MENSAL 'OCIDENTE' FUNDADA EM 1938 POR ALVARO PINTO JÁ COMPLETOU 37 VOLUMES COM MAIS DE 15.000 PÁGINAS DE LEITURA SÉRIA E 900 ILUSTRAÇÕES. / EXISTE UMA PEQUENA QUANTIDADE DE COLECÇÕES COMPLETAS: 37 VOLUMES ENCADERNADOS COM CAPAS DE PANO AZUL POR 3.100\$00

1909
SCHOLA

Aquitanica.

*C'est le Collège de Sionne au Montaigne
à la fin du 15^e siècle, vers le 1580-1590, collé
à la fin du 16^e siècle, pour Louis, dit le
Grand, par le sieur de France, etc.
Sicut in Soli.*



BVRDIGALÆ,
Apud Sⁱ Millangium, Typogra-
phum Rëgium.
M. D. LXXXIII.

II
ELIAS VINË
TVS LECTORI
S.

ANDREAS Gouueanus
Lusitanus, scholæ Bur-
digalensi præfectus, bo-
mo ad iuuentutem recte
insituendam factus, Maturino Cor-
derio, Claudio Budino, aliisque Gal-
lis præceptoribus eiusdem rei peri-
tissimis, in consilium adhibitis, ludæ-
suum optima disciplina, & exacta
ratione docendi informauerat. Quã
post discessum eius in patriam, ac
obitum, quum paulatim corrupti
cernerem, Ioanni Gelida Valentino,
A 2

Fac-simile do frontispício e da 1.ª página do Regulamento de estudos de André de Gouveia — «Schola Aquitanica»
Edição de 1583 — Millange — Bordeaux



J. REIS GOMES

(Retrato a óleo)

Pelo PROF. AMÉRICO MARINHO

O COMUNISMO E A ARTE

Por J. REIS GOMES

O Comunismo é, essencialmente, uma ideologia destrutiva; nega Deus, nega a Família, nega a Moral, nega a supremacia do Espírito.

Mesmo quando afirma em princípio logo desdiz na prática. Proclamando a igualdade — falsamente, porque as inteligências como as índoles, como aptidões e temperamentos, todos se apresentam diversos —, o Comunismo logo estabelece classes, graduadas a seu modo, chegando a inverter, até, a hierarquia natural.

Negando a espiritualidade, põe as funções da inteligência, o saber e a invenção, a par ou até abaixo da execução manual. Neste absurdo consiste todo o seu ideal construtivo.

A integração absoluta do indivíduo no Estado — tirando-lhe a aspiração superior, todo o engrandecimento derivado das impulsões do espírito e da ideia da perpetuidade, innata aos homens, através de seus filhos, para os pais uns estranhos — é a negação dos mais nobres e salutareos estímulos que determinam a dinâmica da nossa civilização.

A destruição dos monumentos que são a documentação da história e das glórias dum povo, e o cego arrasamento do seu património artístico, a aniquilação de quanto lhe é racial, desde tradições e crenças até as florações do espírito, é a prova mais palpável de que o marxismo, dizendo-se de fundo científico, é, praticamente, o invés de toda a ciência no que respeita ao homem, que ignora ou renega, começando por desconhecer, sobretudo, a alma do ser civilizado.

Temos já tratado dessa torva doutrina negativista e cruel, sob diversos aspectos. Hoje, bem que ligeiramente, apenas falaremos dela em suas relações com a Arte.

A obra literária, como a musical e a plástica, incluindo a Arquitectura, deriva dum processo íntimo de sensibilidade e talento, muitas vezes de génio, que em nada se assemelha ao aplainar duma tábuca, à construção de paredes, à cava duma fazenda ou ao forjar dum machado.

Estas produções, de carácter material, podem subordinar-se a um ritmo, à comparação de esforços com contagens e de tempos, seja para cada peça ou cada artigo aparelhados. E compreende-se que, nas fábricas, sob a acção das mesmas máquinas, estes possam obter-se com uma regularidade tal que caibam em leis numéricas. A disciplina, actuando sobre o motor humano que dirige, a seu turno, um certo engenho fabril, só tende a desenvolver a realização material.

Todas as horas são boas para serrar o mesmo tronco, e torneiar a mesma esfera. A disposição de espírito é indiferente, já, ao gesto mecanizado que, no tailorismo actual, se repete, até à fadiga, sem a mais leve alteração.

Estes trabalhos podem bem ser pautados por programas, por

horários, por tarefas. É a obra colectiva e, por sua natureza e forma de produção, a obra socializável.

O Estado paga-a a tanto por hora, a tanto por cada metro, a tanto por decímetro cúbico. Não assim a pura obra do espírito, seja literária ou artística. Esta não se subordina a tempos nem ao silvo da sirena, nem à voz dos capatazes. Fora o labor colectivo dalguns modestos operários da grande Imprensa periódica — redactores de informações — a obra do Escritor ou Poeta, a do Compositor musical e a dos genuínos Artistas é produto individual, fruto de acções internas, que brota nesse momento propício em que o cérebro, fecundado pela ideia, como que logo engravida e no fim do tempo próprio — impossível de medir-se — é forçado a dar à luz: nasce então a obra de Arte.

Como submetê-la a salários, à medida da mão de obra que supõe o mesmo esforço dentro dum mesmo tempo? Tanto por um braço de estátua; tanto por folha, dum livro; tanto pela pintura dum olho; tanto por cada compasso escrito na partitura?... Fixação impossível, pois que é tudo variável dentro de limites tais — todos de ordem psíquica — que nem são assinaláveis.

Estas últimas produções, deixem-nos repetir, de sua essência pessoais, opõem-se ao colectivismo.

Para aquém de certos termos, não repugna admitir-se que sejam socializados, por exemplo, os músicos executantes, — quando em grupos orquestrais — ou os actores de cinema. Seu labor é de conjunto: realizador e regente passam então a capatazes. Dentro do seu domínio e dentro da sua técnica podem separá-los em classes e ligar-lhes o trabalho à noção fixa do tempo.

Nas artes de criação é totalmente absurda — inda melhor: monstruosa — a socialização comunista.

Contudo, há alguns intérpretes da obra de Carlos Marx — e eles são tantos — que, na fúria de igualar as coisas mais heterogêneas, insistem na monstruosidade...

Mas, sob uma tal doutrina, as produções desta ordem têm de estiolar-se para depois sucumbirem. A Poesia, a grande Literatura e, não menos, a grande Arte — os máximos indicadores das altas civilizações — caem e desaparecem desde que o espiritualismo, como essência, deserte da alma humana.

A ideia religiosa, a de Pátria e a da Família, têm sido de todos os tempos as fontes de inspiração das maiores obras de Arte, mesmo até entre os pagãos: Grécia e Roma, com os seus templos, os seus deuses, os símbolos de seus triunfos, os padrões das suas glórias; o Cristianismo, com as assombrosas catedrais, seus maravilhosos quadros, suas obras escultóricas — milagres do cinzel, na pedra, e prodígios do buril, no bronze, no oiro e no cedro — monumentos a Deus, e em homenagem aos seus santos, aos seus doutores e heróis.

O amor, na forma espiritualizada em que se funda a Família, tem sido o perpétuo tema, o veio onde têm bebido — quase unicamente — o teatro e o romance; é o fulcro da grande música e a génese da poesia lírica. Na Poesia, a Pátria e seus heroísmos cons-

tituem a epopeia. Nesse amor se hão inspirado, em extensa maioria, Estatuários e Pintores para a sua obra mais nobre, mais doce ou mais emotiva.

Fora desta trindade — Deus, Pátria e a Família — a Arte dá-nos, por vezes, certos valores de técnica; mas raro a obra do génio, aquela obra imortal que se perpetua nos séculos, galgando estilos e escolas, que nos empolga o espírito levando-o ao interior das coisas como bem dizia Taine — invadindo-nos o coração em vagas de sensibilidade ou raptando-nos a alma em estos de arrebatamento.

Nesse triângulo de luz se alicerça toda a estética que dignifica e dá fulgor à Civilização do Ocidente.

O sovietismo, pretendendo destruí-lo, é rasoira implacável que tudo esmaga e nivela tirando a beleza à vida. É a opressão mais o tédio, juntos e de mãos dadas, a desumanizar o homem.

Em vez de Deus — Karl Marx, só inspirando chacinas e queimas de gente inerme; em vez da Pátria — Moscovo, cantando as bárbaras glórias do seu exército vermelho; e no lugar da Família — o rubro amor zoológico, incestuoso e brutal, em que — suma perfeição — a mulher não reconhece quem seja o pai de seus filhos!!

Que são e suprema arte, que deslumbrante expoente de civilização e beleza vai o marxismo erguer com estas três negações que são as bases morais da sua alta ideologia!...

E a Rússia é tão generosa que não a quer só para si...

Funchal

OBRAS DE DIOGO DE MACEDO

EDITADAS PELA REVISTA 'OCIDENTE'

'ALGUMAS OBRAS DE ARTE PORTUGUESA — Album n.º 1, com 32 estampas	30\$00
'SOARES DOS REIS' — com 25 ilustrações — 1 volume de 128 páginas	15\$00
'JOÃO JOSÉ DE AGUIAR' — com 18 ilustrações — 1 volume de 96 páginas	15\$00
'A ESCULTURA EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVII E XVIII' — com 50 ilustrações — 1 volume de 136 páginas — 40\$00 e	60\$00

Não se consentem grafias duplas ou facultativas. Cada palavra da Língua Portuguesa terá uma grafia única. Não se consideram grafias duplas as variantes fonéticas e morfológicas de uma mesma palavra.

(Do Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de 10 de Agosto de 1945).

CANÇÃO DE EMBALAR

Por AMÉRICO DURÃO

Cabelos de prata, de prata e platina...
— Eram de oiro e seda os teus de menina.

Cabelos de prata... São de prata os meus!
— De prata saudosa do oiro dos teus...

Cabelos de prata... Se os vejo e os lembro!
— A arderem no oiro do sol de Setembro!

Cabelos de prata... De prata dourada...
— Aonde o teu oiro, cabelo de fada?

Cabeça de prata... Foi alta e louçã,
Qual astro subindo nos céus da manhã!

Cabelos de prata, de prata ao luar.
— Os teus eram de oiro... Ponho-me a chorar!

Cabelo de prata, fiinhos de chuva...
— Foi diáfano, louro como os cachos de uva!

Cabelos de prata... São de prata os nossos!
— Imagens tremendo no fundo dos poços...

Cabelos de prata, miragem doirada...
— O Sol reflectido na duna gelada...

Cabelos de prata... Cal de um cemitério.
— A Lua no lago, penumbra, mistério...

Cabelos de prata, cabeça de velho...
— Jesus, já nem ousou fitar-me no espelho!

Cabelos levados na nortada forte,
— De chuva e de vento, a acenarem à morte!

Do livro a publicar 'Ecce-Homo'.



SOB A INVOCAÇÃO DE CLIO

Crónica de RODRIGUES CAVALHEIRO

UMA GRANDE FIGURA DE MULHER No Outono de 1889 Ramalho Ortigão acedia ao convite que lhe dirigira a viúva de Gonçalves Crespo, a escritora já consagrada dos '*Arabescos*', para prefaciar o seu próximo volume de prosa — '*Crónicas de Valentina*'. E o grande crítico anunciava: — «Será uma carta familiar, de amigo para amigo, em que se falará um pouco do livro, mas em que principalmente se tratará do autor, num retrato do vivo a simples contorno ligeiro mas de corpo todo, em sua casa, no meio das suas coisas». Se inteiramente não cumpriu a sua promessa, dando-nos uma imagem real e flagrante desse último salão de Lisboa — e pena foi que o não tivesse feito! — ficámos, todavia, a dever ao paisagista de '*A Holanda*', em meia dúzia de períodos duma sentida eloquência, alguns dos mais úteis subsídios psicológicos para a compreensão exacta do perfil admirável de notável escritora e educadora, superior exemplo de mulher portuguesa, que foi Maria Amália Vaz de Carvalho.

«A sua vida é tão bela como a sua obra — escreve o autor de '*As Farpas*' — e custou-lhe mais sacrifícios e mais lágrimas. Você foi uma filha heróica, foi uma esposa exemplar e é uma mãe sublime. Se o público a conhecesse, como a conhecem os seus amigos, o público adorá-la-ia, porque Você é verdadeiramente, nas letras, de nós todos o melhor». Esses amigos eram quantos frequentavam o apuradíssimo cenáculo da Travessa de Santa Catarina, derradeiro refúgio lisboeta, após as reuniões românticas em casa de Maria Krus, na Rua Formosa, do verdadeiro espírito elegante, do elevado epicurismo intelectual, da suprema arte de conversar e de ouvir.

O Conde de Sabugosa, seu conviva de todos os dias, evocou-os duma vez com a graça e a leveza da sua pena aristocrática: — Casal Ribeiro, declamando versos castelhanos, nas suas férias de Ministro em Madrid; António de Serpa, a enrolar e a desenrolar o cordão da luneta no dedo indicador, terçando molinetes de ironia com o florete espirituoso de Carlos Valbom; Oliveira Martins, discutindo temas graves e desenvolvendo planos de livros a escrever; Ramalho Ortigão, lendo as páginas de '*As Farpas*', em marcha para a tipografia, sempre cheio de exuberância e de saúde física e moral; Sanchez Moguel, palestrando na Língua de Cervantes sobre temas

portugueses; Sousa Martins, médico e intelectual, espalhando às mãos cheias o oiro fulgurante das suas ideias; Sousa Monteiro, recitando os seus sonetos impecavelmente cinzelados; Eça de Queirós, deslumbrante de fantasia e de paradoxos, representando ao vivo os melhores capítulos dos seus romances; D. João da Câmara pondo de pé, com o prestígio do seu talento e o encanto da sua voz, os personagens das suas peças imortais; António Cândido, orador augusto e conversador inigualável, subjugando com a sua palavra diamantina aquele círculo de eleitos; o Conde de Ficalho, grande fidalgo e grande escritor, ressuscitando a sociedade quinhentista e as aventuras de Pero da Covilhã; D. António de Lencastre, homem de ciência e homem de coração, iluminando, com a sua penetração psicológica, almas e acontecimentos. E tantos, tantos mais, todos dignos uns dos outros: — Barros Gomes, Eduardo Burnay, Cristóvão Aires, Eduardo Prado, Teixeira de Queirós, Augusto de Castro, Correia de Oliveira — e, como suprema flor desse jardim de Sábios e de Artistas, a extraordinária figura da Duquesa de Palmela, que Maria Amália choraria em páginas que ficaram como modelo de sinceridade, de beleza e de dor.

«A sua mocidade — prossegue Ramalho no prefácio das *Crônicas de Valentina* — viu a desolação dum antigo solar desmantelado e ouviu a ruína tanger a sineta da cancela enferrujada, envolta em malvas, pela qual em dias alegres tinham saído em festa os luzidos carros e as ruidosas cavalgadas». — Assim tinha começado — como terminaria meio século depois, na tristeza do isolamento — a existência desse vultozinho tão simpático, tão cheio de inteligência, de coração e de bom-senso, que enriqueceria a nossa moderna literatura de ideias com algumas das suas melhores obras. Augusto de Castro, no discurso académico das suas bodas literárias, definiu com precisão essa maravilhosa actividade intelectual como uma permanente *Primavera do Espírito*. E acrescentava: — «Não conheço, efectivamente, imagem que mais do que esta me dê a impressão deste talento doce, florido, gorjeante de mulher. Um céu luminoso e azul cobre, envolve os cinquenta anos de vida literária desta escritora tão finamente espiritual. Sobre esse céu transparente nunca uma nuvem de vaidade ou uma sombra de maledicência pousou. A ironia, a erudição, o conselho, a subtilidade de análise, a própria polémica, resume-se nesse espírito numa única, dourada, clara expressão moral: a ternura. E porque soube manter-se perpétuamente feminina, a sua inteligência, mesmo nos trabalhos graves da História e da crítica filosófica, conserva sempre a graça ondulante, discreta, rescendente, duma primavera sensibilidade».

«Soube manter-se perpétuamente feminina» — eis o segredo que encantou e encanta ainda, apesar de tudo, quantos receberam o calor e o perfume da inteligência acolhedora de Maria Amália Vaz de Carvalho. Infatigável leitora e comentadora subtil de alguns dos mais altos espíritos de todos os tempos — Miguel Ângelo, Goethe, Renan, Antero, Balzac, Shakespeare, Gil Vicente, Musset, Taine, Camilo, Bourget, Guizot, Carlyle, Macaulay, Dickens, Byron, Sainte-Beuve, Cervantes, Michelet, João de Deus, Pasteur, Ibsen —

a moralista excelsa das *'Cartas a uma Noiva'* nunca perdeu a sua qualidade de Senhora, evitando sempre, com raro aprumo, a atitude tão banal do petulante profissionalismo literário em que era fácil cair quem pela pena se via constringida a trabalhar. Mas já Ramalho notara: — «Você escreve para a Imprensa com a mesma humildade com que outras mulheres fazem meia ou fiam na roca para ganhar honradamente e obscuramente a sua vida».

Da sua vasta e formosa obra, em que há páginas de extraordinário vigor literário — o volume intitulado *'Em Portugal e no Estrangeiro'*, por exemplo, encerra ensaios críticos redigidos em estilo magistral —, mais do que os apontamentos, sempre lúcidos, à margem dos factos e das ideias, para além das bem trabalhadas evocações históricas de figuras como o Duque de Palmela e a Marquesa de Alorna e em que, como não podia deixar de ser, pagou largo tributo às ideias do seu tempo, muito acima das inspiradas tentativas poéticas de *'Uma Primavera de Mulher'* — seu livro de estreia — e das *'Vozes do Ermo'*, o que perdurará como espelho da sua personalidade bem vincada e como guia sempre útil das sucessivas gerações femininas, serão os seus finos, penetrantes, sempre actuais livros de educadora — *'Mulheres e Crianças'*, *'Cartas a Luísa'*, *'Cartas a uma Noiva'*, *'A arte de viver na Sociedade'*, *'As nossas filhas'* — em que Maria Amália pôs todo o seu espírito e todo o seu coração, toda a sua experiência e todo o seu carinho. Feminista no mais nobre, elevado sentido da expressão, ela soube traçar directrizes firmes ao futuro das raparigas e das mulheres da nossa terra, e que, hoje mais do que nunca, são duma necessária e urgente aplicação. Elas sintetizam-se nesta sua frase, em que ficou viva, palpitante, a sua alma: — «Não se deprime a mulher quando se lhe indica como primacial o dever de ser esposa, dona de casa e mãe na acepção plena — humilde e transcendente, prática e ideal, laboriosa e inteligente — do seu mister complexo e belo até nos aspectos do mais rude labor».

Filha heróica, esposa exemplar, mãe sublime — como a definiu Ramalho — ela foi, por isso mesmo e acima de tudo, Mulher — e mulher portuguesa, respeitando e amando todo o condicionalismo moral que brotou das tradições e da fé dos nossos avós. E quando, numa curva trágica da nossa história contemporânea, as paixões ruins se soltaram, ululantes, Maria Amália Vaz de Carvalho não hesitou em marcar corajosamente a sua repulsa por tudo o que via à sua volta. É de então a sua página porventura mais bela, esse grito em favor das *Irmãs Pobres*, que ficará como testemunho duma época e como timbre dum carácter. Houve quem, com miopia sectária, atribuisse o pessimismo dessas últimas crónicas à decadência física da Escritora. Não era, porém, a autora das *'Coisas de Agora'* quem estava doente, mas sim a sociedade que a rodeava, atacada gravemente da nefasta psicose da intolerância, da violência e do materialismo mais rasteiros e mais plebeus — incompatíveis sempre com flores de civilização perfeita, de alta espiritualidade e de generosa compreensão como eram a inteligência e o coração de Maria Amália Vaz de Carvalho.



NOTAS DE ARTE

Por **DIOGO DE MACEDO**

ENDEREÇO Sob a epígrafe de *Ataques do tempo*, nesta revista
À PRIMA e num dos primeiros meses de 1946, contámos um
CLOTILDE pouco da curta e infortunada existência do Pintor
romântico *Marciano Henriques da Silva* e referímo-
-nos a parte da sua obra. Nascido em S. Miguel, em Ponta Delgada,
cremos que em 5 de Junho de 1831, faleceu em Lisboa, tocado de
males de peito e com fortes avarias mentais, diz-se que ao redor
de Agosto de 1867, pouco depois do seu regresso de França e de
Itália, onde, por ordem régia, tinha voltado com o pretexto de adqui-
rir quadros para o Palácio da Ajuda, de cuja galeria tinha sido no-
meado Director. Sobre estas datas, porém, há desacertos nas infor-
mações, competindo aos micalenses a verificação da primeira, para
aclaramento dos seus biógrafos, e aos investigadores alfacinhas a
pesquisa da segunda. Pela nossa parte, a quem nos auxiliasse nes-
tas informações, muito agradecidos ficaríamos.

Dispersa, ignorada e outra arruinada, a obra deste Artista
convinha ser, pelo menos, fixada em número e títulos, destinos e
paradeiros, para que a História da Arte a fixe em seu devido tem-
po, visto tão louvada ter sido e raros estudiosos a conhecerem. É
sabido que o quadro com *O Cardeal D. Henrique recebendo em Al-
cobaça a notícia da morte de D. Sebastião*, que pertenceu ao Museu
Nacional de Belas Artes e hoje se guarda no de Arte Contemporâ-
nea, está perdido de todo, como um borrão negro, indecifrável. A
outros poderá ter acontecido o mesmo desastre, visto a qualidade
das tintas empregadas pelo Pintor ser traiçoeira e, por certo, ter
aplicado essas em muitas das suas telas de que há notícias. Ora
também disto convinha ter-se conhecimento, que só pode ser dado
por quem possua esses quadros sujeitos ao negrume dos betumes
que ele adoptava.

A título de auxílio para a catalogação da sua obra, temos
alguns subsídios que passamos a enumerar: — Em 1861, quando
ainda estava no estrangeiro estudando, expôs na Academia de Belas
Artes aquele quadro do Cardeal D. Henrique recebendo notícias de
D. Sebastião, e mais um *Retrato do Marquês de Sousa Holstein*;
em 1863, ano em que regressara de Roma, na companhia de Miguel
Lupi, expôs na Sociedade Promotora de Belas Artes *Os últimos dias
de Tasso*, com 2 metros de largura e 1,30 de altura, um esboçeto

com a *Coroação de Inês de Castro*, uma *Recordação de Palombara* e o *Retrato dum sacerdote*; dois anos depois, expôs apenas um *Retrato*; em 1866, exhibia *La vendetta*, um *Retrato de Dona Mariana da Câmara*, filha do Marquês de Ribeira Grande, e outro *Retrato de José Maria Alves Branco Júnior*; em 1867, expôs *O moiro*, o *Retrato do rancheiro do asilo de Mafra*, onde passara uns tempos em repouso, e o *Retrato de D. Francisco de Melo Breyner*; neste mesmo ano enviara à Exposição Universal de Paris *A vingança de Viriato*, *O velho soldado*, o *Retrato de Madame C. M. S.* — talvez de sua esposa Celina da Silva —, *Véspera da morte de Tasso*, que era a grande tela exposta em 1863, com alteração no título, e aquela outra tão apregoada, agora enegrecida e arrecadada no Museu de Lisboa, à qual pôs então o seguinte título para ensinar história aos franceses: *Cardeal D. Henrique, eleito Rei de Portugal em 1578, escutando a descrição da batalha de Alcácer Kibir e da morte de seu sobrinho o Rei D. Sebastião*.

Numa exposição de «Quadros originaes antigos e modernos», realizada em 1882, na rua do Alecrim, esteve à venda a *Coroação de D. Inês de Castro*; e na Galeria de D. Luís, na Ajuda, guardava-se *O moiro* ou *O Turco*, *Cabeça dum velho*, *Um filósofo*, o *Retrato de Bulhão Pato* e aquela em que *Tasso na véspera de sua morte assistido por dois monges, na cerca de Santo Onofre, contempla o Capitólio onde devia ser coroado*.

Como bom discípulo que fora, em Paris, do Pintor de História, Ary Schoffer, a sua inspiração ou orientação artística tivera o mesmo sentido da obra do Mestre. O romântico não mergulhara na vida presente e quedara-se nas evocações do passado. Na representação destas encontraria o drama. Pelos títulos dos seus principais quadros se observa que tinha a obcecação dos motivos da morte.

Miguel Lupi retratou-o, e expôs essa tela em 1863, na Sociedade Promotora. Levou sumiço esse retrato, que foi exposto novamente em Lisboa, vinte anos depois. Onde parará ele, assim como um *Auto-retrato*, que pertenceu ao Dr. Carlos Machado, micaelense, e foi exposto em Ponta Delgada, juntamente com outro *Retrato a óleo*, não sabemos de quem, assim como um dos primeiros quadros que ele executou, com *Figuras a óleo*? Quantos não ficariam nas colecções particulares?

Pelo catálogo desta «Exposição de Artes, Sciencias e Letras Michaelenses», realizada nas salas do Liceu Nacional de Ponta Delgada, em Maio de 1882, na qual, a par dos objectos mais estranhos de origem açoriana, apareciam as '*Odes Modernas*', de Antero, e '*Cantos populares dos Açores*', de Teófilo Braga, sabe-se dum bom número de cultores de Pintura, todos micaelenses, devendo notar-se que um deles, A. M. Vasconcelos — talvez António Manuel — expunha nada menos de 55 quadros. Pelos títulos vê-se que seria sobretudo paisagista, apesar dum *Auto-retrato* apresentado, e que estudara e pintara em Lisboa, copiando quadros antigos e também de Anunciação e Cristino. Mas mais dois paisagistas e marinhistas se destacaram: F. A. Furtado, com 11 quadros e João Cabral, com 8

telas. Escultores também os houve naquela ilha: M. A. Vasconcelos, amador em diversos géneros, José Soares Meneses, João Soares Cordeiro, que era igualmente entalhador, e Jacinto Soares Cordeiro, que também era ourives.

Quanto seria útil e simpático aos investigadores de S. Miguel reunirem o inventário de todos os Artistas açorianos e daqueles que pelo arquipélago passaram, como o inglês (?) Charles Martin e o George Marini, «que residiu por muitos anos em Ponta Delgada», se é que ambos estes estrangeiros não são o mesmo, com o nome alterado, o qual deu as primeiras lições ao malogrado Marciano Henriques.

Em tantos apelos desta *Nota*, quantos mais subsídios nos poderiam ser fornecidos pelos Amigos que temos em S. Miguel, se tivéssemos a coragem de os chamar à nossa devoção! Mas quem sabe se um pequeno empenho não será bastante? Que me aconselha a Prima Clotilde?

UM PANORAMA DE REVISÃO As exposições individuais de conjunto retrospectivo, comparativas, documentais e demonstrativas de caminhos percorridos consoante ansiedades e rebuscas de certa verdade ou de determinada expressão, são sempre uma espécie de balanço pelas relatividades da própria obra em si, que os Artistas seleccionam para saber se evoluíram ou apenas se transformaram, encontrando-se ou perdendo-se, renovando-se ou envelhecendo. Para os Artistas estas amostras de provas periódicas têm um sentido encorajante. Cada reunião destes passos de estudo e dos seus desejos incertos, é um exame de consciência necessário para resoluções de prosseguimento e escolha ou confirmação daquilo que a personalidade de cada Artista exige em melindrosa altura da sua vida laboriosa. São auto-estímulos sentimentais.

Para os espectadores, críticos ou coleccionadores, essas exposições têm outra utilidade e concorrem a outras sensações. Equivalem a um reencontro do passado, a um acto de camaradagem para matar saudades, a uma vistoria de climas estéticos para análises sem fraquezas de afeição, para uma outra selecção diferente da que os Artistas fizeram. Perante estas exposições o julgamento estranho pode ser decisivo, ainda que condicionado a outros julgamentos por eliminação, atendendo sempre às causas da variedade da obra apresentada. Mormente estas causas são de influências a que todo o Artista culto e ambicioso, nos períodos de progresso, está sujeito.

Não é necessário atingir a idade de maturação para o Artista resolver estes actos de consciência. Bem ao contrário, convém que sejam realizados quando o Artista ainda se sente capaz de novas lutas, de novas mudanças sendo preciso, de outras transformações ou mesmo dum arrepiar de caminho ao verificar qualquer erro de direcção que o tenha conduzido a becos sem saída. Estas exposições não são de glorificação. São de revelação para exames de ordem corajosa e utilitária dos próprios Artistas. Por isso, quando realizadas por Artistas idosos, elas perderam oportunidade e são apenas,

quando muito, documentário de valores que desfaleceram, aguardando o apoio vão e alheio duma consagração provisória, que só à posteridade pertence. É também por isso que elas são respeitáveis e então oportunas, quando póstumias e a selecção é feita com sentidos diferentes daquelas outras.

Parece-nos, pois, que estas exposições-balanço dos Artistas conscienciosos, devem ser resolvidas quando estes se julguem ainda com capacidades para realizar outra tanta obra a apresentar a novos julgamentos. «Vinte anos de pintura», de Carlos Botelho, teve há poucos anos a equivalente de «Trinta anos de desenho», de Almada, que como esta foi aplaudida e marcou uma *etapa* na obra total a rejulgar amanhã, daquele Artista intrépido.

Estas exposições são pedaços de história individual dos Artistas e também do seu tempo e da atmosfera que a auxiliaram e justificaram. Os Artistas modernos e cultos não são isolados, mas sim parte dum todo que pode ser universal, sempre reflectido na obra pessoal de cada Artista. Os ideais comuns distinguem-se, contudo, nos reflexos fatais e lógicos dessa obra pessoal. Carlos Botelho começou em 1929 — tinha trinta anos de idade — acamaradando com Fred Kradolfer, que de decorador ensaiara os primeiros voos para a responsabilidade da Pintura independente. A paleta de Botelho era sombria, pastosa, ingénua, mas simpática como a do colega. Nesses primeiros anos de estudo correu terras de além-Pirenéus, donde trouxe muitas notas de cor e de pitorescos sítios, assim como lembranças de Modigliani, Kisling, Bosshard e doutros tentaculares exemplos da «Escola de Paris». Em 1934, iniciou novas peregrinações pela Holanda, Bélgica e América do Norte, descobrindo James Ensor, Peer Krohg e sobretudo Van Gogh, o Mestre que mais demoradas influências teve nas suas ansiedades de Pintor, sendo exactamente nesse período que Botelho descobriu Lisboa, se deslumbrou com a sua luz e foi atraído pelo seu casario desarticulado, subindo ao bairro do Castelo para ver o Tejo até à outra banda, e decisivamente ficar sendo o Pintor de Lisboa, como Utrillo o é de Paris.

Faquirizado por Lisboa, Botelho levou-a na retina e no coração até Broadway, como em 1940 a levou a Monsanto, e depois a Évora, e ultimamente a Paris, onde a expôs com bom êxito, embora trocasse as cores de pérola, ocre velho e rosa desbotada dos panoramas lisboetas, pelos encarnados vivos ou verdes limosos — que já tinham andado na sua paleta de primícias, — e pelas complementares características doutros ambientes urbanos, estranhos às reminiscências luminosas do Tejo das gaivotas e das históricas caravelas.

A pouco e pouco foi diluindo em técnicas mais doces, o abuso das preocupações epidérmicas, até se encontrar num impressionismo atmosférico, onde a Poesia e a Música parecia quererem substituir a Pintura. De vez em quando tinha saudades de Bracque, chegou a lembrar-se de Matisse e achou sabor em Picasso; mas nunca mais deixou de estar apaixonado pelo realismo comovente dos cenários de Lisboa, que foram, são e serão os seus verdadeiros mestres, pois

neles nasceu, neles surgiu para a Arte, neles vive de sonho e de encantamento, neles aprendeu o que sabe e neles nos ensina a nós a amá-los, porque a Lisboa de Botelho é comunicativa e aliciante como uma canção popular, na qual as evocações preguizam em nossos sentidos.

Esta exposição de «Vinte anos de pintura de Carlos Botelho», foi a confissão dos devaneios amorosos e dos deslumbramentos do Artista vagamundo, mas cada dia mais alfacinha, que não quis esconder a volubilidade das suas paixões. Nesta festa, a personalidade autêntica de Botelho persistia através da admiração pelos ídolos. Foi ela que durante vinte anos, nunca perdendo a solidez típica do espírito que lhe deu fundações, o tornou inconfundível. Só para verificar essa particularidade a exposição panorâmica se justificou. É ou não verdade que um quadro de Lisboa pintado por Botelho, apesar das suas aventuras amorosas, só de Botelho pode ser? E não é também verdade que Lisboa se parece com os quadros de Botelho, como se pareceu com os de Roque Gameiro?

MUDANÇAS E SAUDADES Naquele antigo convento franciscano de Santo António, onde se instalara a Biblioteca Pública e a Academia Portuense de Belas Artes, deram e receberam lições grandes Artistas, que deixaram o nome gravado na nossa História. Naquelas salas do rés-do-chão com entrada pelo claustro do mosteiro, e depois nas que a Biblioteca cedera à Escola, passaram alguns anos de estudo e de sonho centenas e centenas de estudantes, com destaque de duas dúzias, que deram honra e glória à Arte Portuguesa. Nessas salas e naquele claustro ficaram memórias notáveis, sombras e mocidades, que os Mestres de hoje não podem esquecer. Uma espécie de ternura, de apego afectivo a uma parte da tradição fundada nas pedras daquele lugar, leva-me neste momento a recordações tão perturbantes, que as não saberia definir em palavras. A saudade nem sempre é definível. E para quê, confissões e evocações que só podem interessar ao próprio e a meia dúzia de antigos companheiros? O actual Director daquela Escola, o Pintor Joaquim Lopes, no seu dinamismo em favor de benefícios de toda a ordem reformadora, e no seu afecto sentimental por aqueles sítios sagrados pelo génio dos Mestres, grande luta deve ter sustentado entre o espírito e o coração, ao atravessar o Passeio de S. Lázaro com os projectos dos novos pavilhões da Escola transferida para o Palacete dos Braguinhas, agora inaugurados!

Corajosa iniciativa foi essa e louvável a mais corajosa resolução dos que deixaram os lajedos do convento, trocando-os pelos salões do palacete! O progresso é exigente e justo, mas é cruel para as almas que amaram o passado e são forçadas pela razão a abandoná-lo. O arvoredado que emoldura os novos pavilhões é acolhedor; os arbustos do pátio do claustro do abandonado convento, porém, é que ficaram detentores dos segredos dos Artistas de ontem e, por certo, tristes sem a companhia da mocidade que se coroava com as suas flores de veludo.

Perdoai, Amigos! Dou-vos o meu apoio, mas tenho saudades!



NOS DOMÍNIOS DA ETNOGRAFIA E DO FOLCLORE

Por LUÍS CHAVES

NO FOLCLORE DA LOUÇA CASEIRA Na poesia popular correm alusões a peças de louça, «louça de barro», ora com referências ao uso das peças, especialmente às de beber água, ou que podem proporcionar a bebida (as bilhas, os cântaros, as cantarinhas, etc. de ir à fonte, e os púcaros, as tigelas ou malgas, e os copos de a beber), ora em atenção à fragilidade da louça e aos perigos de a partirem.

— Minha mãe mandou-me à fonte,
Eu quebrei a *cantarinha*;
Ó minha mãe, não me bata,
Qu'inda sou pequeninha.

Generalizada

— Mariquinhas foi à fonte:
Muito tarda, que não vem!
Ou deixou quebrar o *cânt'ro*,
Ou demorou com alguém.

Bragança

— Fui à fonte dos amores,
Não achei senão cuidados;
Enchi o *cântaro* de rosas,
Fiz a rodilha de cravos.

Barcelos

— Quebra-te, ó *cântara* nova,
Quebra-te, como há-de ser;
Já não quero ir à fonte,
Que já não tenho a quem ver.

Bragança

— Ó António, ó Antoninho,
Meu *pucarinho* d'Aveiro:
Andam quatro à porfia...
Quem te gosará primeiro?

Marco de Canaveses

— Dá-me uma pouquinha d'água;
Não ma dês pela *tigela*;
Dá-ma pela tua boca,
Qu'eu não tenho nojo dela.

Coimbra

— Maria, minha Maria,
Meu *pucarinho* da tenda,
Quando alguém te procurar,
Diz-lhe qu'estás de encomenda.

— Eu de beber não lhe dou,
Qu'o meu *copinho* quebrou;
Não quero que você se gabe
Do que se outro não gabou.

Barcelos

— Não me atires com pedrinhas,
Quando 'stou lavando a *louça*;
Atira-me com beijinhos,
Em modos que ninguém ouça.

Generalizada

— Não me atires com pedrinhas,
Quando 'stou a lavar a *louça*;
Atira-me ao coração,
De modo que ninguém ouça.

Beira Alta

— Ó Maria, lava a *louça*;
Ó Maria, lava-a bem; ;
Cada *prato*, que quebrares,
Te custará um vintém.

Beira Alta

Se cantam alusões à *louça*, também nas cantigas anda a referência à *cantareira*: nem falta a *prateleira* (*prateleira*, *pilheira*, *cunqueira*, *cantareira*...) nem o *poial* (*pial* no Alentejo):

— A silva, que nasce em casa,
Vai ter à *cantareira*;
A mulher bem casada
Sempre parece solteira.

Monsanto da Beira

— A silva nasceu-me em casa,
Nasceu-me na *cantareira*;
Procura, amor, quem te sirva,
Qu'eu já tenho quem me queira.

Amares

— Os pratos na *prateleira*
Sempre estão *telim-telim*;
No reino do Céu se veja
Quem te criou para mim.

Barcelos

Adeus, ó Rua da Fonte,
Qu'está cheia de *piais*,
Onde o meu amor s'assenta
Dando suspiros e ais.

Ferreira do Alentejo

NO ADAGIÁRIO: Não faltam os anexins da *louça* no adagiário ANEXINS E popular, feitos de observação e experiência. ANEXINS — Tantas vezes vai o *cântaro* à fonte, até que lá fica.

— Tantas vezes vai o *cântaro* à fonte, até que lá deixa a asa. (Variante).

— Tantas vezes vai o *cântaro* à fonte, até que lá deixa o fundo. (Variante).

— Tantas vezes vai o *cantarinho* ao poço, até que lá deixa o pescoço.

— Sempre cheira a *panela* ao primeiro legume que se mete nela.

— Quem há-de gabar a *louça*, senão o *louceiro*?

— Justiça? Nem de *barro* à porta!

— Sogra? Nem de *barro* à porta!

Os adágios reduzem-se a simples comparações, que, desenvolvidas e adaptadas, se transformariam nos adágios por que valem. Representam apenas o gesto psicológico, motivado pela reacção do espírito ao objecto provocador de estímulo.

— Está cheio como *pote*; — é gordo como um *pote*;

— Levanta os braços como a *bilha*; — posição que sugere a pergunta: — *é pote ou bilha?*

- Encher a *panela*;
- Meter a mão na *panela* ou no *alguidar*; — meter a mão em *panela* alheia;
- Comer do mesmo *alguidar*, — ou do mesmo *barranhão* (Alentejo); — pergunta que se faz a quem se supõe da mesma iguaria de quem a faz: — já comemos do mesmo *barranhão*? — Do mesmo sentido: — já comeu no meu *prato*? — ou: já comemos no mesmo *prato*?
- Pôr a bilha no mesmo *poial*;
- Estar como peixe no *prato*; — ou como o peixe na *tigela*;
- Cair como sopa na *tigela*;
- Ser gente de meia-*tigela*; e ser gente de *tigela* inteira;
- Ser um bom *prato*; — a par de: ser «um bom copo» e ser «um bom garfo»;
- Juntar-se de cama e *pucarinho*;
- Deitar abaixo a *cantareira*;
- Ser como o macaco em *loja de louça*;
- Ser *boneco de louça*; — ou *boneco de barro*;
- Andar como a *panela de barro* com a panela de ferro (alusão ao apólogo das duas panelas).

Por desnecessária a justificação, como a aplicação, destas expressões, que toda a gente conhece e vulgarmente usa, nada mais acrescentarei; semelhantes a estas, muitas mais são as que correm.

Finalmente, por distinguir tipos e pessoas, diz-se: — isto é outra louça, — ou de outra louça; e não se é da mesma louça.

NAS ADIVINHAS: No rol das adivinhas populares são muitas — **QUE É? QUE É?** a que propõem peças de louça de barro. A — **QUAL É A COISA? QUAL É ELA?** forma descritiva em expressão misteriosa, mágica, sarcástica, de referências à origem, à forma, ao uso, à substância das coisas, apresenta caracteres distintivos ou sínteses sugestivas e símbolos encobertos, que despertam a perspicácia dos ouvintes, a quem é proposta a interrogação: — qual é a coisa, qual é ela? Ou: — que é, que é? Algumas contêm no final a resposta disfarçada. Há-as em forma de verso, rimado ou não, e de prosa.

— Qual é a coisa? Qual é ela,
Que tem pernas e não anda,
Tem boca e não fala,
Tem asas e não voa?

— Que é? Que é
Que vai para lá deitado,
E vem para cá em pé?

(*Pote ou panela*)

(*Cântaro*)

— Manda-me aqui o meu amo:
Que me empreste o seu moderno,
Que só serve no Inverno:
Quando serve está no ar;
Depois torna-lho a mandar.

(*Assador*)

Pergunta-se com ar de graça e mistério: — De que lado é a asa da *xicara*?

DA LOUÇA DE BARRO À LOUÇA DE FERRO Se a louça originariamente era obra de barro, o louceiro foi e é o homem que faz louça, essa louça de barro, como no louceiro, móvel mais ou menos aperfeiçoado, feito de madeira, a louça ficava guardada. O oleiro faz olas, como o paneleiro faz panelas, ou o malgueiro faz malgas, de barro. Por um comum fenómeno de semântica, passou depois a aplicar-se o nome de louça a quanto fazia o mesmo serviço das peças de barro, qualquer que fosse o material dos objectos culinários e afins, que competiam com as olas e panelas. Assim, hoje há louça doméstica de lata, louça de ferro (em que entrou a de ferro esmaltado), e há, onde ainda não foi posta de parte, a louça de estanho, a louça de latão e de cobre, a velha e popular «louça de arame». A outras espécies foi aplicada a mesma designação genérica de louça, uma ainda com algumas adaptações a usos culinários e de transporte de comestíveis (louça de pau, louça de chifre, louça de cortiça), outra sem qualquer ligação com a cozinha doméstica (a «louça dos guisos e chocalhos» do gado).

O mesmo fenómeno ocorreu nos suportes caseiros da louça: no princípio, a cantareira destinava-se exclusivamente aos cântaros e peças do seu tipo formal e utilitário; o louceiro pertencia à louça de barro; a prateleira era para os pratos; o poial dava apoio aos potes pesados: era o poial (ou «pial»: Alentejo) dos potes. O cunheiro dos serranos do Soajo continha as cuncas da «louça de pau»; a estanhadeira sustinha na parede os pratos, grandes e pequenos, de estanho, — a «louça de estanho».

A competência das outras louças deslocou o sentido primitivo dos nomes dos móveis e suportes delas. Na prateleira, prateleiro ou prateiro, não ficam só os pratos de barro; na cantareira não poiam apenas os cântaros; na estanhadeira, com a disposição de segurança, que tem, para os pratos, colocados obliquamente, tanto estão os de estanho, se os há, como os de louça de barro, onde por completo predominam; no louceiro cabe toda a louça, quer seja de barro, quer de metal. O poial serve para todo o vasilhame pesado; mas, especialmente, a uma espécie deles se reserva o «poial dos potes», embora também nele fiquem outros vasos, que não são os potes.

A LOUÇA DOS GUISOS E DOS CHOCALHOS... A «louça dos chocalhos» compreende nas Alcáçovas, por exemplo, a «louça grossa» (castelhanas, mangas, sem-serras, etc.), e a «louça fina», em outros lugares também chamada «louça miuda» (campainhas, chocalhos, picadeiros, etc.). Os chocalhos de forma cilíndrica podem ter a orla sem dobra ou debrum, e são os «chocalhos de debrum», ou não a têm, — «chocalhos sem debrum». Os esquilões, consoante ao tamanho, ao tom e, de aí, às aplicações, pertencem a três graus: os «finos», os «grossos» e os «toeiros». Tudo entra na mesma «louça». Nas feiras e nas vendas particularizam-se os lugares da «louça dos chocalhos», a que já ouvi chamar a «louça do som», talvez por «louça do tom», de toar e toeiro.

A nomenclatura é familiar aos ganadeiros e pastores. Sem estar completa, a lista seguinte exemplifica-a. Uns nomes aplicam-se geralmente a determinadas espécies; outros variam de terra para terra; ainda outros recebem nome especial e regional. A saber: Argós (guisos do Gavião), campainhas, campanilhos e campanilhas, cascaveis (para as guiseiras do gado muar), castelhanas, chocalhos (nome genérico, e algures nome específico), esquilas, esquilos, esquilões, guisos, mangas, picadeiros, sem-serras, sinetas, tarecos (chocalhos pequenos do Gavião), tintinables (guisos ou cascaveis de Estremoz), zambana (chocalho grande, em Évora, Redondo, Portel, etc.). Em Évora fizeram-se antigamente os «sininhos de S. Brás», campainhas pequenas, que iam para África servir de enfeites, decorativos e supersticiosos dos pretos. é, que é?

PEÇAS AOS PARES: Na louça existem nomes de peças de ...ELES E ELAS... barro, que variam flexionalmente de género e flexionam em quantidade, segundo as dimensões, que destinam as vasilhas a utilidades diferenciadas. Apontemos as seguintes, dispensando-nos das respectivas explicações:

— asado-asada; — assador-assadeira; — bacio-bacia; — braseiro-braseira; — cabaço-cabaça — cabacinho-cabacinha; caçoulo-caçoula-caçoulinho-caçoulinha-cacoulete e cacote; caldeiro-caldeira; caneco-caneca; cântaro-cântara-cantarinho-cantarinha; gamelo-gamela-gamelinho-gamelinha; jarro-jarra-jarrinho-jarrinha; masseiro-masseira-masseirão; panêlo-panela; picheiro-picheira; pichorro-pichorra-pichorrinho-pichorrinha; pingador-pingadoiro-pingadeira; púcaro-púcara-pucarinho-pucarinha; quarto-quarta-quartola; salmoeiro-salmoeira; sopeiro-sopeira (pratos); taborneiro (teborneiro e tborneiro) — taborneira (teborneira e tborneira); talha-talhinha-talhão; tarefa-tarefinha; tarro-tarriinho-tarrote-tarrello; tigela-tigelinha-tigelão; torteiro-torteira.

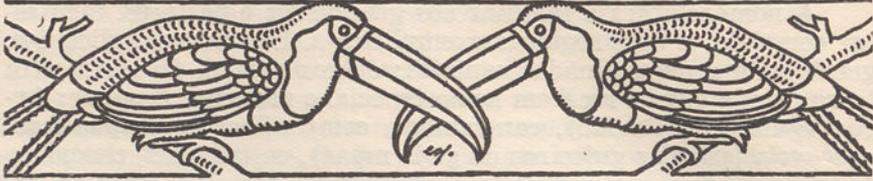
OBRAS de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

EDIÇÕES DE «OCIDENTE» E DA «REVISTA DE PORTUGAL»

«NOTAS VICENTINAS» — Tomo I — *Gil Vicente em Bruxelas*; Tomo II — *A Rainha Velha e o Monólogo do Vaqueiro — Romance à morte del-Rei D. Manuel e à aclamação de D. João III.* Tomos III/VII — *Cultura Intelectual e Nobreza Literária.* Tomo VIII — *Autos Portugueses de Gil Vicente e da Escola Vicentina.* Tomo IX — *Frontispício, Índices e Capa.*

O volume completo com 664 páginas e 22 facsímiles — 150\$00;
edição especial numerada de 1 a 100 — 180\$00

«LIÇÕES DE FILOLOGIA» — 1 volume de 432 páginas — 70\$00
Edição especial, numerada de 1 a 100 — 80\$00



CONSULTÓRIO LINGUÍSTICO

Por AUGUSTO MORENO

1) Como distinguir a 3.^a pessoa do plural do pretérito perfeito simples do indicativo de igual pessoa do pretérito mais-que-perfeito, também simples do mesmo modo? — L. M. V.

R. — Só pelo sentido. No pretérito perfeito, o verbo indica acção passada ou completamente realizada no momento em que se fala, sem referência ou relatividade a outro tempo; no pretérito mais-que-perfeito, o mesmo verbo indica acção passada ou completamente realizada não só no momento em que se fala, mas ainda noutro tempo já passado, a que há referência.

Exemplos:

«Os pequenos do Amaral já *fizeram* ambos o exame de admissão aos liceus».

Aqui, o pretérito é o *perfeito*.

Mas:

«Estávamos em princípios de Outubro. O pequeno mais novo, que no ano lectivo anterior *fizera* o seu 1.^o ano do liceu, ao mesmo tempo que os irmãos o 3.^o, ia agora frequentar muito animado o 2.^o».

Neste exemplo, em referência aos irmãos do pequeno mais novo, subentende-se *fizeram*, que é 3.^a pessoa do plural do mais-que-perfeito simples de *fazer*, como indica a 3.^a pessoa do singular do mesmo tempo atrás expressa, *fizera*, que se não confunde com a mesma do pretérito perfeito.

É de notar, porém, que na 3.^a pessoa do plural, o mais-que-perfeito simples pròpriamente dito se pode considerar inteiramente desusado. Substitui-se-lhe com vantagem de clareza e naturalidade a mesma pessoa do tempo composto. E a forma simples emprega-se de preferência pelo condicional e pelo chamado imperfeito do conjuntivo:

«O rapazinho deu fracas mostras... Os pais *andaram* (por *andariam*) bem melhor, se o têm posto a cavar na vinha».

«Aí está uma coisa que eu não *acreditara* (*acreditaria*), se pessoas de toda a respeitabilidade ma não *afirmaram* (*afirmassem*)».

2) O condicional é um tempo, ou um modo?

R. — Para a maioria dos gramáticos, é um modo, com dois tempos: o imperfeito e o perfeito, ou seja o presente e o pretérito.

Para Ribeiro de Vasconcelos, era um tempo pertencente ao indicativo.

Para o sr. Dr. Torrinha, não é pròpriamente um modo, mas pertence (não diz se como tempo) ao conjuntivo, por indicar a acção como *possível*.

Para mim, que encontro, por enquanto, muito incompleta, sobretudo no que diz respeito aos tempos, o estudo dos *acidentes verbais*, é um modo, tão caracterizado como os outros, muito mais, porém, o da *conjectura provável*, o da *suposição*, o da *incerteza*, que o da *condicionalidade*, que muitíssimas vezes não apresenta.

Quanto a *tempos*, vê-se funcionar em todos.

Atente-se nos seguintes exemplos, em nenhum dos quais aparece *condicionalidade*:

«Eu muito *gostaria*, António, de saber se *aceitas* ou não a minha proposta».

«Quem seria o estúpido que escreveu aqui esta obscenidade na parede da capela?»

«E estaria daqui amanhã a nora disposta a aturá-lo, aborrecidíssimo como era?»

«A meu ver, as coisas *ter-se-iam passado* assim: Os gatunos *teriam chegado* à aldeia já alta noite, *ter-se-iam* introduzido na casa, por meio da chave falsa e julgando-a deserta, mas, dando depois com a criada a dormir sôzinha no quarto, *tê-la-iam matado*, fugindo em seguida sem poderem encontrar o dinheiro que lá supunham haver».

Agora nestoutros, em que a *condicionalidade* já se apresenta expressa, a não ser no último.

«Muito *teria* que te contar, João, se tivesse duas ou três horas de vagar, para conversar contigo à minha vontade».

«Que *seria* dele, velho e inutilizado, para o futuro, se não tem procurado o amparo providencial daquela filha?»

«Eu nunca *teria acreditado* numa tal coisa, se ela não se tivesse dado comigo mesmo».

«A que horas? Eu te digo: *seriam* por aí seis... Inda havia muito sol».

Vê-se por todos estes exemplos que, ainda mais que o do *se*, o chamado condicional é o modo do *talvez*, do *provavelmente*, do *suponho* e do *não sei*.

3) O gerúndio, o adjectivo verbal ou particípio passivo (passivo ou passado?) e os dois infinitivos, pessoal e impessoal, pertencem ao modo infinitivo?

R. — A meu ver, só pertence a esse modo — modo da *indeterminação* — o infinito pessoal e o impessoal, isto quando em função verbal. Fora dessa função, o infinitivo impessoal, o gerúndio e o adjectivo verbal ou particípio passivo (que é assim pela voz e passado pelo tempo) constituem apenas *formas nominais*, quer dizer, estão fora do quadro da flexão verbal, pelo que não podem dar um modo dos verbos.

4) Os infinitivos simples, quer o pessoal, quer o impessoal, não designam tempo em que se realiza a acção, pois não?

R. — Designam, sim: o pessoal, sempre; o impessoal, quando em função verbal.

As Gramáticas, ao tratar da conjugação, põem essas formas sob a rubrica de *presente*, mas eu tenho observado que elas servem ao *presente*, ao *pretérito* e ao *futuro*.

Repare-se nos seguintes exemplos:

«Está a *chover*».

O verbo, no infinito, está no mesmo tempo que o outro, o subordinante.

No *presente*, por conseguinte.

Mas:

«Ontem, ao *passar* na Boavista, ia sendo atropelado por um automóvel».

Ao *passar*, *ontem*: tempo *pretérito*.

«Daqui por diante, ao *tomar* os meus apontamentos em qualquer livro, hei-de ser muito cuidadoso com a localização».

Daqui por diante, ao *tomar os meus apontamentos*: tempo futuro.

5) De que temas se formaram o infinito pessoal e o impessoal, o gerúndio e o adjectivo verbal: do tema do presente, ou do do infinito?

R. — Os *infinitivos pessoal e impessoal* formaram-se imediatamente do tema do *infinito* (a que alguns gramáticos chamam do *aoristo*), mas mediante o do *presente*, porque deste deriva o outro.

O *gerúndio* derivou do tema do presente, formando-se com acrescentamento do sufixo *-ndo*.

E o *adjectivo verbal*, esse derivou directamente do tema verbal geral, de que se formou pela adjunção do sufixo *-do*, mudada em *i* a vogal temática, quando ela seja *e*.

O *infinitivo pessoal* e o *gerúndio* são formas nominais *substantivas*, incapazes de flexão; o *adjectivo verbal*, esse, como o nome indica, é forma nominal *adjectiva* e capaz de flexão de género e número.

Forma nominal *adjectiva* é também o *participio*, mas este, pela significação, tornou-se independente e saíu do quadro da flexão verbal, para ingressar na categoria dos *nomes*, quer como *substantivo*, quer como *adjectivo*.

Deriva do tema do *presente*, de que se forma pela adjunção do sufixo *-nte*, e nas suas antigas applicações substitui-se geralmente pelo *gerúndio*. É susceptível apenas de flexões de número.

Como exemplos das diversas formas nominais, que são características e formam quatro séries inconfundíveis, teremos:

INFINITIVO: *amar, dever, aplaudir.*

GERÚNDIO: *amando, devendo, aplaudindo.*

ADJECTIVO VERBAL: *amado, amada, amados, amadas; devido, devida, devidos, devidas; etc.*

PARTICÍPIO: *amante, amantes; etc.*

Obs. — Muitos participios caíram inteiramente em desuso, se bem que subsistam ainda em grande número, derivados de verbos de temas em *a*, em *e* e em *i*. Assim, não se diz hoje, por exemplo, *afastante, devente, comente, cainte*, etc., mas diz-se, em pleno uso, *andante, bastante, boiante, brilhante, batente, corrente, crente, constituinte, ouvinte, pedinte, seguinte*, etc., etc.

Em alguns verbos de tema em *i*, como *servir, adquirir*, etc., é de notar a mudança da vogal temática *i* para *e*: *servente*, e não *servinte, adquirente*, e não *adquirinte*, e assim por diante, em muitos casos verdadeiramente curiosos e em que deve incidir a observação dos que estudam.

6) A forma verbal *amasse*, por exemplo, é *imperfeito*, ou *mais-que-perfeito* do conjuntivo?

R. — *Morfológicamente*, é *mais-que-perfeito*; *ideològicamente*, também corresponde ao *imperfeito*. Entre nós, o tempo dos *ss* tem tradicionalmente o nome de *imperfeito*, mas em algumas Gramáticas, como as de Ulisses Machado, Ribeiro de Vasconcelos e Adriano Gomes, aparece também a denominação de *mais-que-perfeito*, que é a mais exacta sob o aspecto morfológico.

Porto — Rua da Maternidade, 80.

A N T Ó N I O N O B R E

Quando as almas emigram, pelo Outono,
E o mar quebra nas praias, gemebundo,
Tua saudade, Poeta, embala o mundo;
O mar é a tua voz, ao abandono...

Teu vulto em minhas lágrimas visiono,
Meu coração atende, moribundo:
Chamam por mim, lá doutro mar sem fundo,
Palavras que despertam do teu sono!

Ó Nau Catarineta dos presságios,
Teu rumo de Índias rasga a noite escura
Dos olhos de Anto, cheios de naufrágios!

Ó mar, plangendo ao largo, a nossa dor,
Volve-te em pranto... O chão da sepultura
Só regado de lágrimas dá flor!

(Da 'Lusitânia')

MÁRIO BEIRÃO



BIBLIOGRAFIA

LIVROS PORTUGUESES — VIII

PROSA

Não é inútil e sem vantagens para o Crítico a leitura de numerosas obras dos seus contemporâneos feita, sem uma prévia escolha, em obediência a obrigações de colaborador na actividade, tão necessária e mesmo indispensável à Cultura, que é a de uma verdadeira Revista.

O sacrifício de tempo, e de trabalho mais pessoal ou mais grato, já seria compensado pela colaboração no que se convencionou chamar uma Revista e representa, afinal, a maior e melhor força de congregação das actividades individuais, da sua revelação e, muitas vezes, de seu impulso, nas modernas épocas da Literatura.

Mas, além do sentimento de um dever cumprido por esta colaboração na obra cultural da sua época; além do próprio engrandecimento moral por qualquer auxílio porventura dado a quem dele carecia para melhor e totalmente se realizar; outros benefícios intelectuais adquire o Escritor que se obriga a esta especial e imediata mas necessariamente séria e profunda actividade crítica.

Para mim, que creio na realidade e no valor da evolução da Literatura, como força que requiere e, em parte, impulsiona, por essa exigência principalmente, as mais altas obras individuais, e que procurei compreender inteiramente e, quanto possível, definir essa realidade; para mim, a maior vantagem é a da sua repetida confirmação, com os exemplos, não procurados mas recebidos, assim mais valiosos, das minhas leituras de obrigação.

Os conceitos, fundados em realidades, que me permitiram estabelecer um verdadeiro critério da História da Literatura e as naturais divisões da evolução, objecto do seu estudo, vejo-os confirmados e exemplificados nas leituras mais diversas, de tendências e valor, dos livros que se me oferecem à observação e requerem as minhas notas críticas, curtas, sim, mas baseadas sempre num estudo atento e longo de cada uma dessas obras e até, por vezes, e quando necessário, de outras do mesmo Autor.

Em particular, essas leituras me têm confirmado, e também esclarecido em sua complexidade, a existência de gerações literárias, exactamente de acordo com o necessário conceito que, para as definir, estabeleci num breve ensaio de «Introdução à História da Literatura Portuguesa».

Agora, que está findando a primeira idade literária (correspondendo ao espaço de três décadas ou de uma *geração social*) da nova época da Literatura Portuguesa, iniciada em 1920, mais indispensável se torna distinguir as diversas gerações literárias que nela coexistiram, para bem se compreender e julgar o seu valor. É assunto para um longo ensaio de ordenação crítica de Autores e de Obras e não cabe nestas rápidas notas. Julgo, porém, que elas poderão ser úteis a quem tenha de o fazer.

Vem isto a propósito de algumas observações sugeridas pela obra de um Escritor que é dos melhores e mais característicos representantes da geração logo anterior à que, por 1920, iniciou a sua actividade criadora.

Esse Escritor é Pina de Moraes e a sua geração aquela que atingiu a maioridade ao redor de 1910, quer dizer, com o grave acontecimento histó-

rico da mudança de regímen político, e que se viu obrigada, logo no início da sua afirmação, a perante ele reagir. Pelas mais diversas formas, e segundo ideais diferentes e mesmo opostos, ela o fez, mas foi-lhe comum o motivo geral e grave dessas reacções.

Outro facto histórico, ainda mais grave e profundo, a guerra europeia de 1914-1918, logo a seguir veio ser o essencial motivo, exteriormente imposto, das reacções contraditórias (necessariamente contraditórias) desta geração literária. Foi este principalmente, com a sua força de imposição exterior e de quase fatalidade, o que deu um carácter comum a esta geração de 1910, porque, se muitas gerações literárias o viveram, só para esta elle correspondeu à experiência fundamental da sua fase de primeira afirmação, a década que forma para sempre o carácter de um Homem e, particularmente, de um Escriitor.

Dizer que a geração de 1910 foi dividida pelas suas reacções contraditórias, opostas e, até, de luta armada, perante esses dois factos históricos, é marcar-lhe um carácter importante mas secundário.

O carácter fundamental e comum é o que lhe adveio dos motivos dessas reacções e da sua natureza, principalmente no segundo, e mais intenso, de imposição exterior e de *fatalidade*, experimentando o necessário heroísmo que há em todas as sinceras, genuínas e profundas afirmações humanas.

Exemplo valioso deste carácter comum da geração de 1910 e também, particularmente, de uma das reacções genuínas que ella teve perante os dois acontecimentos históricos referidos é o caso do Autor e da obra a que dedico a presente nota crítica:

PINA DE MORAIS — '*Vidas e Sombras*' — Edição Marános — Porto — 1949.

Foi a guerra europeia de 1914-1918, vivida não só com o heroísmo do combatente mas também com o outro, não menor, da afirmação da sua personalidade, o próprio tema do livro em que este Escriitor se revelou plenamente.

Reli agora esse livro e o meu entusiasmo pela sua grandeza humana, se é diferente e mais reflectido, não é menor hoje do que nesse ano, já longínquo, de 1919.

'*Ao Parapeito*', do Tenente Pina de Moraes, é um livro literariamente bom e grande na sua concisão. Grande, não só por quanto nele é e será perpetuamente válido — a reacção do heroísmo perante a morte desencaçada, a manutenção dos sentimentos de humanidade na guerra inhumana, a consciência do nacional — mas também por quanto de transitório, mas nobremente vivido, elle nos mostra de reacção genuína e dos ideais, e até das ilusões, de uma parte, e não a menos significativa, da geração de 1910.

O seu outro livro de guerra, '*O Soldado — Saudade*', com igual significado, é muito menos perfeito. Mas não por qualquer abaixamento do poder criador. Só porque nele se conjugam diversas directrizes de criação literária e algumas delas ainda não haviam atingido a plenitude. O primeiro capítulo, que dá o título ao volume, é da mesma intenção e altura do anterior livro e nele talvez devesse incluir-se. Mas nos outros capítulos há uma hesitação entre a narração elaborada, o conto, embora vivido, (e quase perfeito é o que se intitula «A melhor Esmola») e as simples anotações de factos vistos ou vividos, *memórias* para futura reelaboração. E foi precisamente o que já succedeu às suas anotações sobre o *medo* que deram uma das novelas do livro recente, '*Vidas e Sombras*'.

Desde já direi que esta reelaboração dos factos vividos na guerra, tornados temas de contos e novelas, ou mesmo de um romance, me parece um dos mais naturais caminhos para a integral e perfeita realização deste Escriitor. O que não significa a diminuição do valor de uma outra directriz — a dos temas rústicos e regionais do Douro — com que reapareceu, após longo silêncio, e reafirmou o seu talento no livro '*Sangue Plebeu*', publicado em 1942.

O defeito dessa obra é uma hesitação entre a livre criação literária e o proselitismo político e social. Mas felizmente ficou este quase apenas em seu título, errado e infeliz, e em alguns comentários e um ou outro desvio

da plena e forte humanidade e lúcido amor do povo para os preconceitos do plebeísmo. Justo é, porém, assinalar a nobreza de pensamento e a força de humanidade com que é narrada uma revolta da fome «no Douro».

O livro poderia ter-se intitulado '*Sangue da Terra*' e tem a grandeza necessária para lhe corresponder. Algumas das suas novelas, as páginas de memórias intituladas «O Rouxinol», e todas as invocações da paisagem do Douro e da luta do homem com a terra, afirmaram o talento de Pina de Moraes e as suas possibilidades, que se me afiguram ainda maiores, no caminho que nele traçou.

'*Vidas e Sombras*' é um livro mais ambicioso, por vezes mais alto, mas também menos uno e perfeito.

Seria fácil e mais agradável notar apenas o que há de plenamente realizado e de bom neste livro e fazer o seu elogio. Mas os deveres da Crítica para com os Autores, maiores ainda quando eles têm verdadeiro talento e sinceridade, exigem alguma coisa mais: — a indicação dos motivos de imperfeição, quando ela exista, e o incentivo a toda a possível e mais alta realização do Escritor.

Foram juntas, neste volume, realizações literárias de géneros muito diferentes e, naquele que predomina, o da novela, três espécies de temas, entre si muito diversos e quase opostos. Esta falta de unidade natural do livro em seu conjunto é um defeito que só se admite numa primeira ou numa última obra, a de propositura de vários caminhos ou a de reunião de um espólio.

Não é aquele e não pode ser este o caso do mais recente mas não último livro de Pina de Moraes. Teria, pois, havido precipitação ou, o que seria pior, a falta de intensidade criadora necessária para, no tempo decorrido entre 1942 e 1949, realizar plenamente cada uma das diversas directrizes que se chocam neste volume.

Uma delas, e não a menos alta nem de menores possibilidades, é a da meditação pessoal. Aparece-nos apenas em sete breves páginas, mas perfectas, nobilíssimas, com que se inicia o «Diálogo de Heróis». Este propriamente é o esboço de um Auto Sacramental que ficou imperfeito e não logrou subir à altura do tema, admirável, nem dar-lhe a vida real da obra dramática, apesar da grandeza de muitos dos seus pensamentos e da beleza com que foram expressos.

Das novelas, a de pura fantasia e de intenção simbólica, intitulada «O Pai Natal», é a menos profunda e mesmo (o que é extraordinário neste Escritor) pouco genuína, sem aquela adesão integral do Poeta que constitui umas das mais necessárias qualidades de qualquer obra. Na aparência muito original, esta novela resulta, ao ser aprofundada na leitura, qualquer coisa de já conhecido, e de pouco autêntico também, e nada natural no Escritor que as outras obras nos têm revelado.

Esse Escritor verdadeiro, sincero, e por isso grande, mostra-se de novo, felizmente, nas outras quatro novelas deste livro.

A primeira, intitulada «A Carrança», retoma o tema rústico mas revelando um maior aprofundamento da sua intenção. Terá sido ela, porém, que, insuficientemente meditada, não permitiu a perfeição da obra? Ela tem toda a grandeza humana e perfeição literária nas suas primeiras dezassete páginas. Ali deveria ter o Autor findado, ou melhor, engrandecido, em breves páginas, o verdadeiro tema da novela e o seu valor simbólico, a redenção, pela vida sexual cumprida e o instinto e o amor maternos, da mulher posta a margem da vida humana por sua fealdade.

Essa era a fatalidade a compreender, em seu implacável horror, engrandecendo as forças vitais e humanas capazes de a redimirem. Voltando ao tema da miséria, procurando um fim de total derrota para o justificar, o Autor desmoronou o edifício que, até dois terços, elevava com beleza.

Os defeitos da construção literária são ainda maiores na mais extensa novela deste livro, também, parece-me, por insuficientemente meditado e aprofundado o seu tema fundamental.

Se a criação de um tema original, forte, humano e profundo, bastasse para a glória de uma Novelista, Pina de Moraes a teria conquistado plenamente com esta novela. Mas a essa criação original não a viu em toda a

clareza; confundiu-a com temas secundários, e não construiu literariamente a obra possível e grande.

É uma obra que deve ser totalmente refeita por seu Autor. O tema, de admirável intensidade humana e de valor simbólico profundo, não é o de «o Fala-Só», título que apenas corresponde à imperfeita apresentação do personagem. O verdadeiro tema é o de uma poderosa vontade que, depois de se aplicar à vingança, indo no mal até aos maiores extremos, se recupera e se aplica ao bem e sobe à grandeza do amor e do sacrificio. Mesmo com a imperfeita apresentação do personagem e um ou outro erro de construção, a novela ainda seria bela terminando no momento, sublime, em que a grandeza de alma, a generosidade e o amor se afirmam pela adopção da criança inocente dos pecados e da fatalidade dos pais. As restantes dezassete páginas estragaram-na, em sua actual forma.

Tem o Autor a obrigação absoluta de refazer estas duas novelas e de elevar os seus temas à grandeza possível. Tanto mais que foi a elevação das suas aspirações de Artista o que, exigindo-lhe mais, o levou à tentativa, honrosíssima, do mais difficil.

Posso, felizmente, louvar sem restrições as duas restantes novelas. A primeira tem um título errado, pois o nome geográfico de «Riez Bailleul» invoca, para quem leu os seus livros de guerra, outra coisa maior do que a fatalidade e a opressão do medo num pobre ser destróado pela guerra ou sem condições psíquicas para a sofrer. Mas esse tema está bem realizado e a novela é grande e perfeita. O mesmo direi da novela «O 257 da 2.^a», baseada em temas da vida militar de guarnição.

A construção, difficil pela conjugação dos factos que estão acontecendo e dos que são narrados por seu principal participante em plena e intensa acção, apenas traduzida em breves ordens, revela um grande Novelista.

Maior, por isto, a sua obrigação de aplicar melhor as suas possibilidades a todos os grandes temas que lhe forem sugeridos pela meditação da resistência humana às fatalidades e sua redenção, motivo essencial das suas obras, em perfeito acordo com o carácter predominante da sua geração.



A geração de 1920, a minha, tem um carácter fundamental que, nos seus mais autênticos representantes, se revela oposto ao da geração de 1910. Os factos históricos ante os quais ela teve que reagir não lhe foram impostos por outras gerações anteriores (como foi o caso da mudança de regimen político, para a geração de 1910) ou por fatalidades externas (como foi o caso da guerra de 1914-1918) que a todos arrastaram no seu torvelinho. Esses factos históricos, vividos entre 1920 e 1930, foram criados por ela própria, ou, melhor e mais verdadeiramente, pela sua parte mais activa. Isto mesmo a dividiu ainda mais do que a geração anterior.

Não só pela existência de agrupamentos de tendências e de ideais opostos mas também porque da primeira afirmação plena de um desses agrupamentos surgiu o motivo principal e duradouro das reacções, directas ou indirectas, de todos os outros. Correspondeu, aliás, essa criação de acontecimentos históricos à primeira afirmação de uma nova atitude humana perante as fatalidades.

Nova, sim, mas com todas as raízes na tradição portuguesa e no mais profundo e original valor do génio nacional.

E também isto foi elemento de divisão, pela recusa absoluta, implícita, de todos os movimentos secundários, baseados nas inúmeras *escolas* com que lá fora se entretêm os meios literários sem verdadeiro poder criador, ou em decadência.

Facto semelhante a este, já sucedera também na geração anterior. Mas parece-me necessário e muito curioso notar que, na geração de 1910, a procura da *modernidade* se deu no grupo de Escritores novos de Lisboa, os da revista '*Orfeu*', e não de Coimbra. E verdadeiramente nem num nem noutra destes dois centros, Lisboa e Coimbra, mais geralmente impulsionadores dos movimentos literários, se pôde agrupar a actividade criadora nacional da geração de 1910. Centrou-se no Porto, com o movimento da «Renascença Por-

tuguesa» e a Revista 'A Águia', cuja importância na evolução da Literatura e do Pensamento Português nunca será por demais valorizada. Eles foram mais do que a obra de uma geração, o agrupamento de tendências (e as mais fecundas e valiosas) de várias gerações literárias. Mas foi a geração de 1910 que verdadeiramente os originou e lhes deu os elementos de coesão e os manteve enquanto possível. E essa Revista e esse movimento integraram os Escritores de Coimbra e também os de Lisboa que desejaram sempre, ou enquanto desejaram, alguma coisa mais do que a procura da modernidade e a *actualização* de influências estrangeiras.

Ao contrário, na geração de 1920, a actividade criadora nacional centrou-se em Lisboa e foi em Coimbra que surgiu um outro movimento de procura da modernidade. Mas a exigência de verdadeira e plena humanidade era tão grande no carácter fundamental comum à geração de 1920, que essa procura também foi mais sincera, sem as mistificações e o barulho de espantapardais ou espantaburgueses que se dera com a revista 'Orfeu' e seus sucedâneos. E mais cedo transcenderam essa limitação, ou dela se libertaram, os mais fortes e melhores talentos desta geração que nesse movimento, de luta pela modernidade, colaboraram.

Não é ainda esta a ocasião própria para detidamente analisar tudo o que, por estarmos no fim da nossa primeira idade literária, já se torna urgente compreender para bem julgar e, por fim, talvez, congregar os valores da nossa geração. Mas convinha lembrá-lo antes de anotar um livro que exemplifica alguma coisa do que indiquei.

Exemplo, e também obra que, por todo o talento do seu Autor, merece uma análise funda e séria das suas qualidades e defeitos é o livro de

VITORINO NEMÉSIO — '*O Mistério do Paço do Milhafre*' — Contos — Livraria Bertrand — Lisboa — 1949.

Eis um livro perante o qual, no seu conjunto ou em qualquer das suas páginas, se não poderá nunca pôr em dúvida o talento literário do seu Autor.

E, no entanto, ele não é a obra que esse talento verdadeiro merecia ter feito. Não é a obra, superior às modas transitórias, que a humanidade e valor dos seus temas, o talento do Autor e o longo trabalho de Artista que ela nos demonstra, deveriam ter produzido. É um livro cheio de recusas das melhores possibilidades e das verdadeiras directrizes do talento do seu Autor; de transigências com a procura da modernidade e seus actuais preconceitos; de sobreposições da falsa literatura àquela outra, grande e verdadeira, que, apesar de tudo, nos revela e sofre, latente, na maioria destes contos e num, felizmente, conseguiu triunfar.

Crítico de livros dos meus contemporâneos, tenho um fim principal — chamar os Autores de verdadeiro talento à sua própria e possível e máxima realização.

Por lealdade humana. Por dedicação total à Cultura Lusitana e à grandeza da nossa Literatura. Se isto me leva a não fazer uma crítica agradável, o motivo é tão alto que me não importam os desgostos pessoais.

É certo que esta crítica se faz perante o público (mas bem restrito para estes assuntos de Literatura) e por isso pode magoar o que seria, talvez, acolhido como um acto de leal amizade, se fosse dito em particular. E se fosse possível, e desejado, eu mesmo daria a preferência a uma forma de crítica particular quando ela tem de ser mais para o Autor do que para o público.

Ou talvez não. Porque a própria gravidade e até os prejuízos imediatos que a um Autor advenham de se fazer essa crítica perante o público, servem de revulsivo, capaz de iniciar a derivação do trabalho literário para maior grandeza e perfeita genuinidade.

Grande e merecida por seu talento e actividades é a posição de Vitorino Nemésio em nosso meio literário. Mas há alguma coisa de muito mais alto e sério e que deve importar-lhe muito mais — realizar-se totalmente em obras perduráveis.

O que se opõe (digo-o por este livro e alguns outros) a esta natural possibilidade?

Vitorino Nemésio é um dos maiores valores do grupo de Coimbra da geração de 1920. Mais por sugestão do ambiente do que por natural tendência do seu talento, deu-se à procura da *modernidade*. Reforçou ainda e muito agravou esta influência local, outra, bem pior, a da sua estada em França.

Se bem me recordo (porque não o pude agora encontrar e reler), o seu primeiro livro, '*Paço do Milhafre*', publicado em 1924, tinha autenticidade e plenitude humana perfeitas. O que lhe faltava, lembro-me, era apenas o natural engrandecimento e depuração das suas qualidades. Não li o seu romance de 1926, '*Varanda de Pilatos*'. Mas talvez não erre dizendo que, só a partir da sua estada em França, essa procura da modernidade se tornou para Vitorino Nemésio um excesso prejudicial. É sintoma disto o próprio emprego da estrangeira linguagem francesa no seu primeiro livro de versos. Mas, quanto ao Poeta em verso, reservo-me para o considerar no conjunto das suas obras de Poesia, se me fôr dado criticar a mais recente.

Não me é possível também agora julgar, em sua evolução e em cada um dos seus livros, comparando-os, toda a sua obra de Novelista, palavra porque devemos definir em seu conjunto e várias formas (de Conto, Novela e Romance) toda a actividade criadora de narração imaginada e em prosa.

Basta-me, aliás, para reafirmar a existência de um talento de Novelista e indicar os defeitos que impedem a sua total e perfeita realização, a rápida análise deste volume, '*O Mistério do Paço do Milhafre*'.

O mais geral, quase constante e muito grave defeito deste livro é o que defino por uma carência de adesão do Autor à sua obra.

É a consequência fatal, só divergindo no grau de malefício, da procura da *modernidade*. Quem escreve com a preocupação de ser moderno e original, enfraquece o verdadeiro e alto motivo da realização da obra que é também necessariamente realização do seu Autor, num enlace, que deve ser perfeito, do criador e da obra criada. E só assim, afinal, se conseguiu e conseguirá, sempre, a autêntica originalidade, a que resulta, sem ser procurada nem voluntária, da realização integral e própria, necessariamente diversa, de cada Poeta ou Artista.

A carência de adesão, de união verdadeira entre o Autor e a obra, manifesta-se nestes *Contos* por tantas maneiras, e seriam tão abundantes os exemplos de cada uma delas, que me basta indicá-la.

Este defeito é mais grave ainda num livro baseado, quase inteiramente, em memórias da infância, seres e coisas, acontecimentos e episódios que só perante ela tiveram relêvo. Excepção é, a bem dizer, apenas a da novela «Os Malhados», também, para mim, a única realização perfeita, mas essa autêntica, de todo o volume.

Metade, exactamente, dos *Contos* nele agrupados tem, aliás, a forma de memórias, o que não exclui aquela qualidade mas exigia a presença viva do narrador. Mas o Autor recusa-nos a de si próprio e não nos dá a do narrador fictício, que indica, a não ser também como personagem infantil de alguns dos episódios narrados.

A infância é um tema literário belo e complexo mas que exige devoção, finura e delicadeza de sentir. E, no entanto, o intuito de *novidade* e a procura da *modernidade*, com exemplos estrangeiros e actualizando a influência dos seus erros, levou até à confusão de memórias da infância com episódios de realismo brutal, e nem sequer trágicos, vulgares ou jocosos e sem significado ou interesse.

O mesmo intuito levou à *adaptação*, que resulta falsíssima, de um conto de fadas, tal como sugerido por um narrador popular a uma criança, *adaptação* (para mim, antes, profanação) em que todo o maravilhoso descamba em caricatura.

Não seria justo, porém, indicar estes desvios da verdadeira e grande Literatura, sem notar que ela persiste, apesar deles, na fixação de personagens e paisagens e em noções psicológicas penetrantes e originais, no melhor sentido e todo o valor sério da palavra. Um dos contos-memórias, intitulado «Cabeça de Boga», seria perfeito, se o Autor, voluntariamente, não tivesse estragado com falsos realismos de impudor e de indelicadeza.

Foi este um dos processos literários empregados para mostrar origi-

nalidade. Outro, e não melhor, foi o da caricatura, na observação ou no comentário, aplicada a temas que a não comportavam. Daqui resulta um desacordo íntimo e até o erro de construção. É o que particularmente se nota no conto, com beleza iniciado, que se intitula «Mar Bravo». Os agoiros, a presciência da morte, a tragédia de um naufrágio, terminam por uma visão, caricatural, da entrada no Ceu, visão que se desenrola (o que pode a realidade!) na mente de um homem que esta morrendo no mar.

Outro processo ainda, e gravíssimo erro que tira, a quase toda esta obra, o poder de comunicabilidade, é o do emprego constante, pesado, sem beleza nem justificação, da fala mais imperfeita e rústica. Não limitada ao emprego de palavras necessárias, embora só populares, que a linguagem culta nunca se deve recusar a recolhêr do falar regional e rústico e até mesmo das gírias diversas. Imposta às palavras da linguagem comum.

Como exemplificação da fonética rústica de uma região limitada, poderá ter interesse. Mas a criação literária é que padece, perdendo beleza, comunicabilidade e, até, realismo. Porque essas palavras deturpadas ordenam-se na perfeita sintaxe do Autor. E dessa contradição, fatal, resulta uma impressão de falsidade, o contrário precisamente do realismo desejado. É o contrasenso de uma obra escrita correctamente e com palavras grafadas segundo uma pronúncia que as assassina.

E aqui não foi usado o processo para vincar sòmente, como seria admissível, o modo de falar de um personagem. Tornou-se em alguns dos contos a linguagem constante, passando mesmo à narração do Autor e aos seus comentários e observações.

Foi este defeito, em seu abuso, o que estragou uma novela, «Quatro prisões debaixo de armas», cuja construção e o interesse dramático do personagem, e narrador, e o admirável final, a teriam tornado, sem ele, uma bela obra.

Por milagre, este processo foi moderadamente usado, e assim aceitável, no conto, ou já verdadeira novela, «Os Malhados». O tema prestava-se também ao processo caricatural que, aliás, nele foi equilibradamente empregado. Era exterior à vida e memórias próprias do Autor, e por isso não teve ele de usar daquelas *defesas* com que pretendeu fugir ao *lirismo*. Por tudo isto a novela «Os Malhados» resultou uma autêntica e perfeita criação.

Caso curioso: sendo inteiramente original no estilo e na observação, lembra-nos algumas das melhores criações de Camilo Castelo Branco.

Reentrando em si próprio; reencontrando uma linha tradicional que é a sua; realizando-se com menos preocupação de modernidade, Vitorino Nemésio pôde criar uma novela grande e original.

Isto, meditado, lhe deve mostrar o caminho verdadeiro da sua realização perfeita e constante como Novelista.

JOÃO DE CASTRO OSÓRIO

ANTÓNIO MENDES CORREIA — *‘Ultramar Português — I — Síntese da África’* — Agência Geral das Colónias. Quando um Professor com 40 anos de prodigiosa investigação em todos os ramos da Geografia, da Biologia e da Etnologia confessa que este volume lhe custou trabalho muito mais exaustivo e extenso que tudo quanto no mesmo sentido já havia realizado é porque, na verdade, produzir obra assim vasta, minuciosamente documentada e inflexivelmente científica representa esforço acima de tudo quanto se possa imaginar. Foram valiosos os auxílios de alguns dedicados colaboradores, teve o Autor à sua disposição elementos de variada espécie e de grande mérito, mas as lacunas eram grandes e maior ainda a dificuldade em vence-las. Pois tudo foi satisfatoriamente resolvido e coordenado pelo Prof. Mendes Correia, que neste grosso, eloquente e denso volume nos dá a primeira síntese completa de toda a África, donde depois emergirá em sua natural grandeza a parte relativa aos domínios de Portugal.

Sabida a probidade exemplar com que o Prof. Mendes Correia realiza os seus estudos científicos, só há que reproduzir agora o índice dos capítulos tratados para se compreender o plano seguido na execução da presente obra, que tanto ficará a sobressair entre quantas de estrangeiros se publicaram até hoje.

Eis esse índice: Um relance geral sobre a África; A África no Globo; A Paleogeografia da África; Regiões naturais; Ainda sobre o relevo africano; Lagos e rios; Climas; Vegetação; Fauna; O povoamento humano; Quadro racial; Estatística da população; Saúde e aclimação; Línguas, Culturas, educação; Política e administração; Economia.

Nas palavras finais, o Prof. Mendes Correia, depois de preconizar uma fraterna colaboração mundial no sentido de promover todo o complexo desenvolvimento dos processos físicos, biológicos e psíquicos de que é teatro a África de hoje, considera o esforço português como um dos elementos mais importantes da valorização, progresso e bem-estar das terras e gentes africanas.

De todos os capítulos são dados extensos resumos em francês e inglês e acompanham e ilustram o texto 36 cartas e esquemas, 117 estampas e 6 reproduções em offset e a cores. Alguns primorosos desenhos são assinados por Álvaro Duarte d'Almeida.

ANTÓNIO BAIÃO — '*A Inquisição de Goa*' — Edição da Academia das Ciências. 1949. O antigo Director do Arquivo da Torre do Tombo especializou-se há longos anos no estudo da Inquisição e, por esse motivo, todos os trabalhos que publica representam sempre excepcional contributo para a história desta instituição. O Tribunal de Goa teve grande fama e nele se fala muito em todos os trabalhos que se referem a actividades gerais da Inquisição, mas até agora poucas páginas se consagraram detidamente ao que foi e realizou o Santo Offício na Índia, estabelecido no Século XVI para reprimir as heresias e melhorar os costumes e os prelados. Neste 1.º volume, além da bibliografia e Fontes e do Capítulo sobre a Origem e estabelecimento do Tribunal de Goa, António Baião trata, com sua costumada proficiência, das relações com os Vice-Reis, Governadores, Arcebispos e Bispos, os Inquisidores e alguns dos seus assessores, a actividade inquisitorial e, por fim, da extinção, reabertura efémera e extinção definitiva em Fevereiro de 1774, antes 47 anos da extinção em Portugal.

PUBLICAÇÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — São sempre de muito valor e distinta apresentação as Publicações do nosso primeiro município e assim deve ser para exacto cumprimento das funções culturais que cabem a tão importante Organismo e para exemplo de todas as outras Câmaras. Urbanização, higiene, transportes, embelezamentos, etc., etc., tudo isso é essencial ao progresso das cidades de Portugal. Mas, embora assim não pensem alguns Municípios, nada tem a consistência, a força civilizadora da Cultura. Procurem na História, na Arqueologia, na Etnografia — e só encontrarão pontos de apoio, argumentos sólidos, razões de vida e de independência nos factos culturais, no prestígio da Língua e nos Documentos emanados do Espírito.

'*A Freguesia de Santiago*' — No 2.º volume, Ferreira de Andrade continua os subsídios para a história das ruas, edifícios e igreja paroquial da velha freguesia, com inteligência e atraente minúcia. Bem hajam os distintos Olisipógrafos, que, em tão excelentes volumes, nos deixam a história da formação da Capital do Império. Podem demolir-se os bairros já sem ambiente ou nocivos ao progresso da Cidade. A documentação aí fica para que, em qualquer altura os estudiosos possam fazer suas investigações. Alguns dos capítulos deste volume giram à volta da palavra *Limoeiro*, que lembra, principalmente, o vetusto casarão em que funciona um presídio, lúgubre e sombrio, que não poderá continuar durante muito tempo a ser motivo de justos reparos. Ferreira de Andrade dá-nos já muitas notas a respeito do histórico edifício, onde nem o ar gosta de introduzir-se. Mas, falta ainda o volume privativo que nos dê a história completa do prédio e suas vicissitudes e bem assim a história mais agitada ainda dos presos que por ali passaram. O volume traz numerosas ilustrações, algumas das quais reproduzem características gravuras antigas.

'*Inventário de Lisboa*' — Vai no fascículo 7 estoutra publicação de Norberto de Araújo, um enamorado da Cidade em que tão belos Monumentos

• Palácios desafiam, realmente, a curiosidade dos mais indiferentes. No tomo presente, primorosamente ilustrado, arquivam-se notícias históricas e descritivas dos Palácios particulares: Sabugosa, Azurara, Rosa, Mitelo, Tancos, Anadia, Calhariz, Ribeira, Valadares e Vagos.

'*Revista Municipal*' — N.º 41, 1949. Jaime Lopes Dias, beirão de rija têmpera e elevado respeito pelo património espiritual da Nação, dirige uma das mais belas revistas que se publicam em Língua Portuguesa; e bela tanto na apresentação material como na colaboração. Neste número, além do distintíssimo Etnógrafo, que é Jaime Lopes Dias, assinam trabalhos relevantes Américo Cortês Pinto, Durval Pires de Lima, Conde de Oxenstierna e Matos Sequeira. E publicam deliciosos poemas Rodrigo de Melo e Cardoso Marta.

'MENSARIO ADMINISTRATIVO DE ANGOLA' — A Direcção dos Serviços de administração civil da nossa maior Colónia presta incalculável auxílio a quantos se interessam pelos assuntos ultramarinos — e deviam ser todos os Portugueses — com a publicação deste seu Boletim cheio de informações, documentos, estudos, notas culturais e respostas a consultas sobre matéria legal. O tomo que temos presente, 20/21, começa com Efemérides angolanas de Abril e Maio relativas a mais de 4 séculos pelo Capitão Durão Paia e insere depois artigos de Vítor Hugo Meneses — *A instrução do indígena*; de José Redinha — *Costumes religiosos e feiticistas dos kiokos de Angola*; de António Emílio Pires — *«Ofundula»* (Festa cuanhama da puberdade feminina); de António de Magalhães — *Alguns aspectos da música indígena africana*; de Carlos Gouveia Franco — *Arquivo fotográfico de Angola*; de Lázaro Manuel Dias — *O comerciante, auxiliar de política indígena*; de Horácio A. R. de Carvalho — *Terras do antigo Luati*; de Lobato de Faria — *Religiões*; de Alfredo Pratt — *Junta de Fazenda do Reino de Angola, fundada em 1761*; e de Manuel Crespo de Carvalho — *Industrialização do Milho*.

REVISTAS DE COIMBRA — A velha Cidade universitária continua a distinguir-se pelo elevado nível das suas Revistas, que representam inquestionavelmente os melhores veículos da expansão da Cultura portuguesa. Ali, naquele recatado Centro de estudos, há mais ambiente para a reflexão e para as especulações filosóficas ou científicas, para o culto profundo das velhas Humanidades e, por isso, é que as Revistas de Coimbra são de grande tomo e profunda investigação. Cabe-nos agora a referência a três delas:

'*Biblos*' — Tomos II e III, Volume XXIV. Maio a Dezembro de 1948, 652 páginas. Revista da Faculdade de Letras da Universidade, traz sempre variada colaboração subscrita por Professores ilustres. O presente volume insere artigos de Aristides de Amorim Girão e Fernanda de Oliveira Lones Velho, Max L. Wagner, Luís Saavedra Machado, Maria Palmira da Silva Pereira, Luís Chaves e António J. Dias Dinis; Vária; Vida da Faculdade; e extensa crítica bibliográfica a cargo de Aristides de Amorim Girão, Sílvio Lima, Costa Pimão, José Barata, Albin E. Beau, Wilhelm Giese, Heinz Kröll, Felisberto Martins e Vincenzo Cocco.

'*Brasília*' — O Suplemento ao Volume IV, 1949, é publicação comemorativa do quarto Centenário da Cidade de S. Salvador (Bafa) e consta de uma relação de 3.012 estudantes da Universidade de Coimbra, nascidos no Brasil. A relação é dividida por séculos (XVI a XX) e a propósito de cada nome indica-se a filiação, naturalidade, curso e resultado dele. Em bastantes, há outras notas biográficas de muito interesse. Algumas fotografuras reproduzem documentos alusivos ao texto. Entre as páginas 294 e 295 reproduzem-se as Cartas de Bacharel e da formatura em Leis do eminente dicionarista António de Morais Silva. Completa as 600 páginas do volume um Índice de nomes por ordem alfabética. Organizou o trabalho, com paciência beneditina, o Dr. Francisco Morais.

'*Humanitas*' — Volume II, 1948/1949, 572 páginas. Director Prof. Rebelo Gonçalves. O Índice do magnífico tomo revela eloquentemente o mérito do texto. Os artigos são assinados por Max Niedermann, Carl Theander, Giovanni Battista Pighi, Ernesto Faria, Serafim S. Neto, José Gomes

Branco, Benito Gaya Nuño, Rebelo Gonçalves, Luigi Alfonsi, Albin E. Beau e Felisberto Martins. Na *Miscelânea* colaboram Joseph M. Piel, António Tovar, Álvaro d'Ors, Joaquim da Silveira, Vittorio de Falco, Folco Martinazzoli, N. I. Herescu, Ruy Mayer, Felisberto Martins, J. Descroix, A. Delatte e Rebelo Gonçalves. A secção *Ad novam Latinitatem* é assinada por Jos. Morabito e W. F. Jackson Knight. As *Notas Históricas* estão a cargo de Herbert Pierrepont Houghton, José Pereira Tavares, Juan Triadú Font, José Gomes Branco e Bianca Bruno. Segue-se a *Crónica do Instituto de Estudos Clássicos* e depois uma larga série de *Crítica Bibliográfica* com resenhas escritas por Felisberto Martins. F. Costa Marques, Maria do Carmo Lapido de Abreu, Rebelo Gonçalves, António Tovar, Pierre David, Victor Buescu, Joseph M. Piel, Alfredo de Carvalho, A. Gomes Ferreira, P.º Arlindo R. da Cunha, Firmino Crespo e José Pereira Tavares.

'GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA' — Rigorosamente pontual, vai já no fascículo 243 e na letra P. As 80 páginas deste fascículo compreendem os vocábulos desde *Pereira* a *Peres* e, além de numerosas gravuras incluídas no texto, publica duas estampas em separado, uma das quais reproduz a célebre imagem de S. Bruno, esculpida por Manuel Pereira e existente na Cartucha de Miraflores.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS — '*Notas Vicentinas*' — Investigadora apaixonada da obra genial de Gil Vicente, D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos condensou os seus trabalhos preliminares para uma edição crítica dos autos do fundador do Teatro português nas suas '*Notas Vicentinas*'. Deste estudo notabilíssimo, inteiramente indispensável ao conhecimento do assunto, fez agora a revista '*Occidente*' uma edição de excelente aspecto gráfico num volume de mais de 650 páginas, incluindo grande número de *fac-símiles*. As notas subordinam-se aos seguintes assuntos: Gil Vicente em Bruxelas; A Rainha Velha e o Monólogo do Vaqueiro; Romance à Morte de El-Rei Dom Manuel e à Aclamação de Dom João Terceiro; Cultura Intelectual e Nobreza Literária; e Autos Portugueses de Gil Vicente e da Escola Vicentina, esta última escrita para servir de introdução à edição fac-similada do Centro de Estudos Históricos de Madrid. No final das '*Notas Vicentinas*', três índices alfabéticos de assuntos, *fac-símiles* e nomes facilitam e consulta rápida sobre qualquer ponto que se pretenda esclarecer e para o que o depoimento autorizado de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos nunca pode ser dispensado.

(Do '*Diário de Notícias*')

JÚLIO DE LEMOS — '*Elogio do Contista Trindade Coelho*' — Na nossa mocidade, que já vai longe, um dos livros mais interessantes que lemos foi '*Os Meus Amores*', de Trindade Coelho. Residíamos então em Lisboa, e assistimos ao êxito do volume, de crítica e de venda. Porquê? O que teria esse obra para sacudir toda uma capital, todo um País, com repercussão no Brasil?

'*Os Meus Amores*' era algo de novo. Era o talento, a simplicidade, a emoção, flagrantemente de almas e de paisagens. Era só, mas isso era tudo, — numa época em que se buscava a extravagância e a preocupação ingénua da originalidade. E a vida continua a se repetir.

Foi assim, com prazer, que lemos o livro '*Elogio do contista Trindade Coelho*', de Júlio de Lemos — secretário perpétuo do Instituto Histórico de Coimbra, escritor de nome com uma basta obra, — exemplar oferecido pelo seu editor, o jornalista e escritor ilustre que é Álvaro Pinto, o director do '*Occidente*' e da famosa '*Revista da Língua Portuguesa*'.

Trindade Coelho foi um escritor diferente, naquele momento. Ele, com '*Os Meus Amores*', iniciou uma transformação na vida literária portuguesa, comenta o autor.

Foi uma época de transição. Deixava-se assim o amoralismo para se entrar numa fase moral. O próprio Trindade Coelho escrevia — «a Arte é uma forma bela da Moral». Aí estava todo um programa.

O certo é que '*Os Meus Amores*' era todo um encanto. A alma portuguesa, de grande sensibilidade, emocionou-se com o livro. Há ocasiões em que todos nós, no íntimo, não deixamos de ser românticos.

A crítica de Júlio de Lemos à produção do escritor de além-mar, é bem feita e discreta. Ele releu o biografado, e anotou tudo que sobre o mesmo se escreveu. Há copiosas citações e anotações.

Trindade Coelho deixou uma obra espiritual, tocada de simplicidade, emotiva. Pode-se dizer mesmo que a sua literatura tem saúde moral. Ele aconselhava a um poeta, que aliás era António Correia de Oliveira, — «olhe só para si, olhe só para dentro de si, e versos leia-os só de dois poetas; do Povo e de João de Deus».

Foi o maior contista de Portugal.

RAUL DE AZEVEDO

(No '*Correio da Manhã*', Rio de Janeiro).

RUI GALVÃO DE CARVALHO — '*Antero de Quental e a Mulher*' — É uma das mais formosas, mais enternecedoras, mais cativantes contribuições que ensaístas portugueses têm apresentado com o estudo da personalidade de Antero. Esse breve ensaio de interpretação psicológico-literário é, na verdade, uma das coisas mais sérias e mais honestas, mais dignas e mais inteligentes que tenho lido acerca do genial poeta açoriano. Só por si bastaria para merecer o aplauso e a gratidão dos verdadeiros, dos sinceros anterianistas.

A obra e a vida de Antero têm suscitado um sem número de estudos. É que o Poeta, que foi, indiscutivelmente, um génio, oferece margem à meditação de quantos desejam conhecer as ideias que mais profundamente influenciaram a Literatura Portuguesa nos últimos trinta anos do Século XIX. Graças a António Sardinha, deixou de ver-se no autor dos '*Sonetos*' um poeta pessimista. Tudo nele foi acção, generosidade, ideia pura. Para ele (o próprio Poeta é quem o confessa numa das suas cartas), o pessimismo foi um meio e não um fim. Com as '*Odes Modernas*' não só se saiu definitivamente do classicismo, de que Castilho foi o derradeiro árcaico, mas introduziu-se na Poesia portuguesa um elemento novo — o tema social.

Mas o idealista revolucionário era, no fundo, um grande Poeta lírico e foi esse lirismo que deu um sentido humano à sua poesia que, por isso mesmo, é uma poesia sentida e viva.

Como Poeta lírico ele não podia deixar de amar a mulher e de ver nela a origem de todos os sentimentos que concorrem para a exaltação da vida. Mas Antero não conseguiu, talvez por ter colocado muito alto os seus sonhos, ser absolutamente feliz. A felicidade passou por ele como um sorriso e como um sorriso se apagou.»

(De Rebelo de Betencourt no '*Açores*', de Ponta Delgada)

LIVROS RECEBIDOS

3037 — António Corrêa de Oliveira — '*Hora incerta: Pátria certa*' — 268 p. — desenhos de Jorge Barradas — Secretariado Nacional da Informação — Lisboa — 1948.

3038 — Gastão Sousa Dias — '*Julgareis qual é mais excelente...*' — 440 p. — Museu de Angola — Luanda — 1948.

3039 — Augusto César Pires de Lima — '*Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos*' — vol. 4 — 464 p. — Junta de Província do Douro Litoral — Porto — 1949.

3040 — António Quadros — '*Além da Noite*' — Poemas — 144 p. — Parceria A. M. Pereira — Lisboa — 1949.

3041 — E. Gimenez Caballero — '*Amor a Portugal*' — 272 p. — Ediciones Cultura Hispánica — Madrid — 1949.

3042 — Egas Moniz — '*Conferências médicas e literárias*' — III — Ramon y Cajal' — 112 p. — Portugália Editora — Lisboa — 1950.

3043 — António Manuel Couto Viana — '*No sossego da hora*' — 52 p. — Coleção Búzio — Lisboa — 1949.

3044 — *Júlio Evangelista* — 'Programa alterado' — 52 p. — Coleção Búzio — Lisboa — 1949.

3045 — *António Ferro* — 'Política do Espírito — I — Estados Unidos da Saudade, Sociedades de Recreio, Jogos Florais, Imprensa estrangeira, Panorama dos centenários, Artes decorativas, Arte moderna, Eça de Queirós e o centenário do seu nascimento, Museu de Arte popular, Apontamentos para uma exposição, Turismo fonte de riqueza e de poesia' — Secretariado Nacional da Informação — Lisboa — 1949.

3046 — 'Santa Justa' — Cópia integral dos manuscritos originais, notas e índices por *J. M. Cordeiro de Sousa* — 452 p. — Câmara Municipal de Lisboa — 1949.

3047 — *A. L. de Carvalho* — 'Antigamente...' — 200 p. — Câmara Municipal de Guimarães — 1949.

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

A Orquestra Filarmónica de Lisboa apresentou-se em dois Concertos, sob a direcção do Dr. Ivo Cruz. Verificaram-se magníficos progressos na Orquestra embora os programas não primem pela variedade. Em cada um deles houve um solista português e um número nacional. Os solistas foram os Pianistas Fernando Laires e Campos Coelho. Ambos mereceram aplausos calorosos. Os números portugueses foram uma *Abertura* de Seixas e a peça *Lisboa* de Ivo Cruz. É muito difícil organizar e manter uma Orquestra sem apoio permanente e, por isso, não devem regatear-se louvores à iniciativa do distinto Director do Conservatório.

Em 12 de Fevereiro, realizou-se um espectáculo de homenagem a Pierino Gamba, com a colaboração de Frei Crespo e do pianista Sérgio Varela Cid. O pequeno Maestro é hoje um dos ídolos dos amadores de Música Sinfónica, motivo por que todos os seus concertos trasbordam de entusiasmo e simpatia retumbante. A Orquestra da Emissora Nacional foi a preciosa auxiliar de sempre.

OBRAS DE EZEQUIEL DE CAMPOS

editadas pela revista 'OCIDENTE'

'O ENQUADRAMENTO GEO-ECONÓMICO DA POPULAÇÃO PORTUGUESA' — 1 volume de 312 páginas com numerosos mapas e gráficos (2.ª edição)	50\$00
'PROBLEMAS FUNDAMENTAIS PORTUGUESES' — 1 volume de 232 páginas, com bastantes mapas e gráficos	30\$00

ADQUIRA O 'CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL' — ANTIGO COLOCCI-BRANCUTI, DE QUE JÁ FOI PUBLICADO O VOLUME I PELA 'REVISTA DE PORTUGAL'. A SEGUIR — VOL. II.



NOTAS E COMENTÁRIOS

★ CRÓNICA — Não foram de todo inúteis as inesperadas e imprudentes palavras do Pandita. Elas tiveram o condão de levantar em todo o Império português e em todas as partes do Planeta onde há grupos lusitanos os mais vibrantes protestos contra as impertinências de Nehru e uma estreita, fraterna solidariedade com os habitantes da Índia Portuguesa, que nasceram portugueses e portugueses querem morrer. É simplesmente constrangedor o terrível efeito que produz na maior parte das criaturas a embriaguez do mando. O ministro indiano parece ter sido um dos mais fervorosos admiradores de Gandi e da sua doutrina da não-violência. A Índia Portuguesa, resto sublimado dum vasto Império, consolidou-se há longos anos em suas características essencialmente lusitanas, formando uma verdadeira Unidade étnica, reflexo indestrutível da Civilização Ocidental que, pouco a pouco, a foi modelando e esculpindo. A União Indiana estabeleceu-se para resguardo de outras características, de factores puramente orientais, com outros conceitos de moral e sentido religioso diverso. Como conciliar, portanto, os claros princípios que determinaram aquela União do Pandita, onde já não coube o Paquistão, com a violência de nela se pretender integrar um Estado tão diferente no seu conjunto cultural e nas suas aspirações morais? O Mundo anda deveras conturbado e quase pervertido em muitos de seus aspectos políticos, há para essas bandas de leste fúrias imperialistas de mau cariz, mas em nada se assemelham tais casos de perversão social com as afirmações do Pandita. Este deixou-se arrastar por um exagerado espírito de União, esqueceu as lições da História e não perscrutou antes os próprios sentimentos da população que desejaria absorver. O grandioso movimento suscitado, em que não pode deixar de sentir-se como força essencial o prestígio que a Nação Portuguesa hoje desfruta, acabará por convencer Nehru de que os Povos só se unem quando há elos íntimos, homogêneos, insofismáveis, que os possam ligar e que, pelo contrário, o mais forte Organismo não consegue assimilar, pela força ou pela violência, qualquer pequeno núcleo que disponha de fisionomia própria e profundas raízes indestrutíveis. A Índia Portuguesa quer viver portuguesa, embora em amistosas relações com seus vizinhos da União de Nehru. Nada poderá fazer-nos descrever dessa aspira-

ção vital, prova admirável e impressionante do que foi e tem continuado a ser o génio colonizador da gente lusa. E, por isso, anotando com desvanecimento a onda empolgante de portuguesismo que se ergueu em todas as sete partidas do Planeta, certos estamos de que não tardará a restabelecer-se a serenidade nos espíritos e a calma nos corações, reafirmando-se entre União Indiana e Índia Portuguesa a grata amizade que deve ser apanágio de povos vizinhos que se respeitam e desejam colaborar no bem comum.

★ AS QUEIXAS DE GOA — Quiseram alguns elementos menos ponderados ligar as palavras de Nehru a certos descontentamentos de parte da população de Goa, por motivos mais ou menos conhecidos. A nobilíssima atitude da grande maioria representativa da Índia Portuguesa deve ter esclarecido os derrotistas, sempre prontos a denegrir a realidade dos factos. De resto, o assunto nem estava reservado nem esquecido. No seu discurso de 20 de Outubro passado, o Sr. Presidente do Conselho afirmou com o desassombro e cristalinidade que distinguem todas as suas falas: *«Mas Goa tem queixas e aspirações que, ao serem estudadas, se viu não poderem ser satisfeitas, mesmo dentro do razoável, pelas restrições provenientes do Acto Colonial que faz parte, como é sabido, da Constituição. A revisão que venha a fazer-se facilitará a solução de algumas questões pendentes. Trata-se, porém, de questões de família que não têm volume nem gravidade para imprimir aos negócios da nossa Índia directriz diferente da que lhe imprimiram os antepassados, à sombra da Bandeira portuguesa»*. Até há poucos anos, estas queixas e aspirações provocavam de heróicos salvadores greves, revoltas, revoluções. E, em vez de salvarem, mais corrompiam a situação. Hoje, o legítimo patriotismo manda acatar a Lei, reclamar pelas vias competentes, esperar as decisões superiores. Goa tinha suas queixas e aspirações, mas, no momento do alarme, na hora da ameaça, não pensou em questões de família e só viu a sua genuína maneira de ser, os altos interesses do Império e o culto devido à Bandeira portuguesa. A consciência nacional criou, evidentemente, nestes últimos vinte anos, novos alentos e uma disciplina cívica digna dos mais gloriosos antepassados.

★ CRUZ VERMELHA PORTUGUESA — Completou 85 anos de existência esta benemérita Instituição, que tão extraordinários serviços tem prestado e que nos últimos anos se remodelou por completo, graças à lúcida intervenção do Sr. Ministro da Guerra, que lhe insuflou ânimo novo, excelentes instalações e directivas cada vez mais eficientes. O 85.º ano foi comemorado com solenidades demonstrativas da sua modelar organização actual. — Poucos dias antes, foram distribuídos para apreciação do Conselho Supremo o relatório da gerência de 1948, o orçamento suplementar de 1949 e o orçamento ordinário para 1950. Das Contas de 1948, as primeiras executadas tècnicamente desde que a Instituição existe, é justo salientar o magnífico saldo de 5.536.483\$01, devido principalmente à venda de penicilina e streptomina, embora a preços que vieram tornar esses medicamentos acessíveis a toda a gente. O orçamento para 1950 prevê um movimento de 22.792.304\$00,

mas tudo leva a crer que as receitas excederão em muito os cálculos exarados. E bem preciso é que assim aconteça, para terem desenvolvimento sempre crescente os humanitários fins da Cruz Vermelha Portuguesa.

★ MUITO, MUITÍSSIMO BEM — Por duas vezes exarámos aqui o nosso reparo à vinda para casas particulares portuguesas de centenas de crianças estrangeiras, doutra índole e doutro meio social, quando vivem entre nós tantas e tantas crianças humildes que necessitam de auxílio, educação e carinhos. Felizmente, lemos há pouco a sensata notícia de que, desde Outubro em diante, a «*Caritas Portuguesa*» só dará protecção à Criança portuguesa. Muito, muitíssimo bem. São justificados os auxílios que pelos Organismos internacionais se possam prestar a quaisquer necessitados de qualquer idade ou nacionalidade. O que nunca nos pareceu de boa norma foi trazer crianças de meio completamente diverso para ambientes familiares estranhos e tratamentos transitórios sujeitos aos maiores desarranjos educativos. Que critério se podia seguir na distribuição? Que exames psicológicos se faziam tanto nas crianças como nas pessoas que as recebiam? Era tudo por simpatias físicas, por impulsos de ocasião? Apuraram depois como evoluíram a mentalidade e o sentimento filial das crianças? — Dava-se como argumento irrespondível: as crianças ficaram estonteadas com a guerra, precisam de apoio moral e material. — Deviam criar-se grandes internatos em países afins e conceder-lhes recursos obtidos em todo o Mundo. Podiam mesmo vir para internatos educativos do nosso e doutros países. Espalhá-las por casas particulares como prendas de estimação pareceu-nos sempre equívoco indefensável. De Outubro em diante todas as atenções da «*Caritas Portuguesa*» reverterão em favor da criança portuguesa. Bem haja a *Caritas* e que seus disvelos e carinhos se multipliquem para maior glória da benemerência nacional.

★ O PROGRESSO DE MOÇAMBIQUE — Em recente palestra com o jornalista Armando de Aguiar, que está fazendo a 1.^a viagem até agora realizada «pelo Mundo que os Portugueses criaram», disse o Governador Geral de Moçambique, o ilustre Comandante Gabriel Teixeira: «*A Colónia é rica e nela tudo se dá. Para isso é preciso cultivá-la segundo os processos mais modernos e em conformidade com as necessidades da Metrópole, do Império e do Mundo.*» Grandes e lúcidas palavras, que deviam estar na boca de todos os nossos Colonialistas. Há, sem dúvida, nas outras Colónias zonas difíceis, aparentemente estéreis ou inacessíveis ou flageladas por condições climatéricas adversas. Mas, a maior soma das dificuldades é posta e ampliada pelo continental chegado de fresco que se habituou às molezas do Chiado ou do Rossio e não compreende a luta, os sacrifícios, a suprema alegria de vencer pelo trabalho e pela vontade. Estudem, não se dissolvam no urbanismo ou no voluptuosidade, vençam o clima e o tempo, olhem a terra com tenacidade incorruptível e digam como Gabriel Teixeira: «*nela tudo se dá*». Cultivem-na segundo os processos mais modernos e ela nos fornecerá muito do que precisamos para a nossa subsis-

tência e sobras para trocar pelo que não possamos produzir. Cada Colônia deve ser em actividades e progressos um reflexo do que se passa na Metrópole, mesmo para que desapareçam duma vez para sempre todas as diferenças que ainda existem e se possa afirmar com absoluta verdade em qualquer território do Império: *aqui também é Portugal*.

★ A FRANÇA NA CHEFIA DA EUROPA? — O General De Gaulle fez há dias declarações que devem ser arquivadas sem aze-dume. Ele disse que a França devia tomar a iniciativa para se pôr a Europa em ordem, unida e forte, acrescentando que esta só se restabelecerá sob a sua chefia, sua da França. A gente lê isto, passa a vista por outros telegramas e esfrega os olhos. Como seria possível uma tal chefia da Europa, se a França ainda não conseguiu firmar a resolução dos seus problemas internos mais urgentes? — Mas talvez o General De Gaulle disponha dalgum remédio secreto e fulminante. Tenhamos a amável paciência de esperar.

★ ARTUR RAMOS — O Brasil perdeu com este notável Mestre um de seus mais íntegros valores espirituais. Natural de Alagoas, doutorou-se em Medicina pela Faculdade da Baía e publicou o seu primeiro trabalho de fôlego '*Primitivismo e Loucura*' em 1926. Daí por diante, não deixou mais o labor científico, especializando-se em Antropologia e estudos afro-baianos. Entre outras obras, devem citar-se: '*Estudos de Psicanálise*', '*Freud, Adler e Jung*', '*Psiquiatria e Psicanálise*', '*Loucura e Crime*', '*Introdução à Psicologia social*' '*O Negro brasileiro*', '*Folclore negro do Brasil*', '*As Culturas negras do Novo Mundo*' e '*Introdução à Antropologia Brasileira*'. Nem sempre Artur Ramos se referiu a Portugal com a serenidade que os Escritores portugueses consagram ao Brasil, mas isso nada impede que se reconheça seu extraordinário mérito e a falta que representou para a grande Nação Sul-Americana o desaparecimento do notável Cientista.

★ HEITOR LIRA — A bordo do *Alcântara*, passou há dias, no Tejo, com destino ao Rio de Janeiro, este ilustre Diplomata e Historiador brasileiro, que deixou o lugar de Ministro na Dinamarca para ir ocupar o alto posto de Director dos Serviços políticos e Culturais do Ministério do Exterior. Heitor Lira, que é um sincero e leal amigo da Cultura portuguesa, vai para o Brasil animado dos melhores desejos de auxiliar dentro do possível a realização do Acordo Cultural luso-brasileiro, principalmente no que diz respeito à rápida ratificação do Acordo ortográfico. Ele conhece muito bem todas as atribuições de que tem sido vítima o tão discutido Acordo e prometeu-nos dedicar ao assunto toda a sua atenção. Aguardemos, portanto, suas diligências dentro da boa compreensão do Direito Internacional e da amizade luso-brasileira.

★ PELA EMISSORA — Engana-se o Sr. *Leitor* atribuindo a *exageradas exigências* o que temos escrito a respeito da Emissora. O que nós desejamos, como todos os que se prezam de enaltecer e secundar a gigantesca Obra de reconstrução do País em todos os aspectos, é que ali se cumpra a Lei, se respeite a Língua vernácula e se prestigie a Cultura, nas pequenas, como nas médias ou nas

grandes tarefas. E não se cumpre a Lei quando se vociferam a cada instante palavras formadas com iniciais: *fenate, cufe, icau, onu, tape, rafe*, etc.; desrespeita-se a Língua vernácula quando se mesclam as tiradas dalguns programas com as expressões *music-hall, cabaret, boíte, matinée* e semelhantes; e não se prestigia a Cultura com esses folhetins do «Domingo sonoro», que, francamente, nem seriam defensáveis numa secundária estação de amadores. Está a Emissora entregue apenas ao capricho dos locutores e das locutoras que entendem poder estragar a linguagem como lhes apeteça? Ouvem-se, decerto, todos os dias programas bons, elevados, patrióticos. Mas isso não justifica que, à sombra deles, se pratiquem abusos, indisciplinas ou arbitrariedades. Como estação oficial, a Emissora deve estar acima de todas as críticas fundamentadas e melhorar sempre os seus programas, em prol da Cultura e da dignidade do regímen.

★ 'MOBILIÁRIO DO PAÇO DUCAL DE VILA VIÇOSA' — Nova preciosidade bibliográfica é dada a lume pela Fundação da Casa de Bragança, que tanto já se distinguiu em obras de inexcedível gosto artístico. O Paço Ducal de Vila Viçosa está repleto de riquezas de toda a ordem. Mas, por abandono ou falta de direcção inteligente, pouco sobressaíam e só eram conhecidas de alguns privilegiados. Organizada a Fundação e posto à sua frente o Dr. António Luís Gomes, excepcional temperamento de trabalhador incansável, perspicaz e culto, todo aquele riquíssimo recheio começou a surgir, a valorizar-se, a brilhar. O Paço restituiu-se à sua velha grandeza, e tapeçarias, óleos, cristais, esmaltes, marfins, mobiliário, cerâmica, tudo quanto ali se juntou em longos anos já se ostenta livre da poeira e da desarrumação, em sumptuosos ambientes apropriados a tão admiráveis colecções. O volume de agora dedica-se ao Mobiliário e foi organizado por Alfredo Guimarães, crítico de Arte de primoroso estilo e requintada sensibilidade.

★ ASSUNTOS PARA A IMPRENSA DIÁRIA — Em vez de tantos e tão prolixos telegramas do Estrangeiro, que raramente apresentam real interesse, pensamos que a grande Imprensa podia tratar um pouco mais de assuntos que a todos dizem respeito, como sejam, por exemplo:

— *Horário da Caixa Geral dos Depósitos* — Durante certo tempo, a Caixa teve um horário diferente do das repartições públicas, que permitia aos funcionários fazerem seus depósitos e levantamentos sem necessidade de pedirem licença nas repartições competentes para «chegarem ali à Caixa». Mas esse horário acabou. Não seria possível organizar um turno de recebimento e pagamento para a hora que vai das 17 às 18? Essa hora traria grandes vantagens para os pequenos depositantes, estimularia o espírito de economia e generalizaria o uso do cheque, tão pouco divulgado entre nós.

— *As indecências dos cartazes de cinema* — Da América, país de moral muito diferente da nossa, vêm cartazes com toda a espécie de liberdades de carnes, jeitos e feitios. Não seria vantajoso para o sossego e educação da juventude eliminar grande parte

dessas indecências? Sabemos que os cinemas são bons anunciantes, mas acima da caixa registadora deve estar a Moral e o asseio público.

— *Estrangeirismos no cinema e no teatro* — Mancham-se todos os dias os cartazes e as páginas dos anúncios com estrangeirismos inúteis, ofensivos da boa linguagem e até inapropriados. Não poderão suprimir-se, a bem do Idioma vernáculo, essas expressões: *hall, foyer, matinée, music-hall* e semelhantes? No Brasil, a campanha tem sido vigorosa e vai triunfando. Como não será difícil acreditar que a Língua Portuguesa é a Língua nacional, tudo o que seja manchá-la com aqueles borrões é delicto de lesopatriotismo.

— *O Português das fitas* — Queixam-se os brasileiros e os portugueses residentes no Brasil que mal entendem a Língua falada nas nossas fitas. Às vezes nem nós aqui a entendemos. Não seria da máxima conveniência que os Srs. Produtores prestassem a este facto a melhor atenção?

— *Documentários portugueses no Brasil* — Escrevem-nos de lá a dizer que são raros os Documentários dos mais salientes acontecimentos portugueses que aparecem nos Cinemas brasileiros. Ora sendo, como são, esses Documentários a melhor e mais indiscutível prova das realidades, parece que devia funcionar com mais seguros resultados a parte do Acordo Cultural que estabelece a permuta dessas fitas entre os dois Países. Acordos só no papel — são fantasias inócuas.

— *As Policlínicas da Cidade* — Funcionam em Lisboa numerosas Policlínicas, destinadas aos doentes que não podem pagar 100, 200 ou 300 escudos por uma consulta de especialidade. Cumprem elas, porém, com verdadeiro rigor sua missão humanitária? Não seria interessante um largo inquérito a respeito das instalações, forma de consulta, escrúpulo de exame, etc., etc.? A Caridade só tem este nome nobilitante quando realmente o é. Parecê-lo apenas — é muito pouco.

★ A EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA NO RIO DE JANEIRO era até há poucos anos bastante difícil e dispendiosa, porque havia só um Ginásio oficial, correspondente aos nossos Liceus. O ensino ministrava-se nos Ginásios, Colégios e Institutos particulares a preços nem sempre acessíveis. Pois temos presente uma elucidativa brochura em que se descrevem os altos serviços prestados à Educação brasileira pelo General Mendes de Moraes, actual Prefeito do Distrito Federal, sobretudo no que diz respeito aos Ginásios gratuitos por ele mandados instalar. Em 1948, começaram a funcionar onze estabelecimentos dessa natureza em locais previamente estudados: Copacabana, Meier (2), Engenho Velho (2), Vila Isabel, Praça da Bandeira, Santa Cruz, Centro (2) e Marechal Hermes. Um funciona em regime misto, quatro como externatos masculinos, um como internato feminino e três como internatos masculinos. Em todos, os alunos, além de instrução gratuita, recebem alimentação racional, também gratuita, mesmo em regime de externato. Antes de 1948, a Prefeitura tinha três escolas

gratuitas para ensino secundário, mas com organização deficiente, que se reflectia na diminuta frequência: 81 alunos em 1946 e 191 em 1947. Com a abertura dos onze novos Ginásios, a frequência deu logo estes saltos: 1.498 em 1948 e 2.864 alunos em 1949. Para a alimentação gratuita, a Prefeitura votou nestes dois últimos anos 16 milhões de Cruzeiros, ou seja mais de 20 milhões de Escudos. Outros Ginásios estão a concluir-se ou em construção: em Bangú, Oswaldo Cruz e Gávea, na Ilha do Governador e em Bom Sucesso. Modernos e higiênicos, os novos edificios obedecem a todos os requisitos ensinados pela mais adiantada pedagogia. É de notar uma interessante novidade introduzida no ensino destes Ginásios pelo distintíssimo Professor Clóvis Monteiro, Secretário Geral de Educação e Cultura. Os Ginásios substituem os cursos básicos industriais, mas os alunos são obrigados a frequentar as oficinas. Quer dizer, à educação profissional antiga acrescerá a cultura geral proporcionada pelo ensino secundário. Levantaram-se objecções contra várias disciplinas, julgadas desnecessárias — o Latim e algumas Línguas vivas. Mas o Prof. Clóvis Monteiro respondeu com acerto aos críticos: a educação secundária é ministrada num justo equilíbrio entre letras, ciências, artes e profissão e com o novo regime faculta-se ao portador de um certificado de Curso industrial o poder prosseguir nos seus estudos com os mesmos direitos de um ginásiano.

★ ESSE CASO DA LUVA E DO BEIJA-MÃO — Convém repetir: Pergunta-se a novos e velhos, a membros do Clero, da Nobreza e do Povo de onde veio essa moda de tirar-se a luva para cumprimentar quem se encontra e ninguém dá resposta satisfatória. Seria algum volframista que a inventou? Foi algum automobilista do mercado negro? Não se sabe. Os estrangeiros riem-se e os portugueses habituados a viajar dizem que tal invento é de patente nacional. Contudo, os muito susceptíveis, os que criaram na epiderme um completo tratado de civilidade melindram-se, consideram-se desrespeitados se alguém (do sexo masculino, está claro) os cumprimenta de mão enluvada. Continuem a reagir os que reprovam o ridículo melindre e a patetice cairá por terra. O beija-mão, que tem tradições e figura ainda no protocolo de certas solemnidades, tornou-se igualmente fútil e deselegante no trato comum, que melhor fora poupá-lo ao rebaixamento que o espera. Deixem isso para as ocasiões próprias e para as pessoas que a ele tenham indiscutível jus e ainda poderá salvar-se um tão gracioso jeito de fina cortesia. Doutra forma, a aplicar-se a torto e a direito, como se tornou feio hábito, não tardará que desça até ao padeiro e ao leiteiro, quando, pela escada de serviço, sobem a fornecer os géneros e a namorar as criadas...

★ REIS GOMES — Oficial distintíssimo, com o peito cheio de medalhas e condecorações, João dos Reis Gomes, há pouco falecido, foi Escritor ilustre e Académico desde 1924. Dedicou-se principalmente a estudos sobre o Teatro, sendo um dos Mestres acatados pelos bons actores, quando estes tinham o bom hábito de se insuïrem. Distribuiu, porém, a sua forte capacidade realizadora por

vários ramos da Literatura e da Arte. Citemos algumas das suas obras: 'O Teatro e o Actor' (Esboço filosófico); 'A Música e o Teatro', 'Figuras de Teatro', 'O Belo natural e artístico, definição da Obra de Arte', 'Atracções da França, Suíça e Itália', 'Três capitais de Espanha, Burgos, Toledo e Sevilha', 'Guiomar Teixeira' (Peça histórica em 4 actos e 5 quadros); 'Natais' (Contos e Narrativas); 'O Vinho da Madeira'; 'Casas Madeirenses'; 'O Cavaleiro de Santa Catarina', etc. Noutro lugar desta revista publicamos um inédito de João dos Reis Gomes.

★ ANTÓNIO NOBRE — Neste mês de Março completa-se meio século sobre a morte do Poeta do 'Só', único livro seu de que reviu as duas primeiras edições. Lírico profundamente original e da mais pura lusitanidade, António Nobre foi o anunciador duma nova Poesia e exerceu em muitos dos Poetas que se lhe seguiram influências as mais diversas. Tem sido muito estudada a obra de António Nobre, mas ainda não se fez dela a análise crítica que merece. Certamente a teria feito Alberto de Oliveira, se a morte o não tivesse desligado de todos os trabalhos que planeava e nos prometera. Quem a poderá fazer agora sem os elementos que este seu inseparável amigo tinha e não confiou a ninguém? — Na pág. 156 publicamos um escultural soneto de Mário Beirão consagrado ao seu nobre Camarada da segunda metade do Século XIX.

★ «GRUPPO AMICI DEL PORTOGALLO» — Fundado em Roma, em 1947, por iniciativa do Prof. Leo Magnino, este Grupo realizou já vários actos de intercâmbio cultural luso-latino, como consta do seu Boletim agora publicado. Fazemos votos pelas prosperidades do Grupo e muito desejamos que saiba manter-se sempre acima de corrilhos ou de paixões restritas, como convém a Institutos dessa natureza. As nossas revistas e edições serão enviadas ao Grupo, mal nos informe da constituição da sua Biblioteca.

★ NOTA DO FIM — Parece que não logrou o esperado êxito no Brasil certo *fado*, que muitos fanáticos da deprimente cantilena teimam em classificar de... Canção Nacional. Os brasileiros também por lá têm os seus maus *fados* e, por isso, ninguém poderá estranhar que considerem suficientes aqueles de que ainda se não conseguiram libertar. Pedro Calmon defende a afirmação de que esse faduncho das moinas e tabernas lúgubres foi exportado do Brasil para os bairros ribeirinhos de Lisboa nas velhas naus de séculos idos. Para que havemos de tornar a enviar-lho, embora com mais polimento e outros arrebuques? Temos, felizmente, muita coisa bela e limpa em assunto de Canto e de Música e a obrigação, sobretudo, de não enxovalhar no Estrangeiro o nome de Portugal.

ÁLVARO PINTO

Não se consentem grafias duplas ou facultativas. Cada palavra da Língua Portuguesa terá uma grafia única. Não se consideram grafias duplas as variantes fonéticas e morfológicas de uma mesma palavra. (Do Acordo ortográfico luso-brasileiro, de 10-VIII-1945).



Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes

LISBOA

Agentes em Lisboa: COMPANHIA UNIÃO FABRIL (Secção Marítima)
Rua do Comércio, 39 — Telefone 3 0551

FROTA

n/m «África Ocidental»	1.504 Ton.	n/m «Cartaxo»	1.376 Ton.
n/m «Alcobaça»	9.437 »	n/m «Colares»	1.376 »
n/v «Alcoutim»	10.526 »	n/m «Conceição Maria»	2.974 »
n/m «Alfredo da Silva»	5.500 »	n/m «Coruche»	1.376 »
n/m «Alexandre Silva»	2.974 »	n/v «Costeiro»	900 »
n/m «Alemquers»	9.437 »	n/v «Costeiro Segundo»	490 »
n/v «Alferrarede»	2.118 »	n/m «Costeiro Terceiro»	1.426 »
n/m «Almeirim»	9.437 »	n/m «Covilhã»	1.376 »
n/v «Amarante»	12.595 »	n/v «Cunene»	9.800 »
n/m «Ambrizetes»	9.100 »	n/v «Foca»	2.018 »
n/m «Ana Mafalda»	5.500 »	n/v «Inhambane»	9.619 »
n/m «Ándulo»	9.100 »	n/v «Luso»	10.125 »
n/m «António Carlos»	2.974 »	n/v «Maria Amélia»	3.005 »
n/m «Arraiolos»	9.437 »	n/v «Mello»	6.953 »
n/m «Belas»	7.100 »	n/v «Mirandella»	7.000 »
n/m «Borba»	7.145 »	n/m «São Macário»	1.221 »
n/m «Braga»	7.110 »	n/v «Saudades»	6.430 »
n/m «Bragança»	7.110 »	n/v «Zé Manel»	1.220 »

Total: 186.415 toneladas

Rebocadores — «Africa», «Cintra», «Estoril», «Freixo», «São Cristóvão», «Soure»

Lanchas a motor — «Garotas», «Bilhão», «Obidos», «Maquela», «Carocha»

34 Batelões (19 de 500 ton. 13 de 400 ton. e 2 de 250 ton.); 24 Fragatas (2.150 ton.); 1 Barca de água (250 ton.) e 1 Draga «Barreiros» com 5 Batelões de Dragadas com 80 m3 cada

Em construção nos estaleiros da C. U. F.: 2 Navios de 5.500 ton. para 36 passageiros e carga, cada um; 2 Rebocadores de 1.200 ton. cada um

Carreiras de Lisboa para: Norte de Europa — Norte de Africa — Cabo Verde — Guiné — Angola — Argentina — Chile — Estados Unidos — Terra Nova — Groenlândia e Costa de Portugal

Importantes — A Companhia que mais navios tem ao seu serviço construídos em Portugal nos estaleiros da Companhia União Fabril no Barreiros e Lisboa

Companhia Nacional de Navegação

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras de África

SEDE

RUA DO COMÉRCIO, 85

LISBOA

SUCURSAL

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 73

PORTO

Serviço rápido de passageiros para a África Ocidental e África Oriental, Brasil e América do Norte

FROTA DA C. N. N.

«Angola»	18.250 Ton.	«Lourenço Marques»	6.400 Ton.
«Sofala»	12.500 »	«Cabo Verde»	6.200 »
«Moçâmedes» n/m.	9.100 »	«Congo»	5.000 »
«Rovuma» n/m	9.100 »	«Nacala»	2.390 »
«S. Tomé» n/m.	9.100 »	«Tagus»	1.600 »
«Niassa»	9.000 »	«Chinde»	1.393 »
«Nova Lisboa»	8.800 »	«Luabo»	1.385 »
«Cubango»	8.300 »	«Inharrime»	1.000 »
«Quanza»	6.500 »	«Save»	763 »

AGÊNCIAS EM TODOS OS PORTOS AFRICANOS E NOS PRINCIPAIS PORTOS DO MUNDO



TOSSE ?

BENZO-DIACOL

DRÁGEAS

GOTAS

XAROPE